



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TALLYTA NUNES ROCHA

**O ESPAÇO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO
COMPARATIVO DE DUAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA.**

Marabá-PA

2018

TALLYTA NUNES ROCHA

**O ESPAÇO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO
COMPARATIVO DE DUAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como exigência parcial para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Leticia Souto Pantoja.

Marabá-PA

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares / UNIFESSPA. Marabá, PA

Rocha, Tallyta Nunes

O espaço do brincar na educação infantil: um estudo comparativo de duas escolas no município de Marabá-Pa / Tallyta Nunes Rocha ; orientadora, Letícia Souto Pantoja. — 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2018.

1. Professores de educação infantil – Formação - Marabá (PA). 2. Educação infantil - Professoras. 3. Aprendizagem. 4. Brincadeira - Metodologia. 5. Prática de ensino. 6. Crianças - Desenvolvimento. I. Pantoja, Letícia Souto, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.71

Elaboração: Miriam Alves de Oliveira
Bibliotecária-Documentalista CRB2/583

TALLYTA NUNES ROCHA

**O ESPAÇO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO
COMPARATIVO DE DUAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Educação (FACED) da
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará,
como exigência parcial para obtenção de título de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Leticia Souto Pantoja (Orientadora)

Profa. Msc. Silvana de Souza Lourinho

Profa. Dra. Terezinha Cavalcante Feitosa

Dedico este trabalho ao meu avô José Raimundo (in memoriam) pelas boas lembranças de infância que me proporcionou, e aos meus pais Evanildo e Julita por acreditar em mim e pelo grande apoio para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por sua graça para comigo. Por ter me sustentado e me capacitado até hoje e por ter tornado possível a conclusão deste curso. Toda honra e glória pertence à Ele.

Aos meus pais Evanildo e Julita pelo apoio e incentivo durante esta jornada, principalmente à minha querida mãe por não ter deixado que eu desistisse do curso, e por me fortalecer com suas palavras diante das dificuldades enfrentadas.

Aos pastores Jeferson e Joalene pelas orações, conselhos, apoio e carinho. E aos meus irmãos da fé que Marabá me proporcionou, obrigada pelas orações. Vocês foram fundamentais na minha vida espiritual.

Quero agradecer também ao meu namorado David Sousa pelo companheirismo e compreensão durante este período.

Agradeço às minhas amigas Érica Lobo e Aline Carvalho pela amizade e companheirismo e pelas inúmeras gargalhadas nas nossas noites de corujão, com vocês esta jornada se tornou mais agradável.

À professora Dra. Letícia Souto Pantoja pelas orientações, motivações, tranquilidade e confiança durante a produção deste trabalho. E também a todos os professores pelos conhecimentos e experiências de vida na qual contribuirão para a minha formação pessoal e profissional.

Não poderia deixar de agradecer as professoras que fizeram parte deste trabalho, por não terem se esquivado em me ajudar na realização da pesquisa. Obrigada pela disposição e confiança.

Também agradeço a todas as professoras que conheci neste caminho, ao qual aprendi muito na prática de lecionar, em especial as professoras Célia Regina, Viviane e Marcela por terem me apoiado e com suas atitudes terem me ensinado o quão lindo é ser uma professora.

Enfim, obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste curso. Minha sincera gratidão.

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O presente trabalho foi realizado em torno da temática do espaço do brincar, tendo como questão norteadora de estudo: como as professoras de educação infantil tem se apropriado do espaço para favorecer uma educação pelo brincar e como as interações são estabelecidas? No seu desenvolvimento, buscou-se realizar um pequeno percurso da história da infância e destacar a importância do brincar no desenvolvimento infantil e dos espaços disponíveis para tal realização, desde a sua dimensão física ao social. Para tanto, o trabalho constituiu-se em uma análise das observações durante a pesquisa de campo em duas escolas públicas de Educação Infantil no município de Marabá-PA. Tal análise foi ancorada nos estudos de Philippe Ariès, Friedrich Froebel, Maria Montessori, Vygotsky, Wallon, Kuhlmann, Kramer, Horn entre outros. A investigação se caracteriza, portanto, como de abordagem qualitativa, utilizando-se de elementos do estudo de caso comparado. Durante as observações foi possível perceber que as professoras sentem certa dificuldade em trabalhar o brincar na sala de aula e de utilizar os espaços disponíveis na escola, pois para as professoras entrevistadas o brincar está bastante associado ao tempo e materiais disponíveis às crianças, e que ele só apresenta um valor se houver um cunho educativo. No entanto, em termos de conclusão, é possível constatar a efetiva importância dos espaços de brincar para o desenvolvimento infantil, mas que a mediação adequada por parte do professor, se torna fundamental para que a criança interaja umas com as outras e com o espaço, para que de fato a educação pelo brincar seja efetiva.

Palavras-chaves: Brincar. Espaço físico. Espaço social. Educação infantil.

ABSTRACT

The present work was carried out around the theme of the space of play, having as a guiding question of study: how the teachers of infantile education has appropriated the space to favor an education by playing and how the interactions are established? In its development, we sought to carry out a short history of childhood and highlight the importance of playing in children's development and the spaces available for such achievement, from their physical to social dimension. Therefore, the work is an analysis of the observations during the field research in two public schools of Early Childhood Education in the municipality of Marabá-PA. This analysis was anchored in the studies of Philippe Ariès, Friedrich Froebel, Maria Montessori, Vygotsky, Wallon, Kuhlmann, Kramer, Horn among others. The research is characterized, therefore, as a qualitative approach, using elements of the comparative case study. During the observations, it was possible to perceive that the teachers feel a certain difficulty in working in the classroom and using the available spaces in the school, because for the teachers interviewed the play is very associated with the time and materials available to the children, and that it only shows a value if there is an educational aspect. However, in terms of conclusion, it is possible to verify the effective importance of play spaces for child development, but that adequate mediation by the teacher becomes essential for the child to interact with each other and with the space, so that education through play is effective.

Keywords: Play. Physical space. Social space. Child education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Sala da turma do Jardim II, NEI “Mundo Encantado”	41
Figura 2: Pátio e refeitório da escola	42
Figura 3: Escovatório e acesso aos banheiros	42
Figura 4: Sala de aula (Frente), Jardim II, NEI “Aquarela”	44
Figura 5: Sala de aula (Fundo), Jardim II.....	45
Figura 6: Solário	45
Figura 7: Pátio da escola.....	46
Figura 8: Caixa de areia.....	46
Figura 9: Sala de brinquedos	47
Figura 10: Jogo do alfabeto	56
Figura 11: Brincando de faz-de-conta	56
Figura 12: Brincadeira livre no solário	57
Figura 13: Brincadeira livre na caixa de areia	57
Figura 14: Brincadeira livre na sala de brinquedos	58
Figura 15: Contação de história.....	59
Figura 16: Piquenique na sala.....	59
Figura 17: Dança das cadeiras	63
Figura 18: Brincadeira livre no pátio.....	64
Figura 19: Brincando com monta-monta.....	66
Figura 20: Brincando de cozinha.....	67
Figura 21: Brincadeira livre (meninos)	68
Figura 22: Brincadeira livre (meninas).....	69
Figura 23: Brincando de Faz-de-conta	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 REFLEXÕES ACERCA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
1.1 A INFÂNCIA E O BRINCAR	15
1.2 A HISTÓRIA DO BRINCAR NO BRASIL	25
1.3 O ESPAÇO DO BRINCAR: DA DIMENSÃO FÍSICA AO SOCIAL	27
2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	38
2.1 ABORDAGENS E PROCEDIMENTOS.....	38
2.2 DESCRIÇÃO DO <i>LOCUS</i> DE PESQUISA.....	39
2.3 OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	48
3 DISCUSSÃO DO OBJETO DA PESQUISA	50
3.1 A RELAÇÃO DO BRINCAR E DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS	50
3.2 O USO DOS ESPAÇOS ESCOLARES PARA O BRINCAR	54
3.3 AS RELAÇÕES COM AS CRIANÇAS E O BRINCAR.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE A	78
APÊNDICE B.....	103

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um estudo sobre a importância do espaço físico para favorecer o espaço social através do brincar, uma vez que é no espaço físico que o espaço social é desenvolvido através do brincar, onde as crianças compartilham culturas e se interagem umas com as outras.

O brincar é algo essencial no desenvolvimento das crianças, é a forma delas, no qual, elas se comunicam, se expressam e conhecem o mundo ao seu redor. É acima de tudo, uma necessidade de qualquer ser humano, independentemente da idade (ALMEIDA, 2014). Logo, o brincar esteve presente desde muito tempo na sociedade nas suas variadas formas, como nos esportes, dança, pesca, praticadas em determinada época ou contexto cultural, que eram realizadas através do movimento do corpo.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI):

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, 23).

Além disso, o brincar é um direito de toda criança. No entanto, o que vemos muitas vezes, são crianças privadas de gozar de seus direitos. Devido ao crescente aumento populacional, os espaços estão cada vez mais sendo diminuídos, e com isso as crianças tem perdido seus espaços de brincar. A liberdade de brincar na rua, não é realidade de muitas crianças. A violência, os movimentos dos carros tem sido atualmente os grandes causadores da perda dos espaços livres do brincar, e a escola acaba sendo, de certa forma, o único espaço que tem possibilitado o brincar com liberdade.

A partir dessas argumentações, esta pesquisa propõe-se a investigar a importância do brincar na prática pedagógica, assim como a utilização do espaço pelas professoras de modo a favorecer o brincar. A escolha do tema originou-se a partir dos estudos realizados nas aulas de *Ludicidade e Educação Estética*, na qual proporcionou à pesquisadora o primeiro contato com crianças da Educação Infantil (E.I.) através de uma oficina lúdica (com jogos, brinquedos e brincadeiras) realizada em uma escola do Município de Marabá. Além disso, no estágio supervisionado na Educação Infantil, foi possível perceber um pouco da realidade de algumas escolas, na qual em sua minoria oferecem às crianças um espaço e possibilidades para que

professores e professoras atuem de forma efetiva no desenvolvimento da criança através do brincar.

Vale ressaltar, que a princípio deste trabalho, a questão inicial da pesquisadora era entender como as Brinquedotecas estavam sendo utilizadas pelas professoras da E.I., pois acreditava-se que a Brinquedoteca era o espaço mais apropriado para que o brincar das crianças fossem de fato efetivo. Para tanto, foi necessário investigar quais escolas de E.I. do município de Marabá possuíam brinquedotecas, e detectou-se que não haviam Brinquedotecas nas escolas. E com isso, a questão principal deste trabalho buscou outro rumo.

A partir deste fato, a pesquisadora retomou à outras pesquisas e estudos, e com isso, buscou-se entender a importância do espaço físico e de como as professoras da E.I. tem se apropriado deste espaço para favorecer uma educação pelo brincar. E com isso, a pesquisadora selecionou duas escolas com estruturas físicas diferentes para a realização do presente trabalho.

No entanto, este estudo não se refere apenas ao espaço físico, mas também ao espaço social, de como as relações são estabelecidas no espaço físico. Pois a partir de Horn (2004, p. 35), entendemos que o espaço não é neutro, mas construído socialmente.

Não se considera apenas o meio físico ou material, mas também as relações resultantes dele. Este é um todo indissociável de objetos, de odores, de formas, de sons e de pessoas que habitam e relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é formada por esses elementos que pulsam dentro dela como se tivesse vida.

Desse modo, na busca de estudar como os professores tem utilizado esses espaços, procuramos analisar as condições dos espaços das escolas pesquisadas; observar as atividades desenvolvidas nesses espaços e identificar os problemas/limitações que as professoras encontram na utilização desses espaços e analisar as relações estabelecidas entre a criança-criança, criança-educador e criança-espaço.

Na primeira sessão deste trabalho consiste em uma reflexão acerca do universo infantil. Assim, é apresentado um breve histórico da infância e do brincar tanto em países europeus como no Brasil. Também é discutida a questão do espaço do brincar desde a dimensão física a social. Tal estudo baseou-se em autores como Philippe Ariès, Friedrich Froebel, Maria Montessori, Vygotsky, Wallon, Kuhlmann, Kramer, Horn entre outros.

A segunda sessão descreve a metodologia utilizada para a realização do trabalho, o tipo de pesquisa, instrumentos e técnicas utilizadas, a definição da área de estudo, os procedimentos para a coleta de dados, a descrição do *locus* de pesquisa e os sujeitos participantes da pesquisa.

A terceira sessão busca apresentar a discussão do objeto de pesquisa a partir dos dados coletados com a análise e interpretação dos mesmos com base nas argumentações teóricas utilizadas.

Por fim, as considerações trazem reflexões acerca do uso do espaço de modo que o leitor possa entender que o brincar e o espaço tanto da sala de aula como fora dela, é um apoio pedagógico para os profissionais da Educação Infantil, possibilitando práticas inovadoras de trabalhar o espaço do brincar de modo a favorecer o desenvolvimento integral da criança. O que tornará mais significativo para os profissionais, pois um bom trabalho voltado ao lúdico trará muitos benefícios às crianças.

1 REFLEXÕES ACERCA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 A INFÂNCIA E O BRINCAR

O brincar é considerado algo natural de qualquer ser humano, especialmente das crianças, sendo este uma atividade de grande necessidade para elas. Deste modo, quando falamos de criança, falamos de infância e de seu universo lúdico, que é o brincar, pois de acordo com estudos a criança vê o mundo através do brinquedo, da brincadeira.

Friedmann (2012) afirma que o brincar já existia há muito tempo na vida dos seres humanos, antes mesmo dos primeiros estudos sobre o assunto, e que na Antiguidade e ao longo do tempo histórico, há evidências de que o homem sempre brincou. Embora isso seja um fato, o brincar nem sempre foi visto como algo relevante na vida do ser humano, em especial na vida das crianças e suas infâncias, considerado apenas como uma distração e uma fuga ao trabalho.

Por muito tempo, a criança teve uma infância desconhecida pelos adultos. Todavia, com o passar dos tempos, a visão de infância foi construída social e historicamente e o brincar começa então a ser considerado algo essencial nesta fase da vida, trazendo consigo vários estudos que revelam a importância de se valorizar a criança e sua infância assim como também o seu ato de brincar.

Embora a criança sempre tenha existido, o sentimento de infância por muito tempo foi inexistente no meio das famílias e na sociedade. Na palavra latina, infância – *in-fans* – significa o que não fala, trazendo consigo um sentido de negatividade. Todavia, estudiosos se voltaram a estudar essa fase da vida, procurando assim, um conceito de infância.

Entre esses estudiosos, o autor francês Philippe Ariès (1914-1984) se destaca por sua dedicação a estudar o sentimento de infância. Em sua obra “*História social da criança e da família*”, ele relata que no período da Idade Média não havia um sentimento de infância em que diferenciava as crianças dos adultos, pois destaca-se que era provável que não houvesse lugar no mundo para a infância. Nesta época, a criança era vista e tratada como um “adulto em miniatura”, exercendo também atividades dos mais velhos.

Para os homens dos séculos X-XI a infância não tinha importância, pois para eles essa fase era apenas um período de transição que logo passava e se perdia nas lembranças, o que não fazia sentido fixar na memória.

A criança não recebia nenhum tipo de cuidado higiênico nesta época, pois assim que elas deixavam os cueiros – a faixa de tecido enrolada em torno do corpo – já eram tratados como adultos, desde a sua vestimenta às atividades que exerciam. Fato este que levou a um

índice muito alto de mortalidade, sendo um dos motivos usados para que as mães não se apegassem a seus filhos e nem sofressem a sua perda. Desse modo, Ariès destaca que a insensibilidade era natural nas condições demográficas da época.

Esse sentimento de indiferença com relação a uma infância demasiado frágil, em que a possibilidade de perda é muito grande, no fundo não está muito longe da insensibilidade das sociedades romanas ou chinesas, que praticavam o abandono das crianças recém-nascidas [...] (ARIÈS, 1981, p. 22).

Entretanto, foi só a partir do século XVII que o reconhecimento da criança começou a surgir através da iconografia. As famílias começaram então a se organizar em torno das crianças, tornando-as o centro da composição, o que era bem nítido nos retratos de família. Assim, segundo Ariès (1981, p. 28):

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais do seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.

Neste período, as crianças de famílias nobres, por sua ingenuidade, gentileza e graça, tornaram-se fonte de distração e divertimento para os adultos, um sentimento que segundo Ariès poderia ser chamado de “paparicação”.

A partir de então, vários conceitos de infância foram construídos. Desse modo, de acordo com os estudos de Ariès, a autora Kramer (2007) afirma que a visão de infância foi construída social e historicamente, e a inserção concreta das crianças e seus papéis variam de acordo com as organizações da sociedade.

No entanto, trabalhos como os de Comenius (1592-1670), Rousseau (1712-1778) e de Pestalozzi (1746-1827) trouxeram outro “sentimento de infância”. Preocupados em conquistar o lugar das crianças pequenas na sociedade, estes autores criaram métodos próprios para a educação (seja ela em casa ou em instituições) de crianças de até 6 anos.

De acordo com Bujes (2001, p. 13) por muito tempo, a educação das crianças pequenas foi considerada uma responsabilidade apenas da família. A criança aprendia a se tornar membro do grupo a partir da convivência com os adultos e com outras crianças, participando das tradições que eram importantes para eles e a dominar os conhecimentos necessários tanto para a sua sobrevivência como para as exigências da vida adulta. Neste sentido, para Comenius, esse nível inicial de aprendizagem era considerado como “colo da mãe”, ou seja, era no seio familiar que a aprendizagem pelos sentidos era iniciava.

Rousseau com suas ideias humanistas, defendia que a criança necessitava experimentar desde cedo coisas e situações de acordo com seu tempo, com seu processo de

maturidade, ou seja, deixando as coisas ocorrerem conforme a natureza, correspondendo a vocação humana.

De acordo com Aranha (1989, p. 156) “Rousseau colocava a criança no centro dos interesses pedagógicos. Mais que isso, enfatiza a especificidade fundamental da criança, que não é um ‘adulto em miniatura’”. Dessa forma, sua educação era pouco voltada na intervenção educativa, pois sua preocupação era que a formação integral da criança a tornasse em um homem bom e feliz, “educado para si mesmo”.

Rousseau não se dá muito ao conhecimento transmitido pois quer que a criança aprenda a pensar. A educação não deve ser um processo que vem de fora para dentro mas, ao contrário, deve partir do desenvolvimento interno e natural da criança (ARANHA, 1989, p. 159).

Nesta mesma ideia, Pestalozzi também defendia que a educação deveria ocorrer em um ambiente mais natural possível, e que a criança deveria ter contato com a natureza, com os sons, aromas, sabores, defendendo a ideia da educação pelos sentidos defendida também por Comenius (OLIVEIRA, 2000).

Pestalozzi acreditava que a família era a base para a educação de qualquer ser humano. Segundo Aranha (1989, p. 185) a educação de Pestalozzi seguia uma organização gradual do conhecimento, no qual partia do mais simples para chegar ao complexo. Desse modo, o estudioso considerava um homem como um todo, referindo à unidade espírito-coração-mão, dando importância ao desenvolvimento da tríplice atividade conhecer-querer-agir que, dessa forma, a inteligência, a moral e a técnica iam sendo aprimoradas. Foi a partir disso que Pestalozzi valorizava os métodos da organização do trabalho manual e intelectual.

Em decorrência, o pedagogo Friedrich Froebel (1782-1852), discípulo de Pestalozzi, prosseguiu com as ideias dentro da educação pré-escolar, conquistado pelo movimento romântico. Com a mesma ideia naturalista de Pestalozzi, Froebel cria o Jardim de Infância¹ (*kindergarten*), para identificar as instituições para crianças em idade pré-escolar. O termo “jardim de infância” está estreitamente associado com sua concepção, pois para ele a infância é comparada a uma planta que necessita de água, solo rico, nutrientes e luz do sol, tudo sob os cuidados de uma boa jardineira – professoras do Jardim de Infância – que saiba ouvir as necessidades de cada planta, ou seja, de cada criança.

Além do mais, Froebel relaciona o jogo e as brincadeiras com o desenvolvimento e a educação de crianças menores de 6 anos.

¹No Brasil, os primeiros jardins de infância foram criados em São Paulo, na Escola Americana em 1877, e no Rio de Janeiro em 1880, destinados apenas para crianças de elite. Somente em 1896, na Escola Normal Caetano Campos, em São Paulo, criou-se o primeiro Jardim de Infância público baseado nas ideias de Froebel.

Neste ponto Froebel foi pioneiro por reconhecer o jogo e a brincadeira como as formas que a criança utiliza para expressar como vê o mundo, além de serem geradores do desenvolvimento na primeira infância. Por isso, Froebel considera a brincadeira uma atividade séria e importante para quem deseja realmente conhecer a criança (ARCE, 2002 *apud* ALMEIDA, 2014, p. 31).

Assim, Froebel cria jogos educativos chamados de “dons” como uma forma de desenvolver a inteligência e essência da criança através do brincar, para assim mostrar seu talento e habilidades. Todos esses jogos tinham como finalidade a “educação dos sentidos” das crianças pequenas. Para ele, o caminho da aprendizagem se dava a partir das brincadeiras. Desse modo, Froebel é considerado o primeiro pedagogo da educação infantil, trazendo uma concepção de educação que rompe com o modelo verbal e tradicionalista de sua época.

Maria Montessori (1870-1952) médica e educadora, está entre os principais pioneiros da ideia de uma educação infantil, na qual contribuiu com a ideia baseada no aspecto biológico do crescimento e desenvolvimento infantil. Ela ficou marcada por sua criação de materiais adequados à exploração sensorial pelas crianças. Também propôs que o mobiliário escolar fosse adaptado ao tamanho das crianças e exigiu a miniaturizar os objetos domésticos cotidianos para serem usados no brincar das crianças, como por exemplo, a casinha de boneca (OLIVEIRA, 2000, p. 15).

A ideia de educação e desenvolvimento infantil também conta com as grandes contribuições dos psicólogos Vygotsky (1896-1934) e Wallon (1879-1962)². Eles buscaram novas formas de compreender e promover o desenvolvimento das crianças pequenas. Vygotsky defendeu que o funcionamento psicológico estrutura-se a partir das relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e o mundo, indicando que era necessário compreender a criança enquanto sujeito histórico, social e cultural e que é por meio de parceiros mais experientes que a criança é introduzida na cultura. Neste sentido, o autor enfatiza a importância do brincar no processo de desenvolvimento infantil.

Para Vygotsky, a brincadeira é uma importante promotora de desenvolvimento, pois através dela a criança aprende a atuar em uma esfera cognitiva que depende da motivação interna. Em consequência, a criança constrói aprendizagens ao desenvolver ações compartilhadas com outras crianças apropriando um saber construído em uma cultura, no qual foi adquirido por meio da relação com parceiros mais experientes.

Dessa forma, é através do brincar que a criança se socializa com outros (criança e adultos) e neste processo, o adulto tem como função promover situações em que as interações entre as crianças e o meio sejam provedoras de desenvolvimento. Assim, através da

² Tais teóricos serão mais explanados na terceira sub sessão deste capítulo.

brincadeira o adulto pode propor questões e desafios que vai além da realidade e idade da criança. Além disso, no brincar a criança rompe seus limites, reflete sobre os desafios, propõem soluções e resolve problemas, como também, desenvolve a sua imaginação e passa a compreender a sua realidade.

Wallon também se dedicou a estudos sobre a criança, em especial à primeira infância, no qual é marcado por sua teoria sobre a socialização infantil nos trabalhos recentes sobre o desenvolvimento integral da criança. Para este autor, é através das experiências oferecidas pelo meio e do grau de adaptação que o sujeito faz delas, que a inteligência se desenvolve na criança. Desse modo, os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem, bem como os conhecimentos presentes na cultura cooperam efetivamente para formar o contexto de desenvolvimento. Ou seja, o desenvolvimento se dá na interação do seu organismo com o meio que a pessoa está inserida.

Desse modo, podemos perceber que a infância que antes era desconhecida, passa a ser então uma fase da criança a ser reconhecida e valorizada não só pela família, como foi destacado por Ariès, mas também por estudiosos que se preocuparam a defender essa fase da vida e a contribuir para a educação dos pequenos.

No entanto, cabe ressaltar o processo de inserção das instituições voltadas para a educação infantil e as lutas envolvidas neste processo na visão política na história das sociedades ocidentais. Assim sendo, Oliveira (2000, pp. 15, 16) relata que:

As instituições pré-escolares nasceram no século XVIII em resposta à situação de pobreza, abandono e maus-tratos de crianças pequenas cujos pais trabalhavam em fábricas, fundições e minas criadas pela Revolução Industrial que se implantava na Europa Ocidental [...] alguns protestantes defendiam a educação como um direito universal. Todavia, aos mais pobres era proposta a educação da ocupação e da piedade.

As creches neste sentido, tinham um perfil assistencialista, para crianças pobres filhas das mães trabalhadoras. É importante frisar que foi a partir da preocupação com a pobreza e o abandono das crianças pequenas que levaram Pestalozzi e Montessori a criar propostas educativas para as pré-escolas. Eles incentivaram a criação das instituições para atender crianças de 0 a 3 anos, filhos de mulheres operárias, com o intuito de combater as péssimas condições de saúde das crianças da população mais empobrecida.

No Brasil, de acordo com Kuhlmann (2000) as instituições de educação infantil foram influenciadas pelos países europeus na passagem do século XIX ao XX. As transformações sociais, advinda da industrialização, urbanização, desenvolvimento científico e tecnológico, as

mudanças da organização familiar, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, foram os principais fatores das criações das creches.

Com o início da República no fim do século XIX, houve uma grande preocupação com a educação das crianças, pois as mesmas passaram a ser vistas como os futuros cidadãos patrióticos, e por isso deveriam ser bem educadas. Neste sentido, Monarcha (2011, p.123) afirma que:

Nesse momento histórico, representado como Ano 1 da nova era, o discurso republicano, pleno de messianismo político, promove uma súbita valorização da criança, representando-a como herdeira da República, alegorizada esta na figura da mulher amorosa e abnegada. Para esse ponto de vista, cabe ao Estado exercer o papel de preceptor dos novos, subtraindo-os do âmbito do privado, familiar e afetivo e conduzindo-os para o âmbito do público. Em outras palavras, esse discurso convida os novos a herdarem o novo regime e a protagonizarem, no transcorrer de suas vidas, uma história fabular, cujo enredo deve ser a liberdade e o progresso.

Neste contexto, o Estado toma para si a responsabilidade de cuidar da educação das crianças, tendo assim, outro olhar a essa fase da vida, considerando-as como o futuro da nação. Além disso, houve também uma forte preocupação dos médicos para com as crianças, surgindo assim os pediatras, que buscavam um acompanhamento especializado junto às famílias nos cuidados para com a higiene e a saúde das crianças pequenas.

É nesse período que o Estado institui então, as primeiras creches no Brasil, na qual possuíam um caráter assistencialista tendo como função o cuidado das crianças pequenas enquanto as mães trabalhavam. Neste sentido, Didonet (2001) destaca que os fatores históricos, sociais e econômicos das famílias, determinaram as principais características do modelo tradicional de creche. Assim:

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p. 13).

É importante lembrar também, que a expansão destas instituições, especialmente no final do século XIX na Europa e mais para a metade do século XX no Brasil, receberam grande influência das ideias dos médicos higienistas e dos psicólogos (BUJES, 2001). Neste sentido, Didonet (2001, pp. 12,13) acrescenta ainda que:

As preocupações médicas com as crianças atendidas pelo sistema filantrópico, motivadas pelas altas taxas de mortalidade, já estavam presente na década de 70 do século 19, aliando pediatria e filantropia, mas é na década de 30 do século 20 que se

ampliou a atuação dos profissionais da saúde, com proposta higienista, revezando-se no discurso ou mesclando atuação médica, sanitaria, assistencialista e moral.

Desse modo, vale ressaltar que no Brasil, os médicos higienistas foram os pioneiros a ter um novo olhar para a infância. Assim, tal influência é considerada assistencialista de cunho social – filantrópica – mostrando que apesar dos baixos investimentos feitos pelo Estado, havia uma preocupação com a criança pobre.

As creches, no entanto, eram consideradas como um equipamento para os pobres, marcadas por uma visão excludente e discriminatória. Enquanto os filhos das famílias de elite eram vistos como aqueles que necessitavam de um atendimento estimulador de seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, as crianças mais pobres recebiam um cuidado mais voltado para a satisfação de necessidades de guarda, higiene e alimentação. Dessa forma, é notório o paradoxo entre essas duas classes, além que, a formação das pessoas que cuidavam das crianças menos favorecidas não era algo obrigatório e nem específico.

No entanto, Kuhlmann (2000) relata que foi a partir da década de 1940 que políticas voltadas para a proteção à criança como também para a educação de crianças de zero a seis anos de idade começaram a ser formuladas. Deste modo, o Ministério da Educação e Saúde Pública cria o Departamento Nacional da Criança (DNCr) dirigido pelo médico Olinto de Oliveira, no qual tinha como um dos objetivos estabelecer normas para o funcionamento das creches.

De acordo com Kramer (1984, p. 71) em 1941, a mesma conjuntura que havia criado o DNCr, favoreceu a criação do Serviço de Assistência a Menores (SAM), tendo como função “superintender todo o amparo à infância, tanto judicial como administrativamente”. Através de suas ações, seu objetivo era o de evitar a má influência da família sobre as crianças, e formar bons cidadãos que servissem aos interesses da nação. Desse modo, ao completar dezoito anos, os jovens eram encaminhados ao Exército, à Armada e à Aeronáutica.

Porém, por não cumprir com tal função, em 1964 o SAM foi extinto, e criou-se a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), que também visava a proteção à criança, no entanto, extrapolaria a faixa etária pré-escolar. Com caráter normativo e supervisor “tinha como objetivo a formulação e implantação de uma política nacional do bem-estar do menor, passando a supervisionar todas as entidades públicas e privadas que prestavam atendimento à criança e ao adolescente” (SILVA e FRANCISCHINI, 2012, p. 266).

Em 1942 é criada a Legião Brasileira de Assistência (LBA) na qual contava com o apoio do poder público e privado – sob a inspiração de D. Darcy Vargas e com o apoio da

Federação das Associações Comerciais e da Confederação Nacional das Indústrias – tinha como objetivo principal atender crianças carentes, desde a maternidade aos primeiros anos de vida.

De acordo com Kramer (1984) anos mais tarde, a Legião foi transformada em Fundação, que além de prestar assistência à maternidade e à infância, prestaria também à adolescência.

A autora relata ainda que um dos projetos implantados pela FLBA foi o Casulo, em 1976. Esse projeto visava o atendimento à educação infantil, sendo este o primeiro projeto brasileiro de educação infantil de massa. O Casulo atendia crianças de zero a seis anos de idade, de modo a prevenir sua marginalidade, além do mais, proporcionava às mães tempo para trabalhar e contava com baixo custeamento.

Em relação aos objetivos do Projeto Casulo, Kramer (1984, p. 77) acrescenta ainda que:

A concretização dos objetivos educacionais do Casulo se dá através do desenvolvimento de atividades adequadas à faixa etária das crianças, de acordo com as suas necessidades e as características específicas de seu momento de vida. Como diretriz geral, o Projeto Casulo não pretende, portanto preparar para uma escolaridade futura: sua tônica se centraliza, por um lado, no atendimento às carências nutricionais das crianças e, por outro lado, na realização de atividades de cunho recreativo.

Embora a preocupação de uma proposta educacional de vários estudiosos dessa época fosse voltada para a população menos favorecida, como órfãos de guerra e crianças com deficiência, tais propostas foram sendo aperfeiçoadas por educadores que trabalhavam com crianças de classes privilegiadas, enquanto para as crianças pobres continuou com o atendimento apenas assistencialista/amparo e compensatória. Neste contexto, vale ressaltar que nos finais dos anos 1980, as crianças brasileiras nunca foram alvo de cuidado e educação por parte do Estado.

Neste sentido, podemos perceber esse descaso na fala de Kuhlmann (2000, p. 8) que ressalta os baixos recursos destinados ao atendimento educacional da classe popular, o que se nota a grande ausência do Estado na gestão de programas, sendo este um fato histórico na educação de crianças pequenas.

A concepção da *assistência científica*, formulada no início do século XX, em consonância com as propostas das instituições de educação popular difundidas nos congressos e nas exposições internacionais, já previa que o atendimento da pobreza não deveria ser feito com grandes investimentos. A educação assistencialista promovia uma *pedagogia da submissão*, que pretendia preparar os pobres para aceitar a exploração social. O Estado não deveria gerir diretamente as instituições, repassando recursos para as entidades.

Desse modo, o século XX foi marcado pelo *Século da criança*, no qual foram feitos vários estudos por médicos, psicólogos, pedagogos, sociólogos sobre a infância e a criança, como também conferências e congressos que discutiram políticas públicas voltadas para a proteção da criança como também seus direitos à educação, com o intuito de tornar dever do Estado, garantir não só assistência, mas também uma educação de qualidade.

Portanto, Oliveira (2000) relata que a luta neste período pela democracia do país e pela igualdade social propiciou um grande movimento pela luta à democratização da educação pública no Brasil, no qual houve um grande movimento que a sociedade exigia do Estado a participação e manutenção das creches. Assim, a Educação Infantil (E.I.) recebe uma grande conquista, sendo ela a oferta da educação em creches e pré-escolas pela Constituição Federal de 1988, reconhecendo a criança como cidadã com direitos.

Assim, a Constituição de 1988, reconhece como um direito da criança, a educação em creches e pré-escolas e dever do Estado. Sendo também, dever dos pais, da sociedade e do poder público respeitar e garantir os direitos das crianças.

Em decorrência da Constituição de 1988, apenas em 1996, oito anos mais tarde, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), considera então, a E.I. como a primeira etapa da Educação Básica, reproduz no capítulo da Educação Básica, Seção II o seguinte:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade (BRASIL, 1996, p. 22).

Além do mais, a legislação brasileira quanto à educação infantil realça ainda que:

A creche e a pré-escola constituem simultaneamente um direito da criança à educação e um direito da família de compartilhar a educação de seus filhos em equipamentos sociais.

O Estado tem deveres também para com a educação da criança de 0 a 6 anos, devendo criar condições para a expansão do atendimento e a melhoria da qualidade, cabendo ao município a responsabilidade de sua institucionalização, com o apoio financeiro e técnico das esferas federal e estadual.

A creche, assim como a pré-escola, é equipamento educacional e não apenas de assistência. Neste sentido, uma das características da nova concepção de educação infantil reside na integração das funções de cuidar e educar (BRASIL, 1996, p. 5).

Desse modo, é possível perceber em termos legais, os avanços relacionados à educação infantil entendendo que tanto a creche como a pré-escola é de caráter educacional e não apenas assistencialista, proporcionando uma educação de qualidade que respeite a criança

como um sujeito histórico que está em processo de desenvolvimento, como também um cidadão de direitos que precisam ser respeitados.

Além do mais, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também foi constituído com base nas necessidades básicas da criança em todos os seus aspectos. Desse modo, em relação ao desenvolvimento da criança, uma dessas necessidades está relacionada a liberdade de brincar, sendo este um direito declarado neste documento, apresentado em seu Capítulo II, Artigo 16º, Inciso IV, o direito “de brincar, praticar esportes e divertir-se”.

Assim, entendendo que toda criança necessita ter a liberdade de brincar, é preciso então dar oportunidade e garantir a ela o direito à infância, e conseqüentemente, o direito de brincar. Portanto, buscaremos entender a importância do brincar nesta fase da vida a partir de autores que se dedicaram a este tema, e que lutam para que professores e pais considerem, preservem e valorizem este direito da criança.

Embora, diversos autores discutam a dificuldade em se conceituar a palavra *brincar*, abordaremos tal assunto de acordo com Friedmann (2012, p. 19) que segundo a autora brincar “diz respeito à ação lúdica, seja brincadeira ou jogo, com ou sem o uso de brinquedos ou outros materiais e objetos”. Ou seja, tudo aquilo que está associado a ação lúdica da criança.

No entanto, Borba (2007) vem destacando que apesar do brincar/brincadeira ser uma palavra estreitamente associada à infância e às crianças, nas sociedades ocidentais este ato ainda é considerado irrelevante no que diz respeito à educação formal, assumindo frequentemente apenas o papel de oposição ao trabalho, tanto no contexto escolar como no familiar, sendo na maioria das vezes avaliada por ambos como uma perda de tempo.

Neste sentido, Moyles (2002, p. 22) enfatiza a importância dos professores da E.I. encorajar, promover, valorizar e iniciar o brincar nas salas de aula, pois o brincar “[...] ajuda os participantes a desenvolver confiança em si mesmos e em suas capacidades e, em situações sociais, ajuda-os a julgar as muitas variáveis presentes nas interações sociais e a ser empático com os outros”.

Dornelles (2001) corrobora afirmando que é através do ato lúdico que a criança se expressa e que a infância carrega consigo as brincadeiras. A autora ainda acrescenta que:

Através do brincar a criança experimenta, organiza, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo (DORNELLES, 2001, p. 104).

Deste modo, é impossível trabalhar com a criança pequena e não considerá-la como um ser que brinca e necessita disso, pois é brincando que a criança aprende a cultura dos mais

velhos, se relaciona com outras crianças e adultos, e conhece o mundo ao seu redor (CARNEIRO&DODGE, 2008, p. 33).

Quando a criança brinca, seja em qualquer espaço (rua, casa, escola, parque etc.), ela o transforma em algo simbólico para si. Através da sua interação com o meio e com os outros, ela cria laços afetivos que ficarão marcados em sua memória. Assim, a criança aprende a se relacionar com o outro, com as diferenças, conhece outras culturas e interage com as pessoas e com o mundo, ou seja, há uma troca social e conseqüentemente a criança torna-se construtora da sua própria história.

O brincar, portanto, assume um papel essencial na vida da criança, como no desenvolvimento social, afetivo, emocional e cognitivo. Para Carneiro e Dodge (2008, p. 33) quando a criança brinca ela adquire várias descobertas, auxiliando também “[...] na concentração, na observação, na percepção, na análise, no estabelecimento e no teste de hipóteses, fazendo com que descortine o mundo a seu redor e adquira competências e habilidades”.

Há, portanto, diversos motivos para se incentivar e valorizar o brincar da criança. Desse modo, trataremos especificamente o brincar no que diz respeito ao desenvolvimento social, visto que o homem é um ser social e precisa do outro para desenvolver o seu emocional como também o seu cognitivo. É através do convívio com o outro que a criança aprende outras culturas, outras brincadeiras, como também a lidar com os conflitos do dia a dia.

1.2 A HISTÓRIA DO BRINCAR NO BRASIL

Como já foi dito anteriormente, há evidências de que o ser humano sempre brincou, pois faz parte da sua natureza sendo uma das suas maiores necessidades. Segundo Altamam (2004) a criança brinca desde bebê. Seu primeiro contato com a mãe ao mamar, o sorriso do pai são seus primeiros brinquedos. Com um tempo, o bebê começa a descobrir o mundo que a cerca, conhecendo a si próprio ao tocar suas mãos, seus pés, suas orelhas, e assim a criança brinca, e tudo torna brinquedo.

No Brasil, a história do brincar começa antes mesmo da descoberta dos portugueses. Os índios que aqui habitavam, desde a tenra idade tinham o contato com a natureza, que era o espaço e o brinquedo do indiozinho. Altamam (2004, p. 232) relata que “[...] sementes de frutas, pedras, seixos de madeira, ossinhos de animais, conchas e terra são seus brinquedos”. Com a rica imaginação infantil, todas estas coisas se transformavam em objetos-brinquedos,

ou seja, não só os adultos confeccionavam os brinquedos para suas crianças, mas as próprias crianças desde muito pequena confeccionavam seus próprios brinquedos, o que para elas tinham um papel afetivo muito importante.

Imitando os pais, os meninos já eram preparados para a vida adulta. Desde muito cedo eles recebiam o arco e a flecha para brincarem. Interagindo com a natureza, as crianças encontravam liberdade para subir em árvores, atravessar em rios e na mata, pescar e caçar animais em uma divertida e séria brincadeira.

Com seu arco e flecha, um menino de dois, três anos ensaia suas habilidades usando pássaros e andorinhas, como alvo logo se incluindo os cães, trazidos pelos portugueses. Acompanhando os pais à caça e à pesca, de tão hábeis, mostram-se caçadores consumados (ALTIMAM, 2004, p. 234).

A autora ainda relata que as meninas, assim como os meninos com os pais, acompanhavam as mães nos afazeres que cabiam às mulheres indígenas, ao cuidar das plantações, colher legumes, cozer mandioca, cuidar dos irmãos menores carregando-os nas costas em uma tipoia. E no fim do dia, as meninas sentam como as mães, para tecer com o fuso e conversar entre si, o que para as crianças era um verdadeiro faz-de-conta.

Com a presença dos portugueses, os índios receberam vários tipos de objetos, entre eles alguns brinquedos que as crianças confeccionavam, como o bodoque, o pião, a peteca entre outros. Esses objetos eram utilizados nas brincadeiras das crianças, que hoje são considerados brinquedos e/ou brincadeiras tradicionais, como as brincadeiras de roda ou cantigas de roda.

As crianças inventavam, criavam com sua imaginação brincadeiras, brinquedos e jogos, determinando suas próprias regras. Altimam (2004, p. 240) em relação ao jogo, afirma que:

Por meio dos jogos a criança, em todos os tempos, estabelece vínculos sociais, ajustando-se ao grupo e aceitando a participação de outras crianças com os mesmos direitos. Aprende a ganhar, mas também a perder. Acatando regras, propondo e aceitando modificações, aprende a apoiar o mais fraco e a consagrar o vitorioso.

Com o passar do tempo, com a chegada dos portugueses e africanos, os índios acabam perdendo muito da sua cultura primitiva ao assimilar outros costumes e apreciar novos conhecimentos. Desde modo, as brincadeiras, o brinquedo e cantigas de roda, se incorporam ao brincar das crianças brasileiras (indígenas, escravas), passando de geração em geração.

As brincadeiras de rua, como o esconde-esconde, pega-pega, amarelinha, soltar pipa, subir em árvores, correr, jogar bola entre outros, faziam parte do brincar tanto das crianças do

campo como das urbanas de outrora. Era o momento onde as culturas eram compartilhadas, brincadeiras eram inventadas e reinventadas pelas crianças.

Porém, com a chegada da industrialização no Brasil no fim do século XIX, os brinquedos-objetos fabricados em indústrias passaram a fazer parte do brincar das crianças de famílias de elite, na qual tinham condições de comprar. Desse modo, o consumo dos novos brinquedos sofisticados, despertaram nas crianças o sentimento de posse e o desejo de ter, dificultando o prazer de inventar e construir seus próprios brinquedos.

Foi a partir de então, que o brincar não só das crianças brasileiras, mas das crianças de diversos países, começaram a mudar. As novas tecnologias passaram também a fazer parte do universo infantil, novos brinquedos, novas formas de brincar foram modificando o brincar de outrora.

No entanto, não só os brinquedos industrializados e tecnológicos modificaram a maneira das crianças brincarem. A diminuição do espaço, o aumento dos veículos e a crescente violência, também tem sido as maiores causas na qual as crianças estão sendo impossibilitadas de serem crianças, de terem seu espaço para brincar, de serem livres. As crianças de hoje não brincam mais como antes, os espaços mudaram, as culturas mudaram, as brincadeiras mudaram, os brinquedos mudaram.

Com os avanços tecnológicos, o brincar das crianças brasileiras mudou. O vídeo game, a TV, o computador, o tablet passou a ser mais utilizados no brincar, chamando mais a atenção das crianças contemporâneas. Os brinquedos que antes eram usados nas brincadeiras infantis, hoje mudam com os avanços tecnológicos, com os jogos eletrônicos e com a mídia que cada vez tem influenciado no consumo desses novos brinquedos.

Assim, as brincadeiras, os jogos e os brinquedos tradicionais têm sido cada vez mais raros no brincar das crianças. As crianças não brincam mais nas ruas, principalmente as de classe média. Mesmo que, em bairros menos favorecidos ainda haja crianças brincando na rua, correndo, jogando bola e soltando pipa.

Carneiro e Dodge (2007) através de uma pesquisa realizada com crianças de classe média e baixa, afirmam que elas passam a maior parte do dia em casa e que quase não brincam na rua por ser perigoso, e que o quintal da casa acaba sendo o lugar para brincar, ou ficam assistindo TV.

Devido a este fato, de acordo com esta pesquisa, as brincadeiras/brinquedos mais utilizadas pelas crianças são os eletrônicos, principalmente pelos meninos, pois geralmente não precisa de companheiro e por não poder brincar em outro lugar, o que acaba sendo uma

triste realidade para as crianças de hoje, por não poderem desfrutar de um espaço para brincarem livremente e com outras crianças.

1.3 O ESPAÇO DO BRINCAR: DA DIMENSÃO FÍSICA AO SOCIAL

Como vimos até aqui, o brincar faz parte na vida da criança assumindo um papel relevante no seu desenvolvimento integral. Desse modo, não podemos pensar na criança sem levar em consideração a ação de brincar, o que conseqüentemente nos leva a pensar em um espaço adequado para que tal ação ocorra, possibilitando assim, o seu desenvolvimento motor, social, cognitivo, emocional, dentre outros.

Atualmente, em consequência dos estudos relacionados ao ato de brincar das crianças pequenas, a organização de espaços para tal atividade tem chamado a atenção de vários pesquisadores. Com isso, a partir de estudos relacionados a esta temática, buscaremos compreender o espaço do brincar tanto na sua dimensão física, como na sua dimensão social, levando em consideração as questões envolvidas nestes dois aspectos.

O espaço físico está relacionado a um “local, lugar ou ambiente”, podendo também ser chamado de “espaço geográfico”, considerando que, o espaço existe independentemente da presença de pessoas ou objetos. Já o espaço social está associado ao espaço multidimensional, isto é, às relações e interações desenvolvidas por atores sociais (seres humanos), sendo que, para que tal espaço exista é necessário a presença desses atores.

Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) “o espaço, como tal nós habitamos e como o conhecemos, é socialmente marcado e construído”. Neste sentido, o autor acrescenta ainda que “o espaço social não é o espaço físico, mas ele tende a se realizar de forma mais ou menos completa e exata nesse espaço. O que explica que tenhamos tanta dificuldade de pensá-lo enquanto tal, em estado separado” (BOURDIEU, 2013, p. 7). A partir dessa ideia, trabalharemos as questões relacionadas ao espaço tanto físico como social do brincar. Não nos deteremos ao espaço físico em si, mas a influência deste no espaço social, ou seja, as mensagens que ele transmite através das relações e interações desenvolvidas no espaço físico.

Antigamente, os espaços no qual as crianças brincavam eram amplos e diversos, porém, as transformações atuais do mundo têm afetado negativamente estes espaços.

A urbanização, fenômeno comum desde o princípio do século passado, afetou vários países, inclusive o Brasil. Houve uma concentração populacional em muitas cidades, determinando novas funções dos governos, novas demandas e uma outra forma de utilização dos espaços. Casas foram sendo substituídas por condomínios verticais,

geralmente com menos espaços físicos e externos (CARNEIRO E DODGE, 2007, p. 129).

Outros fatores que tem ocasionado a perda do espaço do brincar, são ressaltados por Rodrigues (2009) ao se referir ao alto índice de violência, no qual têm privado as crianças de terem a liberdade de se movimentar e brincarem nas ruas, de se relacionar e interagirem com outras crianças. O trânsito dos carros tem aumentado progressivamente, as velocidades em que percorrem nas ruas também se tornaram elevada. Desse modo, todos esses fatores vêm influenciando tanto na redução dos espaços como nas opções desses espaços para o brincar.

Carneiro e Dodge (2007) faz referência à arquiteta Mayumi Souza Lima (1989) ao dizer que o espaço físico no qual a criança estabelece relações com o mundo, não tem sido pensado e planejado em função de suas necessidades. Com isso, a autora afirma que:

[...] a apropriação, a exclusão e a limitação do espaço, fazem parte dos direitos de quem está no poder [...] Hoje, o espaço que a criança têm para brincar reflete o poder do adulto sobre elas. Consciente ou inconscientemente, os mais velhos estão impondo aos pequenos um brincar imóvel, insulado, sem estimulação e, por vezes, com pouca criatividade (LIMA, 1989, apud CARNEIRO e DODGE, 2007, p. 76).

Neste sentido, as autoras Carvalho e Rubiano (2000) comenta que embora haja recomendações gerais de que os ambientes voltados para as crianças devam ser ricos e estimuladores, as características físicas desse ambiente tem sido negligenciadas no planejamento de creches, escolas, hospitais, desconsiderando as necessidades próprias das crianças, dentre elas o brincar.

Historicamente, o espaço escolar é construído como uma forma de controlar a disciplina das crianças. Desse modo, segundo Lima (1989 apud BUITONI, 2009, p. 64) os edifícios destinados ao uso de crianças são espaços construídos com o intuito de controlá-las, no qual os adultos transformam esses espaços em um instrumento de dominação.

A organização e a distribuição dos espaços, a limitação dos movimentos, a nebulosidade das informações visuais e até mesmo a falta de conforto ambiental estavam e estão voltadas para a produção de adultos domesticados, obedientes e disciplinados – se possível limpos –, destituídos de vontade própria e temerosos de indagações.

Desta maneira, os adultos não tem dado a importância devida às necessidades da criança, principalmente no que diz respeito ao ato de brincar. Podemos perceber que a liberdade de brincar das crianças está sendo cada vez mais prejudicada devido às transformações/alterações que o espaço urbano vem sofrendo por conta do poder que o adulto exerce sobre ele, deixando assim, de levar em consideração as necessidades da criança, impossibilitando-as de gozar de seus direitos como cidadã.

Lima (1989 apud BUITONI, 2009, p. 65) afirma ainda que o espaço não é neutro, construído por peças ou composto por materiais, mas que apesar da sua concretude, ele só existe na abstração quando passa a ser um objeto de estudo, no qual há mediação, pois “é no espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas; e ao fazê-lo esse espaço material se qualifica”, assim, se não há espaço físico, conseqüentemente não haverá espaço social no qual a criança possa se relacionar com outras pessoas, adquirir conhecimentos, dentre outros. E é nesta relação, que o espaço físico se transforma em um pano de fundo, de modo que as emoções vão sendo inseridas, e assim este espaço adquire uma nova condição, a de ambiente, ou seja, as relações (espaço social) que se estabelecem no espaço físico.

Para tanto, o adulto, tanto educadores quanto pais, precisam ter uma visão de que o espaço físico é um apoio, um instrumento principalmente para o educador na sua prática educativa, pois a escola acaba sendo muitas vezes o único espaço para as crianças brincar e interagirem com outras crianças.

No entanto, muitos professores tem visto o brincar como uma fuga e distração, e não como um processo educativo. E a liberdade da criança significa a insegurança dos educadores, pais ou simples adultos, o que acaba levando-os a imposição da imaginação da criança, tudo em prol da tranquilidade, da disciplina e do controle. E é a partir dessa visão que muitos educadores possui, que se torna relevante tal estudo, pois a escola como um espaço de relacionamento e interações, deve levar em consideração as necessidades do brincar das crianças pequenas, vendo a sala de aula e a escola como um todo, um lugar que possibilita o trabalho integrado do brincar e o aprender, pois de acordo com os autores da área da educação infantil, é brincando que a criança aprende.

Levando em consideração de que a criança aprende brincando, Borba (2007, p. 39) ressalta que “o brincar é um espaço de apropriação e constituição pelas crianças de conhecimentos e habilidades no âmbito da linguagem, da cognição, dos valores e da sociabilidade”, ou seja, através do brincar a criança conhece o mundo ao seu redor por meio das relações nas quais são vividas no seu cotidiano. Para tanto, é necessário que haja espaço e tempo de qualidade para que isso ocorra efetivamente.

Compreendendo que o espaço físico e social são aspectos importantes no desenvolvimento da criança, teóricos da psicologia como Vygotsky e Wallon, trazem em seus estudos contribuições sobre este assunto. Tais contribuições partem de uma perspectiva sócio-histórica de desenvolvimento, na qual relacionam afetividade, linguagem e cognição com as práticas sociais, ao discutirem a psicologia humana em seu enfoque psicológico. Desse modo,

de acordo com a visão desses teóricos, o meio social é o fator principal no desenvolvimento dos indivíduos.

A visão de Wallon abrange os aspectos cognitivos, afetivo e motor integrados no meio social em que o indivíduo vive, dando ênfase na integração entre organismo e meio. Em sua concepção do meio, Wallon (1986) se baseia nas contribuições de Darwin ao afirmar que a relação do ser vivo com o meio se torna primordial para sua evolução, desse modo, esta abordagem se torna fundamental para o desenvolvimento infantil. Assim, Wallon (1986, p. 170) chega a seguinte definição de que meio social:

[...] nada mais é do que o conjunto mais ou menos durável de circunstâncias nas quais se desenvolvem existências individuais. Ele comporta, evidentemente, condições físicas e naturais, que são, porém, transformadas pelas técnicas e pelos usos do grupo humano correspondente. A maneira pela qual o indivíduo pode satisfazer suas necessidades mais fundamentais depende do meio e, também, de certos refinamentos de costumes que podem fazer coexistir, nos mesmos locais, pessoas de meios diferentes.

Para o autor, o meio é complemento indispensável do ser vivo, pois deverá corresponder às suas necessidades e às suas aptidões sensoriomotoras e, depois, psicomotoras.

Quando a criança nasce, ela é completamente desprovida de meios de ação sobre as coisas que a cercam, o que a diferencia dos animais. Neste processo, a mediação do grupo na relação indivíduo-meio é inevitável. Para que isso ocorra, é necessário, em alguma medida, que a mediação humana se introduza entre o indivíduo e o meio físico, na qual ocorre através das pessoas, dos grupos e das relações culturais. Como afirma Wallon, o ser humano é biologicamente social, assim, o meio ao qual cada indivíduo deve adaptar-se é o meio social. Isso revela a necessidade da mediação de parceiros mais experientes para que essa relação indivíduo-meio ocorra.

À medida que o adulto, neste caso o parceiro mais experiente, descentraliza sua figura ao aliar-se a um espaço e incentiva as ações infantis, as possibilidades de aprendizagens sem sua intermediação direta são enormes. No entanto, de acordo com Horn (2004) o espaço não é algo dado, mas sim construído socialmente. Assim, para Wallon a atividade humana é eminentemente social, desse modo, para o autor, a escola é o lugar mais rico e mais diversificado, pois oferece à criança a oportunidade de conviver com outras crianças e com outros adultos que não seja seus pais. Assim sendo, o meio escolar torna-se indispensável no desenvolvimento da criança, pois ela não deve receber somente a ação do meio familiar.

Na escola, a relação social se torna mais livre e mais facultativo do que as mantidas na família. A criança começa então a escolher seus coleguinhas, os grupos que lhe interessam e também a enfrentar desavenças. Para Wallon (1986, p. 22) o grupo social:

[...] é indispensável à criança não somente para sua aprendizagem social, mas também para o desenvolvimento da tomada de consciência de sua própria personalidade. A confrontação com os companheiros permite-lhe constatar que é uma entre outras crianças e que, ao mesmo tempo, é igual e diferente delas.

Para tanto, é necessário que o adulto organize sua prática junto à outras criança para que as relações do grupo ocorra longe das normas determinadas por ele. As crianças necessitam de um espaço no qual possam exercer sua criatividade, como também terem voz no meio em que convivem. Neste sentido, Horn (2004, p. 17) afirma que em um ambiente que não tenha estímulos, no qual as crianças possam interagir desde a tenra idade uma com as outras, com os adultos e com diversos objetos e materiais, esse processo de desenvolvimento não acontecerá de maneira plena.

Em relação a isto, Wallon também atribui uma grande importância à organização espacial, pois este deverá traduzir-se em um espaço amplo que possibilite as crianças movimentarem com liberdade. No entanto, na educação infantil, muitas vezes encontramos salas organizadas com mesas e cadeiras em fileiras ocupando a maior parte do espaço, com uma prática totalmente tradicional que impõe às crianças certa disciplina, na qual são obrigadas a ficarem sentadas por longas horas.

Assim, é fundamental que o planejamento de um espaço contemple as necessidades da criança, como um ser que aprende na interação com seus pares, de modo que permita à elas, assumir diferentes papéis e a aprender a se conhecer melhor através do convívio com diferentes grupos, como também um ser que necessita de espaços amplos para seu desenvolvimento motor. Além do mais, é necessário contrapor à tradição intelectualista que dissocia o desenvolvimento intelectual, do social e motor. Tal tradição é fortemente contestada na abordagem de Wallon, na qual para este autor a criança é vista como um todo, e não em partes isoladas.

Vygotsky, tal como Wallon, em sua abordagem materialista dialética, atribuiu um papel preponderante às relações sociais no processo do desenvolvimento humano. Para este teórico, a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural, e não uma formação natural e universal da espécie humana, mas se dá ao uso de signos e ao emprego de instrumentos elaborados através de um contexto social determinado, ou seja, a formação do homem se dá através de uma relação dialética entre o sujeito e o meio social, de modo que o indivíduo modifica o ambiente e o ambiente modifica o indivíduo.

Neste sentido, a autora Rego (1995, pp. 57, 58) ao estudar sobre a teoria do desenvolvimento humano na visão de Vygotsky, explica que de acordo com este teórico:

[...] a estrutura fisiológica humana, aquilo que é inato, não é suficiente para produzir o indivíduo humano, na ausência do ambiente social. As características individuais (modo de agir, de pensar, de sentir, valores, conhecimentos, visão de mundo etc.) depende da interação do ser humano com o meio físico e social.

Desse modo, tal desenvolvimento só ocorrerá através da interação com outras pessoas, pois assim o homem se tornará suficiente. Portanto, neste processo de interação, a intervenção dos parceiros mais experientes (adultos e crianças mais experientes) assume um importante papel, pois tal intervenção é fundamental na formação do comportamento e pensamento humano. A este respeito, Rego (1995, p. 60) descreve o seguinte exemplo:

Um pai, ao passear com o filho de aproximadamente 2 anos, costuma chamar a atenção para todos os carros que vão encontrando no caminho. Na medida que mostra o carro fala seu nome, marca e tece outros tipos de comentários. Depois, em outras ocasiões, essa criança demonstra o quanto incorporou das informações que recebeu: brincando na escola nomeia com desenvoltura os carrinhos de brinquedos, ou passeando com sua mãe demonstra reconhecer as marcas dos carro que avista pela rua.

Assim, de acordo com Vygotsky, o desenvolvimento humano se dá por meio da constante interação com o meio social em que vive, no qual é mediado por outras pessoas e à medida que o indivíduo internaliza, esse processo ocorre de forma independente, sem a intermediação de outras pessoas.

Neste sentido, Vygotsky (1984, p. 24) discorre que:

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

A partir desse entendimento, este teórico acreditava que o comportamento das crianças pequenas é intimamente determinado pelas características das situações reais em que se encontram. Desse modo, na teoria vygotskyana, a interação entre o aprendizado e o desenvolvimento se torna fundamental para o processo pleno do desenvolvimento humano, pois para o autor é o aprendizado que movimenta e possibilita o processo de desenvolvimento, assim, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam” (VYGOTSKY, 1984, p. 59).

Com isso, Vygotsky postula o conceito de *zona de desenvolvimento proximal*, e o difere em dois níveis de desenvolvimento, um ele chama de *nível de desenvolvimento real*, e o outro de *nível de desenvolvimento proximal*. O primeiro está relacionado aos processos

mentais da criança que se estabeleceram como resultado de ciclos de desenvolvimento que já foram completados, ou seja, as funções que elas conseguem fazer por si mesmas, sem a ajuda de outra pessoa (parceiro mais experiente). O segundo, está relacionado às funções que ainda não amadureceram, aquelas que a criança é capaz de fazer, mas com a ajuda de outro, sendo necessário a orientação de um adulto (parceiro experiente).

Desse modo, Vygotsky distingue esses dois níveis de *zona de desenvolvimento potencial* ou *proximal*, pois este caracteriza o desenvolvimento mental de forma prospectiva, pois de acordo com o autor “a zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário” (VIGOTSKY, 1984, p. 58).

A partir desse entendimento, Vygotsky considera que o brincar assume um importante papel no processo de desenvolvimento da criança pequena, sendo este uma necessidade dela, que segundo o autor, é algo ignorado por muitos teóricos. Ele critica que esses teóricos apenas estudam/visualizam a criança como um ser intelectual, caracterizado pelo seu desenvolvimento intelectual superior ou inferior. No entanto, para Vygotsky, é preciso considerar as necessidades da criança para entendermos seu avanço de um estágio de desenvolvimento para outro. Desse modo, ele afirma que é impossível ignorarmos que a criança satisfaz certas necessidades ao brincar.

Vale ressaltar que, embora Vygotsky analise o desenvolvimento do brinquedo e mencione outras modalidades, como os jogos esportivos, ele se dedica especialmente ao jogo de papéis ou à brincadeira de “faz-de-conta” (como por exemplo, brincar de médico, de casinha, etc.). Para ele, este tipo de brincadeira é característico em crianças que já são capazes de representar simbolicamente situações do seu dia a dia de modo imaginário, que para o autor é encontrado na criança em idade pré-escolar. Assim sendo, segundo Vygotsky (1984, p. 62):

A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais. Como todas as funções da consciência, ela surge originalmente da ação. O velho adágio de que o brincar da criança é imaginação em ação deve ser invertido podemos dizer que a imaginação, nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação.

Neste sentido, a criança em idade pré-escolar satisfaz seus desejos a partir do mundo ilusório e imaginário, faz aquilo que na vida real não pode realizar, como por exemplo, realizar o papel da mãe ao brincar de “mamãe e filha” com sua boneca, sendo que a criança

imagina-se como mãe e a boneca como sua filha. Assim, a criança é levada a agir no âmbito da zona de desenvolvimento proximal, no qual há possibilidade de lidar com conhecimentos e de manifestar competências mais avançadas do que na vida real. Desse modo, o ato de brincar assume uma grande influência no desenvolvimento da criança, e é nesse ato que a criança aprende a atuar em uma esfera cognitiva que depende de motivações internas.

A brincadeira é uma atividade propícia ao processo de significação, envolvendo uma flexibilização na forma de compreender os signos e suas relações. Nos jogos de faz-de-conta, a criança destaca os objetos de seu significado e função presentes, atuando com eles no plano imaginário como se fossem outros. Dessa forma, liberta-se do plano imediato de sua percepção e ação, criando um novo plano de ação, com novas fronteiras de significação (BORBA, 2006, p. 50).

Além do mais, a criança constrói aprendizagens ao desenvolver atividades compartilhadas com outras crianças, apropriando-se de um saber construído em uma cultura, no qual ocorre na relação com parceiros mais experientes (adulto ou criança mais experiente). Neste sentido, Borba (2006, p. 48) realça que:

No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras. Nesse processo, instituem coletivamente uma ordem social que rege as relações entre pares e se afirmam como autoras de suas práticas sociais e culturais.

No entanto, para que a criança brinque e exercite suas capacidades de compreensão e produção de conhecimentos, é essencial que haja tanto um espaço físico adequado, quanto um espaço social para que ela se desenvolva plenamente, pois como já foi discorrido anteriormente, o espaço social acontece de forma plena quando há um espaço físico que o possibilite. Neste sentido, Craidy (apud HORN, 2004, p. ix) afirma que “o espaço não é algo que emoldure, não é simplesmente físico, mas atravessa as relações, ou melhor, é parte delas”. Desse modo, o espaço não é algo dado, mas é construído a partir das relações e interações nele vivenciadas.

Neste caso, para Horn (2003, p. 9), o espaço escolar, assim como é considerado para Wallon, “é conceituado como uma construção social, dialeticamente construída, onde fatores culturais, sociais e políticos interferem e se mesclam de modo indissolúvel”. Assim sendo, a escola deverá promover este espaço no qual a criança de fato desenvolva tanto o social, como o motor, o cognitivo e o afetivo.

Portanto, o educador, como peça fundamental, deve propiciar um espaço no qual as crianças possam se desenvolver integralmente, de modo que desafie a interação criança-espaço, criança-criança, criança-adultos e criança-brincadeira. Pois, embora haja um espaço

bem organizado que desafie as competências das crianças, se não houver esta interação, tal organização não será suficiente, portanto, é preciso que a criança interaja com este espaço intencionalmente.

É importante que o educador adapte o espaço da sala de aula de modo que atenda as demandas das crianças, respeitando assim suas peculiaridades. Neste sentido, Carvalho e Rubiano (1994, apud HORN, 2003, pp. 11,12) afirmam que a organização da sala de aula deve facilitar o contato visual das crianças com o adulto, como também propiciar interações entre criança-criança e criança-adulto, promovendo a identidade pessoal, o desenvolvimento de competências e habilidades e conseqüentemente a construção da autonomia moral e intelectual.

Neste sentido, vale ressaltar a grande contribuição que Maria Montessori trouxe à organização de um ambiente infantil, no qual proporcionasse o desenvolvimento da criança pequena. Ao propor um mobiliário adaptado ao tamanho das crianças, ela visava sua liberdade e independência, de modo que elas pudessem se movimentar livremente neste espaço, como também escolher as tarefas a serem realizadas. Desse modo, um planejamento que contemple essa metodologia, deveria considerar a criança em sua relação com os objetos.

Além disso, a organização desse espaço deveria descentrar a figura do adulto, de modo que o ambiente tomaria o controle do educador, pois, para Montessori a beleza do ambiente e o desafio dos objetos, deveriam estimular as crianças a agir. Sendo que, a harmonia, o colorido, a disposição de móveis e de objetos que desafiassem as crianças a interagirem, a brincarem e a trabalharem seria então a condição fundamental na organização do ambiente (HORN, 2004, p. 32).

O método de Montessori também é marcado pela valorização da arte e da estética no processo educativo da criança pequena. Os ambientes montessorianos eram sempre decorados com obras de artes, aproximando as crianças ao mundo da arte. As paredes desses ambientes eram decoradas por artes que as próprias crianças produziam cotidianamente, fazendo com que a criança se torne parte desse espaço, isto é, protagonista do mesmo. Este tipo de contato da criança com a arte é até os dias de hoje, muito valorizada pelas escolas infantis italianas, por exemplo, as escolas da rede pública da região de Reggio Emilia³, que tem sido uma referência mundial para a educação infantil.

³ As escolas de Reggio Emilia começaram a ser criadas após a Segunda Guerra Mundial, com o intuito de romper com o modelo fascista de educação, tendo como expoente o pedagogo Loris Malaguzzi, que se juntou com professores, pais e alunos para elaborar uma nova ideia de educação para crianças pequenas.

Além do mais, as creches e pré-escolas municipais de Reggio Emilia são fortemente marcadas pelo modelo de “espaço relacional” dedicado a crianças pequenas, no qual a interação com o espaço e com as pessoas (professores, pais, funcionários) são muito valorizados. Nessas escolas, todo planejamento tanto em termos estruturais (arquitetônico) quanto pedagógicos, é pensado e elaborado por professores, funcionário, pais e alunos, visando a criança como agente potencializador de suas capacidades. Isso significa que a criança é considerada a protagonista e construtora da sua própria aprendizagem, em um ambiente ativo, em constante transformação.

Os espaços e os ambientes dessas escolas refletem cultura da própria realidade, de tal modo, que toda escola se torna acolhedora através das cores, dos sons, dos aromas, dos objetos, da harmonia, da calma que acaba sendo transmitida às crianças.

Assim sendo, vale ressaltar a grande importância que todos da comunidade (professores, pais, funcionários) de Reggio Emilia atribuem ao brincar no processo de desenvolvimento das crianças pequenas, sendo este, uma das linguagens que as possibilitam de vivenciar ativamente suas experiências. Desse modo, os espaços dessas escolas favorecem às crianças o ato de brincar, de modo a instigar a criatividade, a liberdade, a expressão, ou seja, da criança ser criança e se tornar protagonista da sua própria aprendizagem, e de vivenciar experiências inesquecíveis.

Para tanto, o espaço deve ser organizado para proporcionar interações sociais, facilitando encontros e trocas entre as crianças, garantindo assim, o bem estar da criança e de todos os indivíduos. E entendendo que o espaço como um todo é um elemento que oportuniza aprendizagens por meio do brincar e das relações, é possível afirmar que o espaço é um componente indispensável na sala de aula, pois ele “não é somente um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo, mas é, antes de tudo, um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa” (HORN, 2004, p. 37).

Portanto, o que se pretende neste trabalho, é reconhecer que não é qualquer espaço que se pode oferecer à criança. Mas que o espaço dedicado à criança, seja um espaço propício para promover a interação e a relação da criança com o espaço e outras pessoas (crianças e adultos) no qual ocorre de forma mais efetiva através do ato de brincar. Por isso, é importante levar em consideração a organização deste espaço de modo que favoreça o desenvolvimento pleno da criança pequena, possibilitando a liberdade, a autonomia, a criatividade, a imaginação, isto é, de ser criança e viver a sua infância, levando em consideração a realidade de cada grupo.

2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

2.1 ABORDAGENS E PROCEDIMENTOS

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, tendo como método o estudo de caso com caráter comparativo sobre o espaço físico e social do brincar em duas instituições públicas de Educação Infantil no município de Marabá-PA. A pesquisa permitiu à pesquisadora uma análise profunda da realidade pesquisada, pois tal método estabelece uma relação entre a teoria e a prática.

A pesquisa qualitativa possibilita a interação do pesquisador com o local pesquisado. Desse modo, de acordo com Ludke e André (1986, p. 18) a pesquisa qualitativa “[...] se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade completa e contextualizada”. Sendo assim, as instituições é a fonte primordial para a coleta de dados, que se torna possível através da observação direta com o elemento investigado.

Para a coleta dos dados, foi utilizado como técnica de pesquisa a observação participante, pois através dela pode-se compreender a realidade das estruturas físicas das instituições, como também as atividades desenvolvidas nestes espaços. Essa observação “consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada” (GIL, 1991, p. 107).

A observação conta com um instrumento de suma importância, que é o diário de campo, sendo ele “um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades” (MINAYO, 2013, p. 71). Foi registrado neste diário todas as atividades desenvolvidas pelas professoras, como também os acontecimentos relevantes para a pesquisa. Além disso, foi utilizada máquina fotográfica como forma de registro das atividades, brincadeiras das crianças e dos espaços das instituições.

Ao todo, foi realizada oito visitas em cada instituição de educação infantil, cumprindo o período de 4 horas diárias com a turma do Jardim II, que abrange crianças de cinco a seis anos de idade. A observação ocorreu em toda a rotina das crianças: acolhida, atividades livres e dirigidas, refeitório e recreação. Em alguns desses momentos a pesquisadora tentou aproximar-se das crianças para obter opiniões sobre os espaços da escola, em outros manteve-se apenas observando sem ter nenhum tipo de interação com as crianças.

Como técnica de investigação, também utilizou-se entrevista semiestruturada com três professoras das instituições pesquisadas. Tal entrevista, aconteceu em forma de diálogo

permitindo à pesquisadora a se colocar diante ao entrevistado através de perguntas “fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2013, p. 64). No entanto, para garantir a fidedignidade, foi utilizado o gravador de voz com o consentimento dos sujeitos entrevistados.

Foi utilizado também, análise documental como técnica complementar para a pesquisa, pois de acordo com Richardson (1989, p. 182) possibilitará à pesquisadora o estudo e a análise de um ou vários documentos que desvendem circunstâncias sociais e econômicas que forem pertinentes à pesquisa. No caso deste estudo, foi analisado o Plano Político Pedagógico (PPP) das instituições para obtenção das informações estruturais.

Portanto, a partir da pesquisa qualitativa, este estudo teve como objetivo investigar as condições de infraestrutura (espaço físico) em que os professores da Educação Infantil tem trabalhado o brincar na sua prática pedagógica, de modo a proporcionar o espaço social das crianças pequenas. Para tanto, levou-se em consideração as questões importantes, tais como: a utilização dos espaços disponíveis; a valorização dos ambientes na prática pedagógica cotidiana das professoras; e a interação entre criança-criança e criança-espaço por meio do brincar.

2.2 DESCRIÇÃO DO *LOCUS* DE PESQUISA

A primeira escola é o Núcleo de Educação Infantil (NEI) “Mundo Encantado”⁴, escola pública que existe há 32 anos numa casa alugada pela prefeitura. Inicialmente, a escola foi inaugurada no ano de 1985 para atender especificamente a modalidade de ensino fundamental do 1ª a 4ª série (antigo fundamental I), pois de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, nesta época não havia escolas públicas que atendesse as demandas educacionais da comunidade, que por sua vez era carente e não possuía condições financeiras para arcar com escola particular para seus filhos estudarem. Além disso, as escolas públicas que existiam mais próximas da comunidade representavam riscos à vida das crianças, devido as pistas perigosas que precisavam atravessar.

A partir de 2015, a escola passou a atender apenas a modalidade de Educação Infantil devido as novas necessidades dos moradores da comunidade, deixando de ser escola de ensino fundamental, para se tornar NEI. Por esse motivo, o PPP ainda está em processo de construção, que por sua vez é um processo bem lento, e por isso não foi possível analisar este

⁴Todos os nomes de pessoas e locais são fictícios, preservando as identidades e o compromisso ético da pesquisa científica.

documento na sua forma atual, ou seja, que corresponda a Educação Infantil. Deste modo, vale salientar que o PPP analisado pela pesquisadora foi o documento antigo, voltado para o ensino fundamental.

Com isso, a escola que antes atendia a modalidade de ensino fundamental, passa então a ser adaptada para atender a modalidade de educação infantil, que de acordo com o PPP, o espaço físico não garantia um atendimento digno à comunidade, longe de ser um local ideal para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, ou seja, se antes este espaço não correspondia ao um atendimento físico para crianças maiores, tampouco se tornaria apta para atender crianças de 3 a 6 anos de idade, apesar de alguns espaços terem passado por algumas adaptações, como por exemplo o banheiro e o escovatório, e os móveis das salas de aula.

Atualmente, a escola atende cerca de 215 crianças na faixa etária de 3 a 6 anos, sendo 17 crianças no Maternal, 20 no Jardim I e 25 no Jardim II, tendo no total de 10 turmas. O horário de funcionamento é de 7h30 as 11h30 da manhã e de 13h30 as 17h30 da tarde.

Como já foi dito, a escola funciona em uma casa adaptada, na qual possui um espaço bem reduzido. Possui 05 salas de aula, 02 banheiros adaptados à faixa etária das crianças, porém bem estreito, 01 escovatório com 06 pias adaptadas à faixa etária, 01 secretaria, 01 cozinha, 01 pátio coberto (também usado como refeitório, reuniões entre outros).

Alguns móveis das salas são fixados na parede, como os armários de madeira. As prateleiras são de metal possuindo cinco andares, revestida por uma cortina de T.N.T. onde fica os materiais didáticos da professora. Os brinquedos, lápis de cor e giz de cera ficam em umas caixas de papelão de forma desorganizada em cima de duas mesinhas, como a única forma de facilitar o acesso dos objetos pelas crianças. As mesas e cadeiras são adaptadas à faixa etária das crianças, porém ocupam a maior parte do espaço da sala, que por sua vez já é bem reduzido. As paredes são revestidas de T.N.T. 1,50 cm do chão para cima como podemos observar nas figuras a seguir.

Figura 1: Sala da turma do Jardim II, NEI “Mundo Encantado”.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Todas as salas são climatizadas, porém, as centrais de ar necessitam de manutenção para obter uma melhor climatização, sendo necessário utilizar também o ventilador nos dias quentes. Em algumas salas não possuem janelas, inclusive a turma do Jardim II onde foi realizada as observações.

No pátio, de um lado possui 02 mesas retangulares com 04 bancos que servem de refeitório, como também para as reuniões realizadas pela escola. Do outro lado, encontra-se a cozinha, que por sua vez é bem pequena, e do lado dela há um espaço improvisado (como se fosse uma biblioteca) onde são organizados os livros, possuindo 02 prateleiras, como também uma mesa retangular com bancos. Há também próximo desse espaço, uma mesa quadrada com quatro cadeiras, no qual a diretora da escola realiza suas atividades. O pouco espaço livre do pátio é usado para realizar atividades dirigidas pelas professoras, porém, durante a

realização da pesquisa, foi observado que apenas uma professora do Maternal utilizava o pátio para esse fim. Após o pátio há um corredor que dá acesso às salas de aula, banheiros e escovatórios.

Figura 2: Pátio e refeitório da escola.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 3: Escovatório e acesso aos banheiros.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

A escola possui poucos brinquedos, sendo eles comprados ou confeccionados pelas próprias professoras, tais brinquedos são: monta-monta, carrinhos, acessórios de salão de beleza, panelinhas e tampinhas de garrafa pet. Porém, apesar de pouca opção, as crianças se divertem brincando com os brinquedos que tem.

A segunda é o NEI “Aquarela”, escola pública existente desde a década de 1970, no qual atendia crianças da 1ª a 4ª série (antigo fundamental I). Em 1980, denominada Casulo, a instituição é destinada ao atendimento à crianças de 02 a 06 anos de idade com o objetivo assistencialista, voltado para o cuidar e o brincar das crianças pequenas. Somente em 2002, de acordo com a LDB - Lei de Diretrizes e Bases (9394/96), a escola passa a ser gerenciada pelo Município através da Secretaria de Educação (SEMED), atendendo crianças de 03 a 06 anos de idade⁵.

Devido ao crescimento populacional, a escola passou a funcionar como anexo para atender as demandas da comunidade e dos bairros mais próximos. Em 2014, devido a construção de um novo prédio, a escola passa a funcionar em casa locada pela prefeitura. Com o atraso da entrega da obra, a escola precisou atender em três prédios, sendo dois deles em prédios locados pela prefeitura. A escola passou por um longo percurso, de prédio próprio à prédio alugado até possuir o prédio atual, inaugurada em 2016. Escola esta, considerada uma das escolas modelo de E.I. do município em questões de infraestrutura.

A partir de uma pesquisa sobre os prédios de E.I. recém inaugurados, a pesquisadora encontrou o contato celular de um dos funcionários desta instituição na qual teve seu primeiro contato via Whatsapp. O segundo contato se deu a partir da visita à escola, onde a pesquisadora se encaminhou à diretoria no intuito da aceitação da pesquisa, no qual foi aceito pela coordenadora.

A escola atende cerca de 312 crianças na faixa etária de 03 a 06 anos, sendo 17 crianças no Maternal, 20 no Jardim I e 22 no Jardim II, tendo no total de 20 turmas. O horário de funcionamento é de 7h30 as 11h30 da manhã e de 13h30 as 17h30 da tarde. O espaço físico é bem amplo e possui diversos ambientes que propiciam o desenvolvimento de diferentes atividades.

Em termos pedagógicos, de acordo com o PPP, a escola em sua origem tem como missão garantir um ambiente propício ao desenvolvimento integral das crianças, de modo a prever condições para um trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e

⁵ Informações retirada do Projeto Político Pedagógico da escola.

tempos no qual a criança possa brincar, expressar pensamentos, sentimentos e emoções e ter acesso aos espaços internos e externos às salas de referência das turmas.

Quanto a estrutura física, a escola está dividida em 08 salas de referência; 01 sala multifuncional; 01 pátio coberto amplo para realização de atividades diversas, como faz de conta, jogos e recreações dirigidas, apresentações culturais, culminância dos projetos didáticos, este espaço ainda comporta 04 mesas e 08 bancos para o refeitório; 04 banheiros externos para as crianças, sendo 02 para atendimento às crianças portadoras de necessidades especiais; 01 caixa de areia e 04 solários para atividades ao ar livre; 01 cozinha; 01 depósito de merenda; 01 depósito para materiais de limpeza; 01 área de serviços com dois banheiros para os servidores de apoio; 02 depósitos para materiais reutilizáveis utilizados para produção artística das crianças orientadas pela professora; 01 secretaria; 01 sala de professores; 01 almoxarifado; 01 sala direção/coordenação⁶.

As salas de aula são bem amplas, possuindo estantes de MDF acessíveis às crianças, onde são guardados todos os materiais didáticos e brinquedos; três conjuntos de 06 mesas e 06 cadeiras que juntas formam um hexágono. Todas as salas são climatizadas e possuem uma ótima iluminação, pois há duas janelas de vidro, possibilitando a luz solar como também a visão do lado de fora. A sala dá acesso aos solários, que por sua vez possuem um espaço amplo para a quantidade de crianças. Neles são realizadas atividades livres e dirigidas.

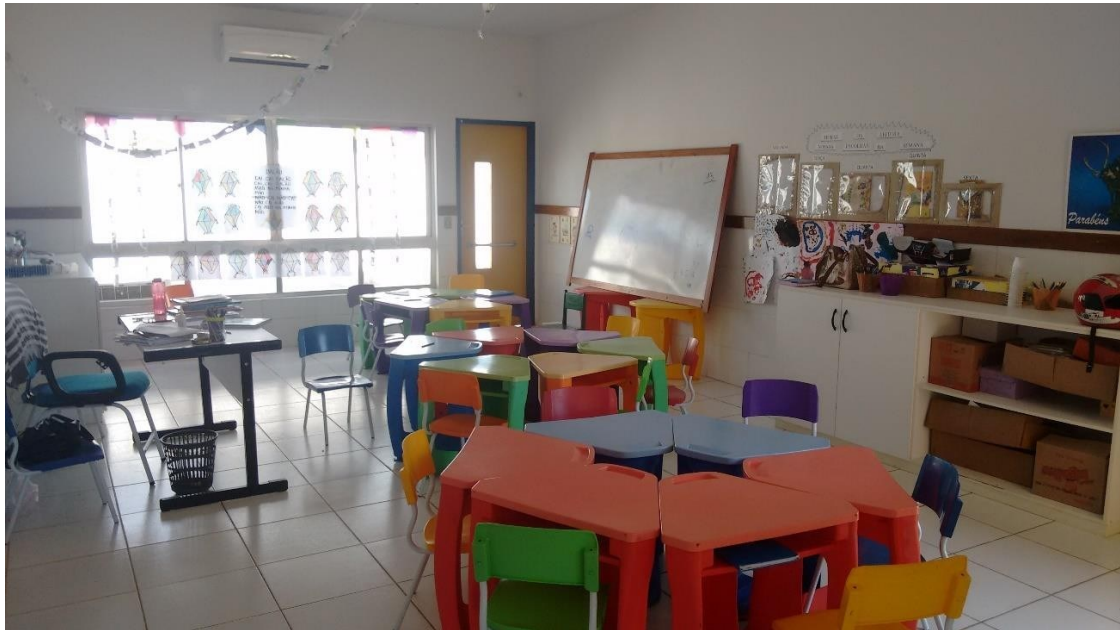
Figura 4: Sala de aula (Frente), Jardim II, NEI “Aquarela”.



Fotografia da pesquisadora, 2017.

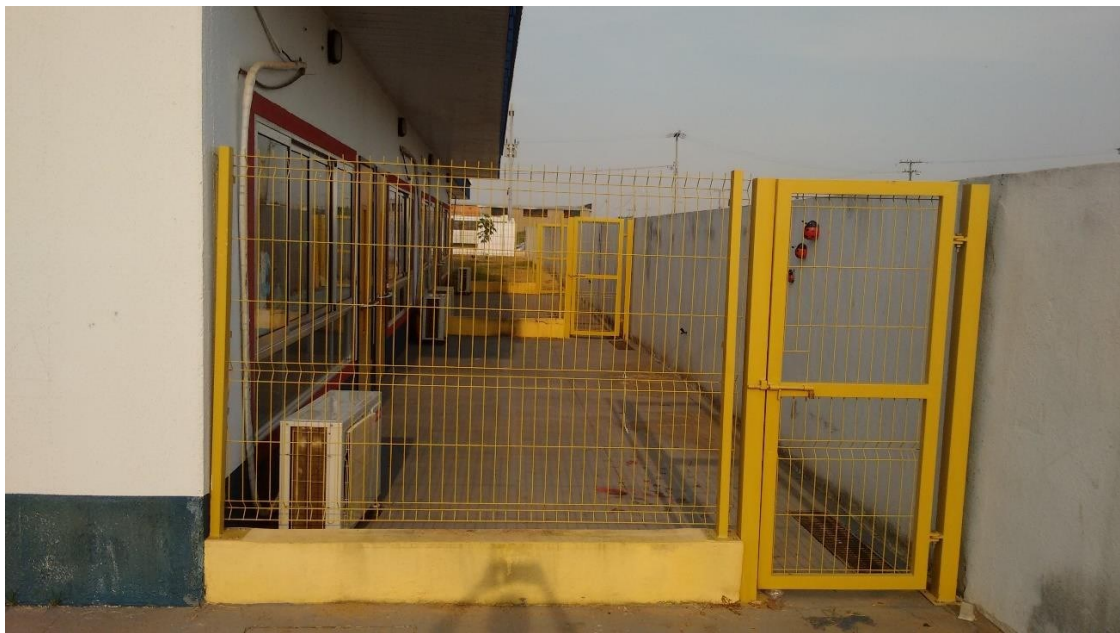
⁶ Parágrafo retirado do PPP da escola.

Figura 5: Sala de aula (Fundo), Jardim II.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 6: Solário.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

O pátio é bem amplo, de um lado se encontra a cozinha e o refeitório. Do outro lado fica uma casinha, um túnel colorido e duas gangorras (verde e laranja), e no centro há o espaço livre para as crianças brincarem. No piso do pátio há desenhos de amarelinhas e caracóis. No fundo da escola se encontra a caixa de areia, porém, em época de inverno as

crianças ficam impossibilitadas de brincarem nela, por ficar muito molhada e boa parte do verão por conta do sol da tarde.

Figura 7: Pátio da escola.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 8: Caixa de areia.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

A escola também conta com uma sala multifuncional (mais conhecida pelos alunos como “sala de brinquedos”) para realização de atividades lúdicas. É um espaço bem amplo, climatizado e bem iluminado, possui diversos brinquedos que recentemente foram doados por uma loja de brinquedos. Há uma TV LCD para as crianças assistirem vídeos e filmes. Os

brinquedos e a televisão ficam em uma estante de MDF que possibilita a autonomia das crianças ao manusear os brinquedos.

Figura 9: Sala de brinquedos.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

As professoras podem desenvolver atividades livres ou dirigidas tanto no espaço das salas de aula quanto nos espaços oferecidos pela escola (sala multifuncional, solário, pátio e caixa de areia).

2.3 OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos participantes da pesquisa foram três professoras denominadas pela pesquisadora de Professora A, Professora B e Professora C com idade entre 30 e 37 anos, uma possui carga horária de 40 horas semanais e duas 20 horas nas instituições pesquisadas, no entanto uma delas leciona em outra escola no período matutino. Todas possuem formação superior em Pedagogia, sendo duas em Universidade pública e uma em faculdade particular. Todas também possuem especialização e uma delas está cursando mestrado. Suas experiências na educação infantil variam de 4 a 2 anos de atuação.

A professora A, com idade de 34 anos, possui 11 anos de formação superior em Pedagogia e 14 anos como professora, além disso possui especialização em “Metodologia do ensino superior”. Inicialmente estagiava na alfabetização na educação infantil, depois de algum tempo começou a lecionar em turmas de 1ª a 4ª série com aulas de inglês em escolas particulares. Após ser aprovada no concurso público do município em 2011, começou a atuar como professora regente do ensino fundamental na E.M.E.F. “Mundo Encantado” (atual N.E.I.). Com a mudança de modalidade, em 2015, a professora passou a lecionar na turma do Jardim II desta instituição, nos períodos manhã e tarde.

A professora B, do NEI “Aquarela”, com 30 anos de idade, trabalha na educação desde 2006. Possui duas especializações, uma em “Gestão coordenação e supervisão escola” e outra em “Educação especial”, atualmente cursa mestrado em “Ciências da educação”. Inicialmente lecionava no ensino fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sempre em escolas públicas. Na educação infantil, começou em 2015 possuindo dois anos de atuação, sendo que na instituição pesquisada apenas um ano. Trabalha nos períodos manhã e tarde, porém em escolas diferentes, ambas as turmas do Jardim II.

A professora C, do NEI “Aquarela”, com 37 anos de idade, possui nove anos de atuação na educação, e além da graduação em Pedagogia, possui especialização em “Psicopedagogia”. Inicialmente, atuava como professora do ensino fundamental, e atualmente leciona na educação infantil há cinco anos, e nesta instituição possui três anos. Trabalha no período da manhã na turma do Maternal e a tarde substitui a professora B na turma do Jardim II.

É importante esclarecer que as professoras B e C lecionam na mesma instituição e por motivos de ausência da Professora B, a C ficou como substituta na turma na qual foi realizada a pesquisa.

Os alunos das turmas observadas, também atuam como sujeitos participantes da pesquisa, pois durante a pesquisa a pesquisadora buscou extrair falas das crianças a respeito dos espaços da escola na qual elas atuam.

3 DISCUSSÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Através das observações da pesquisadora e das entrevistas realizadas com os sujeitos participantes, este capítulo consiste em uma análise que se divide em três categorias: a primeira categoria aborda a relação do brincar e da educação na perspectiva das professoras; a segunda refere-se ao uso dos espaços escolares de modo a proporcionar o brincar, e a terceira trata das relações que as professoras estabelecem com as crianças e o brincar.

As falas dos participantes e os relatos do diário de campo serão expostos com fonte itálico para diferenciá-los das argumentações teóricas utilizadas.

É importante salientar que as experiências no interior da escola ganha significado diferenciado quando contrastada com os comentários dos teóricos da educação. Desse modo, a prática e a teoria tornam-se complementares.

3.1 A RELAÇÃO DO BRINCAR E DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS

De acordo com as entrevistas realizadas com as professoras, ao serem perguntadas qual a concepção do brincar na sua prática pedagógica, elas responderam o seguinte.

Professora A: *“A concepção de brincar é assim, eu sou assim, eu compro brinquedos pros meus alunos e deixo eles brincarem assim a vontade né! Claro que tem as brincadeiras que são dirigidas que a gente faz em sala de aula [...] tem o bingo das letras, tem o bingo dos números, mas aí tem essas brincadeiras didáticas que a gente faz dirigidas que tem algum cunho, e tem aquelas brincadeiras soltas que eles brincam com o monta-monta, eles brincam com as tampinhas, com os brinquedos [...]”*.

Professora B: *“Olha o brincar ele é, já li muitos artigos assim falando, fala que o brincar é fundamental na formação, da mente da criança, na interação, no aprendizado também, é... o brincar é, ele faz parte da infância, então é por isso que a educação infantil é mais ludicidade, porque não existe educação infantil sem o brincar né?!”*

Professora C: *“O brincar não é só brincar, deixar aquela criança jogada ali pra brincar mesmo só pra passar o tempo, não, a gente tá em cima observando, cada pegada de brinquedo, cada olhar. Porque tem gente que não tem essa concepção e não vê num tem?!, acha que a criança quando tá brincando não tem nenhuma importância. Só com o tempo que a gente vai amadurecendo, vai percebendo”*.

A concepção do brincar na visão das professoras está bastante relacionada ao tempo e espaço que elas dispõem às crianças brincarem como também aos materiais que são disponíveis para tal ação, embora que, para a Professora C o brincar não é um passa tempo, ou

só brincar por brincar, o que se pode observar que na prática o brincar geralmente tem sido trabalhado de maneira isolada, assim como observa Alves e Sommerhalder (2006, p. 129) “Na prática pedagógica alguns momentos são dedicados ao brincar, na maioria das vezes desarticulada das atividades de ensino e aprendizagem. É um momento de descanso, de divertimento permitido às crianças depois da árdua tarefa de estudar”.

Porém, a Professora C demonstra ter plena convicção de que é no brincar que muitas coisas podem ser descobertas, o que fica bem evidente na sua prática na sala de aula, do quanto valoriza a ação do brincar ao sempre incentivar que as crianças brinquem, se expressem, se movimentem, e se relacionem umas com as outras.

Já a Professora B tem a consciência da importância que o brincar possui no desenvolvimento integral da criança, pois se baseou nas ideias que os teóricos da educação argumentam a respeito, porém, devido sua pouca experiência com crianças pequenas, foi possível perceber sua dificuldade em trabalhar o brincar na sala de aula de forma efetiva. E, embora na fala das demais professoras, a partir das observações, assim como a Professora B, elas também tem consciência dessa importância, pois em muitos momentos elas faziam menção às ideias dos teóricos, porém argumentavam que boa parte dessas ideias muitas vezes não condiz à realidade dos seus alunos.

Em relação à concepção de educar, ao serem questionadas, as professoras responderam de maneira bem semelhante. Para a Professora A, o educar não se resume em apenas ler e escrever, mas ensinar valores de modo a formar cidadãos de bom caráter. Já para a Professora B, educar é formar cidadãos críticos para a sociedade, e ressalta ainda que atualmente o papel que certamente seria primeiramente o da família está sendo de pura responsabilidade do professor ou da escola em geral, o que se assemelha ao que a Professora A fala sobre ensinar valores. Para a Professora C “*Educação Infantil é o educar e o cuidar né? Só que na educação infantil a gente mais cuida do que educa (risos), mas a gente faz os dois, os dois estão em conjunto [...]*”. É possível perceber que ao expor sua concepção de educar, a professora quis se referir que o papel da educação infantil não é repassar conteúdos, mas permitir que a criança brinque com liberdade, por isso ressalta que o professor mais cuida do que educa.

Desse modo, ao relacionar o brincar com a educação, todas as professoras alegaram ser um importante instrumento no desenvolvimento e aprendizagem da criança e afirmam que a criança aprende brincando. A Professora A afirma trabalhar com sequência didática e no seu planejamento inclui o brincar “*em situações assim que eu vejo que dá pra unir aquela matéria ao brincar dirigido*” que tenha um cunho educativo. Ou seja, o brincar em si não ocupa

nenhum destaque, mas tem sido frequentemente visto apenas como um facilitador da absorção dos conteúdos (ALVES e SOMMERHALDER, 2006). No entanto, a Professora C tanto na entrevista como nas observações, atribui ao brincar um enorme valor, pois em todo momento incentiva e observa a ação lúdica das crianças. Porém, o brincar deve ser visto como um meio de ensinar e aprender, e não de modo separado.

Nas falas das professoras em relação a essa integração, a Professora B assume sentir dificuldade em relacionar as duas coisas na sua prática: *“Eu tenho procurado assim levar dinâmicas pra sala de aula, em alguns momentos eu me frustro”*, e por acabar se frustrando, ela prefere trabalhar o brincar apenas de maneira livre.

Estas situações são bastante encontradas nas duas escolas de E.I., pois tal frustração emerge um erro que muitos educadores comentem ao quererem que seus próprios objetivos sejam alcançados sem levar primeiramente em consideração as vontades, emoções, curiosidades, pensamentos das crianças, o que certamente exige do professor uma atenção maior no brincar de seus alunos, isso reafirma o que Wajskop (1995, p. 31) ressalta:

Como atividade controlada pelo professor, a brincadeira aparecia como um elemento de sedução oferecido à criança. Neste tipo de atividade as crianças não possuem a iniciativa de definirem nem o tema, nem os papéis, nem o conteúdo e nem mesmo o desenvolvimento da brincadeira.

Nas entrevistas, todas as professoras reconhecem teoricamente a importância do brincar na aprendizagem das crianças, porém, apresentam resistência ao associar essa prática com a aprendizagem, e por isso fazem divisão entre o “brincar” e o “educar”, e com isso vemos muitas vezes essa contradição desse discurso na prática docente, principalmente quando se trata de acolher as construções elaboradas pelas crianças nas suas brincadeiras (ALVES e SOMMERHALDER, 2006, p. 130).

Para tanto, é preciso que os educadores da E.I. estejam atentos às brincadeiras das crianças, pois de acordo com Borba (2007, p. 42) “Penetrar nos seus jogos e brincadeiras contribui, por um lado, para colhermos informações importantes para a organização dos espaços-tempos escolares e das práticas pedagógicas de forma que possam garantir e incentivar o brincar”, ou seja, observar as crianças brincar é uma excelente fonte de conhecimento sobre o brincar e sobre as crianças.

Isso se relaciona no momento em que as professoras foram indagadas sobre como as crianças se sentem nas brincadeiras ou nas atividades lúdicas, elas responderam o seguinte:

Professora A: *“tudo tem ser uma sequência, para que a criança ela visualize aquela brincadeira como uma construção de aprendizagem, não só o brincar pelo brincar,*

porque a brincadeira, tem brincadeiras que é brincar por brincar, mas tem brincadeiras que ela tem que ter um cunho educativo, um fim educativo, né”.

Professora B: *“Ah elas ficam muito entusiasmadas, elas ficam muito envolvidas, a gente vê o brilho no olhar delas. O lúdico, ele não tem como ser desligado né, da vida deles, das crianças”.*

Professora C: *“Quando a gente brinca e depois eles ‘tinha vamos brincar daquela brincadeira’ ‘mas eu não me lembro mais’ aí eles falam ‘aquela que a senhora fez assim’ (risos) aí a gente vai brincando e fala ‘ah, você gostou da brincadeira né?’, ‘gostei’, ‘então me mostra aqui como é, me mostra o que você aprendeu’”.*

É possível perceber tanto na fala como nas observações, que para a Professora A o brincar só tem valor quando percebe que tal ação apresenta uma relação educativa, desconsiderando que para a criança o brincar é coisa séria, que o brincar tem um enorme sentido para ela, mesmo que para nós adultos não haja. Desse modo, fica difícil desvendar as construções que as crianças elaboram através das suas brincadeiras. Ao contrário da Professora C, que questiona as crianças sobre os seus conhecimentos de forma natural ao perceber o interesse pela brincadeira, o que também foi possível perceber durante as observações.

Por outro lado, a formação acadêmica e as experiências vividas anteriormente acabam refletindo na prática pedagógica dos educadores da educação infantil. Por ser historicamente, a infância uma fase da vida pouco valorizada na prática, vemos que há um grande distanciamento no que os teóricos argumentam sobre a importância do brincar no desenvolvimento integral da criança ao nos depararmos com a prática nas escolas de educação infantil. Muitas vezes por não receber esta formação tanto teórica como prática, os educadores de crianças menores sentem muitas dificuldades em relacionar o brincar e a educação na sua prática pedagógica.

Desse modo, ao serem indagadas sobre sua formação acadêmica, todas as professoras foram unânimes ao afirmar que tiveram disciplinas voltadas para o brincar, porém sentiram dificuldades ao recordar como elas foram de fato, apenas recordam que nas aulas aprenderam a confeccionar jogos pedagógicos para as crianças, que por sua vez não tiveram a teoria posta em prática junto às crianças, como podemos observar na fala da Professora B *“Eu lembro que a gente tinha oficinas de brinquedos... mas não foi assim tão... foi uma disciplina mais teórica, não teve tanta prática. Os temas eram brinquedos, jogos pedagógicos, foi mais sobre jogos”.* O que também não diferencia na fala da Professora A *“trabalhava a questão da*

psicomotricidade, que tipo de atividade vai ajudar o que, pra quê, qual o objetivo, é mais ou menos isso”.

Devido essa formação descontextualizada sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil, vemos que as escolas tem transformado o discurso de que é “brincando que a criança aprende” apenas como uma estratégia facilitadora da aprendizagem. Neste sentido, Wajskop (1995, p. 29) ressalva que é:

[...] uma tendência das pré-escolas brasileiras em trabalhar com as crianças através da utilização de materiais didáticos, brinquedos pedagógicos e métodos lúdicos de ensino e alfabetização como fins em si mesmos, descontextualizando seu uso dos processos cognitivos e históricos experienciados pelas crianças.

Ou seja, o brincar, a ludicidade é trabalhada nas graduações muitas vezes apenas teoricamente, o que acaba refletindo na prática pedagógica dos educadores e com isso “sua presença na escola é uma ilusão de ótica, uma miragem aos olhos de quem atravessa um escaldante deserto” (ALVES e SOMMERHALDER, 2006, p. 129).

3.2 O USO DOS ESPAÇOS ESCOLARES PARA O BRINCAR

Sabemos que devido a diminuição crescente dos espaços para o brincar, a escola, no entanto, acaba sendo o único espaço/lugar onde as crianças brincam. Porém, em alguns casos, a escola não propicia e nem estimula o brincar, devido as práticas tradicionais utilizadas pelos professores ou pela instituição ou pela inadequação do espaço.

Portanto, vale ressaltar que as escolas pesquisadas apresentam espaços e dimensões diferentes uma da outra. A escolha se deu exatamente para comparar como as professoras têm utilizado os espaços disponíveis para favorecer o brincar das crianças e como as crianças interagem nesses espaços.

Ao serem indagadas se a escola em que atuam possui um espaço para brincadeiras e se elas consideram esse espaço adequado, as professoras responderam da seguinte forma:

Professora A: *“Não. Porque aqui não tem playground, não tem uma caixinha de areia pra criança brincar, então você tem que criar esse ambiente na sua sala de aula... trazer recursos [...] porque em muitas oportunidades a escola não tem, aqui já teve mais, mas aí as coisas foram se perdendo. [...] eu acho que o espaço inadequado porque aqui o menino vai correr, vai tropeçar em alguma coisa, tem menino que a gente sabe que quer correr por cima das cadeiras, por cima das mesas. [...] O problema da nossa escola é esse, por não ter um espaço assim mesmo, adequado pra as crianças brincar”.*

Professora B: *“Sim (Risos). É adequado. Ah porque a escola já foi feita com esse objetivo, tanto é que essa escola é uma escola modelo né, assim, entre todas as outras que existe no município, ela é uma escola do sonho assim, que muitas pessoas que não*

conhecem nem pensam que tá em Marabá. Então ela tem o cantinho do... todas as salas, tem o pátio justamente pra isso. Dentro de uma sala tem outra sala pra eles descansarem, né. A escola tem colchonetes, tem banheiro, pia, fraldário, então a escola foi feita mesmo né, justamente pra isso”.

Professora C: *“Possui sim, bastante né. [...] É adequado sim, esse espaço é bom demais oh [...] Aqui a gente tá no paraíso”.*

Diante da fala das professoras, podemos perceber realidades totalmente distintas. Enquanto em uma escola o espaço destinado para as crianças brincarem se limita na sala de aula, na outra há várias opções na qual as crianças podem brincar livremente.

Por não possuir um pátio amplo onde as crianças possam brincar livremente, durante as observações, a Professora A dispõe um tempo em que não está realizando nenhum tipo de “atividade educativa”, para as crianças poderem pegar os brinquedos e brincarem nos pequenos espaços livres da sala de aula como forma de compensação.

Ao serem indagadas de como é aproveitado e que tipo de atividades são desenvolvidas nos espaços disponíveis para o brincar, a Professora A apenas considerou o pátio como o espaço que poderia ser utilizado para as brincadeiras das crianças, e acrescenta que é utilizado para as refeições, brincadeiras e reuniões. E nos diálogos durante a rotina em sala de aula, a professora relata ainda que as crianças são proibidas de correr e pular no pátio depois das refeições. Para não machucarem, elas apenas lancham e retornam para a sala.

Deste modo, a professora utiliza apenas a sala de aula para as realizações de brincadeiras, porém, mais uma vez ela considera que o brincar por si não apresenta nenhum destaque, se nele não houver nenhum cunho educativo, o que ficou bem evidente nas observações realizadas. Pois nos momentos em que as crianças brincavam, a professora corrigia suas tarefas no caderno.

Figura 10: Jogo do alfabeto.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 11: Brincando de faz-de-conta.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Já a Professora B afirma realizar no pátio atividades como de recorte, dobradura, brincadeiras dirigidas e livres. Mas, nos demais espaços como a caixa de areia, sala dos brinquedos, solário, tanto na entrevista como nas observações, ficou evidente que as crianças apenas realizam atividades livres nos horários destinados pela escola como pode ser observado nas imagens abaixo, e que a professora observa as crianças brincarem apenas para resolver conflitos entre elas.

Figura 12: Brincadeira livre no solário.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 13: Brincadeira livre na caixa de areia.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 14: Brincadeira livre na sala de brinquedos.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

A Professora C assim como a B, afirma realizar brincadeiras dirigidas no pátio, e ressalta gostar muito de sair da rotina da sala de aula, de fazer aulas diferenciadas no pátio e no solário, o que reafirma nas observações, ao estar sempre disposta em incentivar as crianças brincarem como também constrói esse ambiente para elas, como podemos observar nas anotações do diário de campo e nas imagens abaixo.

A professora coloca um tecido azul no chão para contar a história do pescador. O tecido azul representava o mar, depois ela coloca alguns objetos em cima do tecido para representar a poluição. Enquanto ela colocava, ela ia perguntando às crianças quem polui o mar/rio. Um responde dizendo que são os humanos, então ela pergunta quem são os humanos e ele responde que somos nós. Em seguida ela pergunta se ele polui o rio, e ele disse que não que só toma banho. A professora começa então a contar a história, usa um chapéu de palha para representar o pescador. No decorrer da história ela chama algumas crianças para ajudá-la a limpar o rio, as crianças seriam os barqueiros e usavam os barquinhos de papel para representar (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 20 de setembro de 2017).

Figura 15: Contação de história.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

[...] a professora pede para as crianças sentarem no chão, pois irá organizar a sala para o piquenique. Ela coloca um tecido azul no chão e corta uma maçã e uma pera na quantidade das crianças, e organiza um potinho de iogurte, água, leite condensado, biscoito de água e sal sobre o tecido. Ela cria um ambiente aconchegante, enquanto as crianças ficavam sentadas no chão esperando ansiosas a professora chama-las. Enquanto isso, a professora ia conversando com as crianças. Ela filma as crianças chamando todas pelo nome, eles fazem pose e sorriem felizes pelo piquenique. A professora começa então chamar uma por uma para o piquenique. As crianças experimentam biscoito com iogurte e acham uma delícia, ficando maravilhados. A professora pergunta se eles já havia provado antes, e eles responderam que não. Sendo assim, sua primeira experiência com combinação de simples alimentos que eles comem no dia a dia (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 21 de setembro de 2017).

Figura 16: Piquenique.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Como podemos perceber nas imagens, a Professora C sempre deixava o espaço da sala de aula livre para realizar alguma atividade lúdica com as crianças. As cadeiras e mesas na maioria das vezes se encontravam encostadas na parede deixando livre o centro da sala de aula. Sempre iniciava a aula sentada no chão em roda para conversar ou contar alguma história para os alunos.

O que se pode perceber é que, apesar de todas utilizarem a sala de aula para realizar brincadeiras, elas dão ênfase ao pátio como um espaço mais ideal para as realizações das brincadeiras, deixando a sala de aula esquecida, o que acaba entrando em discrepância na fala da Professora A ao argumentar anteriormente “*então você tem que criar esse ambiente na sua sala de aula*”. Ou seja, embora a sala de aula seja o único espaço no qual as crianças possam brincar, ela é vista como um lugar apenas para o estudo e o pátio o lugar para o brincar, uma visão bastante enraizada nas nossas escolas.

Neste sentido, é importante que o professor da E.I. crie um ambiente – seja ele em um espaço grande ou pequeno, dentro ou fora da sala de aula –, de modo a desafiar as crianças a desenvolver suas habilidades e competências. Pois “o modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica” (HONR, 2004, p. 15).

Desse modo, é preciso entender que não é deixar simplesmente que as crianças brinquem, mas que o professor faça desse momento e espaço, um lugar de observação, de registro diário dos temas das brincadeiras, de suas motivações, pois a forma como o espaço é utilizado e os objetos e brinquedos são usados e das formas de interação, faz com que as atitudes, ideias e dificuldades diante dessas situações, pode ser uma forma de começar a modificar sua prática pedagógica. Desse modo, acordo com Wajskop (1995, p. 68):

A partir do registro, cabe às profissionais planejar e replanejar, diariamente, as atividades a serem desenvolvidas nas instituições, levando-se em conta as faixas etárias, os ritmos individuais, as condições sociais e culturais das crianças e suas famílias.

Além do mais, o professor deve incorporar na sua prática o significado de experiência de cultura que o brincar possui, portanto, isso exige a garantia de tempos e espaços para que as próprias crianças criem e desenvolvam suas brincadeiras, não apenas em locais e horários destinados pela escola a essas atividades, mas também os espaços das salas de aula, por meio da invenção de diferentes formas de brincar com os conhecimentos (BORBA, 2007, p. 43).

Por outro lado, o que nos chamou a atenção sobre como esses espaços são utilizados, foi que no momento da entrevista, a Professora B reconhece sua falha ao lidar com o brincar na sua prática pedagógica e ressalta a necessidade da escola promover formações, oficinas para que as professoras aprendam a utilizar os espaços que a escola dispõe.

Eu acho assim, que o que tá faltando é formação mesmo pra nós professores entendeu?! Já que a escola nos propõe né, nós temos uma diretora, uma coordenadora que é totalmente a favor disso né, são envolvidas né, tá a educação infantil tá na veia (Risos) né, então eu acho que tá faltando agora pegar esses professores né, eu me incluo nesses professores, eu sei que eu preciso aprender muito também assim... melhorar mais né, mas assim, abrir a nossa mente né com evento, formações, oficinas, pra que a gente também se envolva né, a fundo nesse mundo infantil né, que é a ludicidade, que a gente já sabe que é importante pra formação da criança né, pra relação dela, a interação social, emocional, então o lúdico ele é fundamental assim... e é importante demais na formação da criança, então nós professores também precisamos disso né, porque se não nada vai adiantar ter um espaço se o professor não souber utilizar, trabalhar e lidar com esses espaços (PROFESSORA B, 2017)

Dessa forma, não nos cabe simplesmente criticar as atitudes das professoras, embora algumas delas sejam inaceitáveis, mas é preciso destacar que assim como Carvalho (apud CORRÊIA, 2003) observou em sua pesquisa, é que na maioria das escolas, as professoras se encontram praticamente sozinhas na realização do seu trabalho. A falta de investimentos na formação em serviço e no âmbito escolar são fatores que refletem na prática dos educadores de nossas escolas, e que conseqüentemente leva as professoras a terem dificuldades em utilizar os espaços da escola de modo a favorecer o brincar das crianças.

Ao serem inquiridas das dificuldades encontradas para aproveitar esses espaços, a Professora A novamente se volta ao pátio e argumenta que sua dificuldade é a falta de um cronograma de uso dele, pois relata que um certo dia foi realizar uma brincadeira dirigida no pátio e outra professora já estava usando, por isso não o utilizou mais. Já para a Professora B sua maior dificuldade é a indisciplina das crianças, desse modo, argumenta: “*eu acho que não é nem assim porque eu não gosto de trabalhar a ludicidade né, é pelas crianças mesmo, pela minha turma que em alguns momentos eles dificultam né, a realização das atividades que terminam me frustrando*”. E a Professora C não encontra nenhuma dificuldade, pelo contrário, afirma que é possível fazer o que quiser.

O espaço é um fator importante na ação do brincar, e é de suma importância que haja espaços que permitem que as crianças brinquem com liberdade no âmbito escolar, mas o que percebemos é que as professoras atribuem um valor maior ao espaço físico em si, e não consideram que o espaço também, e principalmente, é aquele onde as coisas acontecem, são

as relações e interações que nele acontecem, seja o espaço grande ou pequeno. Neste sentido, Faria (1998, p. 96) ressalta:

O espaço físico não se resume em sua metragem. Grande ou pequeno, o espaço físico de qualquer tipo de centro de educação infantil precisa tornar-se um ambiente, isto é, ambientar os adultos e as crianças: viabilizando o agrupamento de poucas e/ou muitas crianças, misturando as idades, estendendo-se à rua, ao bairro e à cidade, melhorando as condições de vida de todos os envolvidos, sempre atendendo a objetivos das atividades programadas individuais e coletivas, com ou sem a presença de adulto(s) e que permita emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisível, os saberes espontâneos infantis.

Dessa forma, diante do que foi exposto nas falas das professoras, o que percebemos até aqui é que o brincar só ganha algum destaque quando este está associado (para o professor) à algum conteúdo, e que o brincar livre apresenta apenas um divertimento, relaxamento, o não trabalho para as crianças. E que o espaço do brincar só é considerado na sua dimensão grande, por isso, vemos a dificuldade das professoras em considerar a sala de aula um espaço onde se pode realizar brincadeiras, atividades junto às crianças.

Para tanto, o professor precisa considerar a sala de aula não como apenas um local de trabalho, mas como um parceiro na sua prática educativa (HORN, 2004). E por isso, o professor precisa explorar esse espaço para que conseqüentemente as crianças também o façam. Este espaço precisa estar organizado de modo a convidar às crianças a criatividade, a expressão e ao conhecimento, ou seja, o espaço precisa ser desafiador, convidativo.

3.3 AS RELAÇÕES COM AS CRIANÇAS E O BRINCAR

Sabemos que é no brincar que as crianças estabelecem relações e interações umas com as outras e com os adultos, e que a escola é este lugar de encontro. No entanto, o que notamos é que muitas vezes não há nenhuma participação do adulto junto às crianças no momento das brincadeiras. Os adultos (pais e professores) muitas vezes se esquivam no momento das brincadeiras, ou apenas atuam como um observador.

Ao serem indagadas se é satisfatório brincar com as crianças, a Professora A relata “*é legal, mas a criança ela te exige muito e as vezes sabe... você tem que se preservar [...] Eu brincava, mas assim, é satisfatório? É, mas é cansativo, demais*”. Tal afirmação foi perceptível nas observações em sala de aula. Depois das tarefas, as crianças tinham um momento em que pegavam os brinquedos e se agrupavam em roda nos espaços livres da sala para brincarem, enquanto a professora escrevia ou corrigia as atividades nos cadernos das crianças, o que mostra que em nenhum momento a professora se juntava às brincadeiras realizadas pelas crianças.

A Professora B afirma “*Sim, até eu brinco junto (Risos), a gente tem nosso momento de infância junto com eles, lembra né, os nossos momento*”. No entanto, durante as observações, apenas em um momento foi possível observar a professora brincando por alguns instantes com as crianças, porém, nos demais momentos atuou apenas como observadora. Ao contrário da Professora C que afirma com convicção ser satisfatório:

Com certeza. Em todo canto que eu vou, ontem mesmo eu fui para um aniversário aí chegou assim ‘Tia ainda bem que a senhora chegou, a senhora trouxe uma brincadeira legal pra nós?’ aí eu falei ‘Meu Deus do céu, será que eu já tenho cara de brincar’ (risos) aí eu respondi ‘eu acho que eu trouxe uma, a gente já vai brincar’ e eles disseram ‘ah por isso que a gente gosta da senhora, a senhora sempre tem uma novidade’.

Tal afirmação foi bastante perceptível nas observações. A disposição da professora em brincar com as crianças era nítida. Era como se não houve tempo ruim ou cansaço para ela, sempre demonstrou prazer ao brincar com as crianças, pois em todo momento estava entre elas e incentivando-as a brincar tanto na sala de aula, como nos outros espaços disponíveis, como podemos observar nas imagens abaixo.

Figura 17: Dança das cadeiras.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 18: Brincadeira livre no pátio.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

O que podemos perceber diante das falas e atitudes das professoras, são posicionamentos diferentes frente a ação do brincar. Embora reconheçam ser satisfatório brincar com as crianças, as professoras A e B agem de modo contrário, assumindo apenas uma posição de observador. Assim, o que acontece muitas vezes é o que Alves e Sommerhalder (2006, p. 129) observam sobre as atitudes de pais e professores diante do brincar:

Normalmente, seu envolvimento com o brincar infantil se resume na observação, na proposta de uma ou outra brincadeira às crianças e/ou disponibilizando materiais e brinquedos a elas. São poucos os momentos em que podemos observar um adulto, sejam os pais ou o professor, brincando com a(s) criança(s). A recusa em brincar com as crianças talvez resida no medo de se infantilizar.

Então, a relação que o adulto estabelece com as crianças, no medo de se infantilizar, é ficando a margem das brincadeiras infantis assumindo uma atitude, comportamento socialmente aceitável. Embora, reconheçam que ao brincar com as crianças é possível relembrar os momentos de infância vividos no passado como observamos na fala da Professora B, muitos professores se deixam levar por esse medo, para assumir uma posição séria diante das brincadeiras infantis.

Ao perguntarmos sobre qual seria o papel do professor entre a criança-brincar e a criança-espço as professoras responderam:

Professora A: *“Eu acho assim, que o professor tem que criar um espaço lúdico na sala dele [...] o professor ele tem que propiciar esses momentos pra criança, né. Quando for brincar por brincar como eu faço com eles, eu dou o brinquedo e tudo mais, eles pegam e brinca, mas tem o momento que as crianças vão brincar mas são dirigida é... um fim de ensino mesmo, de aprendizagem, de algum conteúdo que você esteja ensinando, pra isso você tem que montar aquela sequência né [...]”.*

Professora B: *“O professor tem que ser esse elo né, porque se ele não propõe esse momento, então não vai existir esse elo entre o professor, o aluno, o brincar e o espaço né. Então o professor tem que propor esse espaço, esse momento pro aluno, mesmo que a escola não tenha nenhuma estrutura, mas o professor tem que proporcionar esses momentos né, levando um tapete, põe na sala de aula, coloca os brinquedos, coloca a sala em roda, propõe uma dinâmica, uma brincadeira com os alunos né”.*

Professora C: *Mais de fiscal mesmo.*

Nas falas das professoras A e B o professor tem o papel de ligar a criança-brincar e a criança-espço, e que o professor precisa propor o espaço do brincar para a criança. Porém, elas associam o seu papel apenas ao de dispor brinquedos e espaço aos seus alunos, mas, além disso, o professor precisa também partilhar das brincadeiras das crianças (WAJSKOP, 1995). Embora a Professora C tenha respondido que o papel do professor é de fiscal, nas observações a mesma se mostrou bem ativa durante as brincadeiras das crianças, além de fiscalizar, também partilhava e interagiu junto as crianças.

O professor deve assumir o papel de mediador entre a criança-brincar e a criança-espço. No entanto, a noção de mediação não é simples, pois não significa o professor estar no meio de todas as relações, mas que ele intervenha e organize o ambiente para que essas relações possam ser otimizadas (CRAIDY, 2004). Pois não basta que o professor organize o espaço de modo a desafiar as competências das crianças, se nele não houver a interação entre as relações criança-brincar, criança-espço, criança-criança e adulto-criança.

Diante das observações das brincadeiras das crianças, de como elas interagiam umas com as outras e também com o espaço, foi possível perceber que embora haja ou não espaço adequado para o brincar, as crianças improvisavam seus momentos de brincadeiras com ou sem a presença do professor. Isso foi possível constatar em vários momentos, e o que nos chamou mais a atenção foi que, apesar de ser proibido as crianças brincarem no pátio na horário do lanche, elas encontram alguma maneira de realizar um brincar furtivo, o que podemos perceber na fala de uma das crianças.

Ao conversar com duas meninas, Sara e Nicolly, ambas 5 anos, pergunto a elas se gostam de brincar na escola, e elas respondem que sim. Perguntei ainda se elas preferem brincar na sala ou lá fora. As duas respondem que preferem lá fora. Perguntei por quê e Sara responde porque tem mais espaço, porém Nicolly diz que a professora não deixa brincar lá fora. Sara fala que na hora do lanche ela aproveita para brincar, só que não pode pular e nem correr (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 26 de junho, 2017).

Ou seja, não importam o lugar, as crianças sempre dão um jeito de brincar. No entanto, como já foi discutido, o professor precisa fazer desse momento a oportunidade de observar, registrar como as crianças brincam, do que brincam e como se relacionam uma com as outras.

Os alunos da Professora A, embora houvesse pouco espaço para eles brincarem, os alunos sempre achavam uma maneira e um espaço para se relacionarem. Na maioria das vezes, os meninos brincavam na mesa com o monta-monta e com os carrinhos, sempre alegando montar robôs, pista de carros e faziam comentários entre si sobre filmes/desenhos animados que assistem em casa. Já as meninas brincam no chão de casinha ou salão de beleza, outras preferem desenhar e pintar, como podemos observar nas imagens a seguir.

Figura 19: Brincando de monta-monta.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 20: Brincando de cozinha.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Diante disso, podemos perceber que mesmo que o espaço para o brincar seja reduzido, a criança consegue brincar, não importa o local onde estejam, o que importa para elas é o momento em que brincou (CARNEIRO e DODGE, 2007). Além do mais, ao brincar, as crianças assumem papéis e comportamentos que na vida real não são capazes de realizar.

Foi possível perceber, que a maior motivação das crianças irem para a escola, é que lá elas irão encontrar seus coleguinhas e talvez é apenas na escola que elas brincam com outras crianças, ou seja, coletivamente. Desse modo, podemos observar tal afirmação nos comentários de uma das crianças durante uma conversa com a pesquisadora.

Ao ser interrogado do que gosta de brincar, ele responde de monta-monta, esconde-esconde. Disse que prefere brincar na sala. Em casa brinca com o irmãozinho de 1 ano e brinca na rua. Mas prefere mesmo brincar na escola, porque brinca com os coleguinhas (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 27 de junho de 2017).

É, muitas vezes na escola, onde as primeiras amizades são construídas, onde as crianças aprendem outras brincadeiras, onde as culturas são compartilhadas. E com isso a brincadeira se torna um lugar de construção de culturas nas quais são fundadas nas interações sociais entre as crianças (BORBA, 2007, p. 41).

Os alunos da Professora B não agem diferentes quando o assunto é brincar. A única diferença é que a escola dispõe espaços amplos e variedades de brinquedos para que a ação de

brincar das crianças se torne, de certa forma, mais prazerosa e efetiva. Embora, possuem variedades de brinquedos, o interessante nas observações, é que o que mais chama a atenção das crianças são os simples objetos como tampinhas de garrafa pet, potinhos de iogurte, pedaço de madeira entre outros, que em suas mãos ganham outros significados para as crianças.

Com isso percebemos que quanto mais simples for o brinquedo, maior é a possibilidade de a criança imaginar e criar. Por outro lado, assim como adverte Benjamim (apud ALVES e SOMMERHALDER, 2006, p. 128) “[...] quanto mais atraentes forem os brinquedos, mais distantes estarão de seu valor como ‘instrumentos’ de brincar; quando ilimitadamente a imitação anuncia-se neles, tanto mais desviam-se da brincadeira viva”.

Durante a pesquisa, em todo momento as crianças com a sua criatividade, criavam e recriavam suas próprias brincadeiras, como podemos observar nas observações e imagens abaixo:

Um dos meninos ao brincar com o barangandã, coloca-o em frente da caixa da central de ar para ficar ao vento do aparelho. Seu coleguinha sem querer acaba puxando e o outro reclama que atrapalhou sua pesca.

As meninas deixam de brincar com o elástico e entra na sala para pegar algumas cadeiras e as usa para formar um círculo e coloca entre elas o elástica que estavam brincando. Elas pegam umas tampinhas de garrafa pet para brincarem. Elas colocam uma em cima da outra formando assim pirâmides (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 14 de junho, 2017).

Figura 21: Brincadeira livre (meninos).



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Figura 22: Brincadeira livre (meninas).



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Um deles havia terminado seu desenho e pegou uns rolos de papelão e colocou nos pés, nos braços e na cabeça, parecendo um robô. Ele anda pela sala chamando a atenção dos demais coleguinhas, eles riem e depois quiseram imitá-lo. Isso mostra o quanto as crianças são criativas (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 21 de setembro, 2017).

Figura 23: Brincando de Faz-de-conta.



Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2017.

Diante disso, podemos constatar ainda que ao brincar de faz-de-conta, a criança transforma objetos que muitas vezes, para nós adultos, não possui nenhum sentido com o que ela leva nas mãos. Ela também não só transforma os objetos, mas também modifica o espaço no qual atua, de modo a adaptá-lo conforme exige a brincadeira. Neste sentido, Borba (2006, pp. 46-47) destaca:

O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade. Nele, as coisas podem ser outras, o mundo vira do avesso, de ponta-cabeça, permitindo à criança se descolar da realidade imediata e transitar por outros tempos e lugares, inventar e realizar ações/interações com a ajuda de gestos, expressões e palavras, ser autora de suas histórias e ser outros, muitos outros: pai, mãe, cavaleiro, bruxo, fada, príncipe, sapo, cachorro, trem, condutor, guerreiro, super-herói... São tantas possibilidades quanto é permitido que as crianças imaginem e ajam guiadas pela imaginação, pelos significados criados, combinados e partilhados com os parceiros de brincadeira. Sendo esses outros, definindo outros tempos, lugares e relações, as crianças aprendem a olhar e compreender o mundo e a si mesmas de outras perspectivas.

Dessa forma, a relação da criança com o brincar e com outras crianças e adultos faz necessária para seu desenvolvimento integral, como para o seu conhecimento de mundo. Através do brincar, a criança conhece outros mundos, outras culturas, novas regras, como também adquirem autonomia, novas habilidades e competências, o que foi possível constatar durante a realização da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do percurso trilhado para a realização da pesquisa, na qual, buscou-se compreender a importância do brincar e de como os professores de educação infantil tem se apropriado do espaço para favorecer uma educação pelo brincar, nos possibilitou vivenciar realidades distintas, mas ao mesmo tempo semelhantes.

Vimos que o brincar além de ser fundamental para o desenvolvimento da criança, é acima de tudo um direito dela. Porém, muitos fatores têm impossibilitado de nossas crianças gozarem desse direito, sendo um deles a diminuição/ausência de espaços, no qual, ela possa brincar com liberdade.

A partir da revisão bibliográfica, percebemos que o espaço não é neutro, mas construído socialmente (HONR, 2004). Pois é no espaço físico que as relações são estabelecidas, é onde as coisas acontecem. É onde as crianças brincam, interagem umas com as outras e com os adultos, compartilham culturas, e constrói sua própria história, e o adulto (pais e professores) como peça fundamental, exerce o papel de mediador dessas situações.

Desse modo, em muitos casos a escola acaba sendo o único espaço/lugar onde as crianças possam brincar com liberdade e interagir entre elas e com adultos. No entanto, devido à vontade acelerada de pais e professores em verem suas crianças alfabetizadas, elas tem sido forçadas a ler e a escrever sem nenhum prazer, roubando delas a infância, a imaginação, o espírito lúdico, tudo por causa da exigência do mundo capitalista em que tempo é dinheiro e brincar é simplesmente perdê-lo. Com isso, o brincar tem sido trabalhado de forma muito limitada e isolada no ambiente escolar, resumida apenas à hora do recreio.

A maioria das escolas brasileiras destinadas à educação infantil ainda oferecem espaços que determina a disciplina, na qual as crianças são mantidas em uma imobilidade artificial (HONR, 2004). Com isso, o brincar nessas instituições perdem seu valor, pois são marcadas pelas tarefas repetitivas realizadas em sala de aula, no qual a transmissão de conteúdos ganham maior destaque.

Nas escolas analisadas, pudemos perceber que embora uma delas haja espaços reduzidos, as crianças não são privadas de brincar. Porém, as crianças se sentem um pouco reprimidas diante da sua ação de brincar, ao contrário da outra escola que preza uma educação libertadora, e tem caminhado para isso.

No entanto, as professoras de ambas escolas sentem dificuldades em associar o brincar e a educação. Pois foi perceptível, diante das observações e entrevistas coletadas durante a pesquisa, que a concepção de brincar está relacionada apenas ao tempo e materiais

disponíveis para as crianças, concepção esta que está bastante enraizada na prática dos educadores, pois o brincar só tem algum sentido se nele houver um cunho educativo (para o professor) e com isso, associar o brincar e o educar se torna um grande desafio.

Embora, as professoras reconheçam a importância do brincar e de espaços que possibilitem o desenvolvimento das crianças, muitas são as dificuldades em abrir caminhos por uma educação que privilegie o brincar. Os espaços muitas vezes não são considerados como um aliado no processo educativo, como por exemplo, a própria sala de aula.

Para a maioria das professoras, o único espaço considerável adequado para as crianças brincarem é o pátio. Esta visão se dá pelo fato de por muito tempo se considerar a sala de aula um lugar para estudar, e o pátio o lugar para brincar na hora do recreio.

Por outro lado, vimos que alguns professores se sentem incapacitados em utilizar os espaços disponíveis pela escola. Apesar de a escola dispor de espaços amplos e recursos que possibilitem o brincar, a professora muitas vezes não sabe lidar com esses espaços de modo a propiciar uma educação pelo brincar, com o universo lúdico que é o da criança. Desse modo, as professoras atuam apenas como observadora das brincadeiras realizadas pelas crianças.

Isso muitas vezes está relacionado às experiências vivenciadas ao longo da formação acadêmica, que de certa forma acaba apresentando a ludicidade apenas teoricamente, sem associá-la à prática. Por este motivo, vemos tantos discursos que muitas vezes não condiz com a prática em sala de aula. Para tanto, necessitamos de professores capacitados em tornar o ambiente escolar mais significativo para a criança, para que ela se desenvolva plenamente.

Os professores da educação infantil além de reconhecer a importância do brincar e do espaço, precisam acima de tudo colocar em prática o que muitas vezes fica apenas no belo discurso. Que ele veja o espaço, tanto dentro como fora da sala de aula, como um aliado na sua prática educativa, pois “o espaço não é dado, mas deve ser construído como uma dimensão do trabalho pedagógico” (CRAIDY apud HONR, 2004, p. ix).

Porém, foi possível perceber que muitas escolas de educação infantil não possuem espaços que possibilite um brincar com liberdade. As escolas analisadas possuem estruturas e realidades totalmente diferentes. Por um lado, encontramos uma escola que há espaços como caixa de areia, solário, pátio, sala de brinquedos, no qual, as crianças se sentem livres e felizes, por outro lado, encontramos uma escola, na qual, as crianças são privadas de correr, pular e que o brincar se limita apenas nos pequenos espaços livres da sala de aula.

Apesar de todas as dificuldades, as crianças dessas instituições são capazes de criar, recriar e imaginar e de se apropriar do espaço, no entanto, a questão desta pesquisa se direcionou ao uso do espaço pelo professor, não pelas crianças, pois elas brincam

independentemente se há um espaço apropriado ou não. O que acontece é que os professores não tem conseguido dialogar com isso, pois para uma, é preciso ter um espaço previamente configurado, com objetos e artefatos específicos para brincadeiras, caso contrário, não existe espaço do brincar. Por outro lado, apesar de possuir uma estrutura adequada para o brincar, a professora não se sente preparada para usar este espaço, o que leva à queixa de formações e capacitações para a apropriação dos espaços.

Diante de tudo isso, voltando à primeira questão da pesquisadora sobre a Brinquedoteca, percebemos que mais importante do que ter um espaço (Brinquedotecas, Sala multifuncional ou arquitetura planejada) direcionado para brincadeiras, não desmerecendo nenhum deles, é ter o professor, o sujeito da educação com uma compreensão social do brincar, pois a partir disso até as dificuldades serão superadas se existir essa concepção por parte do professor. Apesar de que, a figura do professor não seja o objeto principal desta pesquisa, tal resultado girou em torno desta questão e nos levou a pensar em outros trabalhos que vise a figura do professor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. Brincar uma aprendizagem para vida. In. **Brincar, amar e viver**. V1, 1ª ed. Assis/SP: Storbem Gráfica e Editora, 2014.
- ALVES, Fernando Donizete; SOMMERHALDER, Aline. O brincar: linguagem da infância, língua do infantil. **CEV**. Motriz, Rio Claro, v.12 n.2 p.125-132, mai./ago. 2006. Disponível em: < <http://cev.org.br/biblioteca/o-brincar-linguagem-infancia-lingua-infantil-1/>> Acesso em: 10 jan. 2018.
- ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na história. In. DEL PRIORI, Mary (org). **Histórias das crianças no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1989.
- ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República. Brasília, DF. Disponível em: < http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf > Acesso em: 15 fev. 2017.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Presidência da República. 5 de outubro de 1988. Brasília, DF. Disponível em: < http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao1988.html> Acesso em: 15 fev. 2017.
- _____. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 27 set. 1990. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 15 fev. 2017.
- BORBA, Angela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In. BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos:**

orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília, 2007, p. 33-45.

_____. A brincadeira como experiência de cultura. In. In: **O cotidiano na Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Boletim Salto para o Futuro, 2006. p. 28-45.

BOURDIEU, Pierre. O espaço na vida social: espaço social, espaço físico e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300010>> Acesso em: 13 ago. 2017.

BUITONI, Cássia Schroeder. **Mayumi Watanabe Souza Lima**: a construção do espaço para a educação. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=144062> Acesso em: 24 out. 2017.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola Infantil: Pra que te quero? In. CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (org.). **Educação Infantil**: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 13-23.

CARVALHO, Mara I. Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In. OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de (org.). **Educação Infantil**: muitos olhares. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 107-130.

CORRÊA, Bianca Cristina. Considerações sobre qualidade na educação infantil. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 85-112, jul. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742003000200005>> Acesso em: 10 jan. 2018.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. **Em aberto**, Brasília, v. 18, n. 73, p. 11-27, jul. 2001. Disponível em: <emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2133> Acesso em: 15 set 2017.

FARIA, Ana Lúcia. O espaço nas instituições de educação infantil. In. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Subsídios para credenciamento e o funcionamento das instituições de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/ Coedi, v. 2, 1998.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3ª ed., São Paulo: Atlas, 1991.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **O papel do espaço na formação e transformação da ação pedagógica do educador infantil**. 2003, 151 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1646?locale-attribute=pt_BR> Acesso em: 06 mar. 2017.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

_____. A infância e sua singularidade. In. BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília, 2007.

KUHLMAN JR., Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.14, p.5-18. Mai/jun/jul/ago 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782000000200002>> Acesso em: 25 jul. 2017.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MONARCHA, Carlos. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. In. FREITAS, Marcos Cezar de (org). **História social da infância no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOYLES, J. **Só brincar?** Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de (org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 11-23.

REGO, Cristina Teresa. **Vigotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis – RJ: Vozes, 1995.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

RODRIGUES, Luzia Maria. **A Criança e o Brincar**. 2009. 43 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/.../integra_RODRIGUES.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

SILVA, Carmem Virgínia Moraes da; FRANCISCHINI, Rosângela. O surgimento da educação infantil na história das políticas públicas para a criança no Brasil. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p. 257-276, jan./jun. 2012. Disponível em: <periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/746/718> Acesso em 17 set 2017.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Educação Infantil**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. O brincar na educação infantil. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.92, p. 62-69, fev. 1995. Disponível em: < <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/859>> Acesso em: 25 mar. 2017.

WALLON, Henri. Psicologia e educação da criança. In. WEREBE, Maria José Garcia; BRULFERT, Jaqueline Nadel. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Os meios, os grupos e a psicogênese da criança. In. WEREBE, Maria José Garcia; BRULFERT, Jaqueline Nadel. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.

APÊNDICE A: DIÁRIO DE CAMPO

Observações no Núcleo de Educação Infantil “Aquarela”.

1º Dia: 14 de Junho de 2017 (Tarde)

- Devido eu ter chegado um pouco atrasada (14 hs) não pude observar a acolhida das crianças.
- Ao chegar na sala, a professora contava uma história às crianças, na qual ouviam com muita atenção. A professora se encontrava em sua mesa e as crianças sentavam em grupos de quatro nas suas carteiras e mesas formando um hexágono.
- Assim que terminou, a professora fez algumas perguntas relacionadas a história contada. Depois me apresentou às crianças, ficando surpresas por terem mais uma “tia” na sala de aula.
- Devido ao mês junino, a sala estava decorada com umas bandeirolas no teto e nas paredes havia pinturas das crianças de um balão, e uma fogueira que aparentemente tenha sido feita pela professora.
- As 14:20 horas, as crianças saem para o primeiro lanche da tarde.
- Todas saem agitadas, umas vão direto pegar o lanche, outras se direcionam para a casinha de brinquedo.
- As crianças ficam livres para brincarem no pátio, enquanto as professoras observam seus alunos.
- O pátio é bem amplo possibilitando as crianças brincarem livremente, pular, correr, dar cambalhotas. Do lado da brinquedoteca, fica uma casinha, um túnel colorido e duas gangorras (verde e laranja). Do lado da cozinha, fica as mesas e os bancos para as refeições. Há também no piso do pátio algumas amarelinha pintadas.
- As crianças correm, pulam, jogam bola, fazem cambalhotas, pulam amarelinha e brincam com outros objetos.
- Uma criança da turma em que estou observando se aproxima até a mim e senta-se ao meu lado. Comecei então fazer algumas perguntas. Perguntei seu nome e respondeu dizendo Guilherme. Depois lhe pergunto quantos anos tem, e responde 5 anos. Em seguida lhe indaguei do que ele gosta mais de brincar e me responde que gosta de brincar do “crisca” e explicou como a brincadeira funciona: tem que correr e conseguir

pegar alguém, então a criança que é pega começa a correr para pegar outra criança e assim sucessivamente.

- Durante o período do lanche, algumas professoras conversam entre si, e uma delas sugere que assim que os alunos terminarem o lanche, eles irem logo para a sala, devido alguns problemas que tem ocorrido, como crianças se machucando enquanto brincavam, todas as outras duas concordam com ela.
- Depois de uns 15 minutos, as crianças retornam para a sala. Elas sentam em seus lugares, e a professora entrega a elas uma cópia impressa do menino e da menina caipira para eles pintarem.
- Eles pintam, compartilham os lápis de cor entre os colegas, as vezes entravam em conflitos por querer o lápis que o outro colega estava usando, tentam resolver entre eles, mas as vezes eles pede a intervenção da professora.
- Conversam e mostram uns para os outros a sua tarefa.
- Ao terminar a pintura, alguns meninos pegam carrinhos e brincam pela sala. Quatro brincam de homem aranha sem nenhum tipo de objeto. Outro brinca de peteca, e com o mesmo objeto usa sua imaginação ao transformá-lo em carro e também em uma nave espacial.
- A professora entrega às crianças tesouras para cortarem as partes do corpo do menino e menina caipira para montarem colando no caderno.
- Um dos meninos pegou alguns lápis de cor e debaixo da mesa começou a lançar por alto um por um. Ao ver essa cena, a professora briga com ele e pede para parar e sentar na cadeira.
- Como uma estratégia para as crianças poderem ajudar na recolhida dos materiais, a professora brinca de “Jacarandá”, e as crianças começam a pegar os papeis do chão e jogam na lixeira, e depois pegam os lápis e colocam dentro do pote.
- Assim, através da brincadeira, as crianças organizam a sala e tiram todo o lixo do chão. Os meninos são mais empolgados ao ajudar e com alegria organizam a sala.
- Duas meninas chegam na sala com uma vassoura e varrem a sala por conta própria, que aparentemente é possível afirmar que realiza essa mesma ação em casa.
- As 16h20min as crianças saem para o 2º lanche. As crianças lancham e depois correm pelo pátio e brincam com nos brinquedos.
- Após lancharem e brincarem, as crianças vão para a sala pegar a escova dental com a professora para escovarem os dentes.

- Logo depois, a professora leva as crianças para o solário que fica do outro lado da sala (Este espaço é comprido e um pouco estreito, mas as crianças se sentem a vontade para brincarem e recriarem suas brincadeiras). Ela pega uma sacola cheia de brinquedos confeccionados. As crianças escolhem os objetos com que querem brincar. As meninas brincam de pular elástico. Alguns meninos brincam com a peteca feita de bola de jornal, e mais outros pulam corda. Uns brincam com barangandã confeccionado pela professora com T.N.T.
- A professora ensina as crianças a brincarem com o barangandã: ela gira o barangandã e canta a música do “Pirulito que bate-bate”. As crianças brincam de várias formas com o brinquedo tradicional.
- A professora relata que geralmente deixa as crianças livres para brincarem e algumas vezes faz brincadeiras direcionadas e cita por exemplo o pula corda.
- Um dos meninos ao brincar com o barangandã, coloca-o em frente da caixa da central de ar para ficar ao vento do aparelho. Seu coleguinha sem querer acaba puxando e o outro reclama que atrapalhou sua pesca.
- As meninas deixam de brincar com o elástico e entra na sala para pegar algumas cadeiras e as usa para formar um círculo e coloca entre elas o elástica que estavam brincando. Elas pegam umas tampinhas de garrafa pet para brincarem. Elas colocam uma em cima da outra formando assim pirâmides.
- A professora pede para as crianças guardarem os objetos para esperarem os pais os buscarem. Assim feito, as crianças esperam seus pais e aos poucos vão indo embora e com isso me despeço da professora e também vou embora.

2º Dia: 21 de Junho de 2017 (Tarde)

- Ao chegar na sala, a professora estava fazendo a chamada dos alunos enquanto eles pintavam uma tarefa.
- Eles conversam, interagem bem entre si. As vezes ocorrem alguns conflitos. A professora faz uma oração com as crianças e depois explica a atividade que eles irão realizar no dia. Ela mostra a figura de um meio ambiente limpo, com árvores e rios. Depois, canta com a turma a música “Casinha” e depois ensinou as crianças o som da chuva usando os dedos batendo na palma da mão. As crianças interagem bem, gostam de cantar e prestam atenção na professora.

- Alguns meninos ficam inquietos, rolam no chão e andam pela sala.
- A professora canta a música do “Seu lobato” com as crianças. Em seguida, elas saem para o 1º lanche da tarde.
- As crianças lancham e brincam a vontade no pátio da escola.
- Eles retornam para a sala e a professora entrega a atividade. É uma atividade de pintura, recorte e colagem.
- Em todo o momento as crianças criam uma forma de brincarem, tudo vira brincadeira para elas.
- Quando terminam a tarefa, algumas crianças pegam um potinho de iogurte e fazem pirâmides. Uns ficam na mesa mesmo, e outros vão para o canto da sala e sentam no chão. Ao ver os outros no chão brincando, os que estavam na mesa junta-se a eles.
- Outros meninos pegam uns rolos grandes de papelão e colocam um em cima do outro e começam a jogar alguns potinhos de iogurte dentro do rolo até tudo desmoronar. Eles fazem isso várias vezes. A professora aparenta não importar com isso.
- A professora faz a brincadeira do “Jacarandá” para poder organizar a sala com as crianças. Depois ela deixa as crianças livres para brincarem na sala.
- Algumas crianças desenhavam com o pincel na lousa que fica apoiada em duas mesinhas. Outros brincam com os potinhos no canto da sala, e mais outras sentam no chão e “leem” uns gibis. Outras crianças brincam de massinha de modelar.
- As crianças brincam a vontade. A professora interfere quando há algum conflito entre eles, quando um não quer compartilhar o brinquedo com o outro, ou quando um bate no coleguinha.
- Logo mais, as crianças saem para o 2º lanche.
- No momento do recreio algumas professoras discutiam a forma como a coordenadora trata as crianças, deixando elas livres para fazerem o que querem. A coordenadora indaga que é preciso acabar com o modelo tradicional em que foram educadas. É preciso deixar as crianças brincarem, sem ter muitas regras, não exigir da criança ficar quieta em seu lugar o tempo todo. Mesmo assim, uma professora diz que é preciso ter regras sim, e que na sala dela tem regras.
- Essa conversa surgiu por causa que a coordenadora ficou por um tempo na sala dessa professora que discordou dela. Esta indagou que ao liberar as crianças para o lanche, a coordenadora deixou elas irem correndo, e não na fila, que é algo feito pela professora.

- Esta conversa não teve nenhum tipo de falta de respeito entre as professoras e a coordenadora, pelo contrário, foi de forma tranquila e até engraçada. A professora apenas quis comentar a maneira que a coordenadora trata as crianças. Por fim, a professora fala que é preciso ter brincadeiras dirigidas na hora do recreio, pois questiona que as crianças estão muito soltas.
- As crianças vão escovar os dentes e depois retornam para a sala. A professora avisa que elas irão para a caixa de areia e as crianças pulam de alegria.
- Devido a caixa de areia não ser coberta, o sol ainda estava exposto, por isso as crianças ficaram apenas num canto, na parte que havia sombra. A professora entrega a eles potinhos de iogurte, carrinhos e alguns animais de brinquedo para brincarem na areia (concha, tartaruga, cavalo marinho). Eles ajudam um ao outro e formam grupos para brincar.
- Um grupo de crianças montaram um castelo de areia, e ao observar os coleguinhas fazendo, outras crianças também começaram a fazer o seu.
- Algumas crianças apresentam dificuldades para compartilhar os objetos, ajudar e brincar com outros.
- Aos poucos os pais vão chegando para buscar seus filhos.

3º Dia: 22 de Junho de 2017 (Tarde)

- As crianças aos poucos vão chegando na sala. Umas ficam correndo pela sala, outras ficam sentadas na mesa e outras conversam entre si.
- Logo depois a professora pede para todos se sentarem para fazerem a oração. Assim é feito, e depois cantam algumas músicas. De início as crianças pedem para a professora cantar a música da “Casinha”, porém, a professora insiste em cantar outras músicas. Algumas crianças acompanha a professora enquanto outras ficam dispersas conversando.
- Depois de notar o desinteresse pelas músicas que estava cantando, a professora resolve cantar a música pedida pelas crianças. Todos cantam e fazem os gestos com as mãos.
- Logo depois a professora entrega os brinquedos para as crianças brincarem livremente até chegar a hora do 1º lanche.
- As crianças vão lanche e brincam no pátio. Depois retornam para a sala.

- Hoje as crianças estavam bem agitadas, devido a professora ter se ausentado para ajudar uma outra professora que teve um de seus alunos acidentado ao brincar na brinquedoteca.
- As crianças brincaram de monta-monta, com os potinhos de iogurte, de desenhar, carrinhos e cavalos.
- Algumas corriam pela sala, outros brincavam de luta. Os que brincavam de monta-monta fizeram robôs e várias vezes vieram me mostrar, cada vez um robô diferente.
- Depois de um tempo, a professora pediu para as crianças guardarem os brinquedos para poderem fazer a tarefa.
- Os alunos ainda permanecem agitados.
- A professora relata para mim que quando ela deixa as crianças brincarem por muito tempo, elas acabam perdendo o gosto pela tarefa.
- As crianças jogam os lápis no chão.
- Depois de um tempo, eles saem para o 2º lanche e brincar.
- Depois do recreio a professora leva as crianças para a “Sala de brinquedos” (Multifuncional/Brinquedoteca).
- As crianças ficam livres para brincar enquanto a professora faz alguns relatórios. As crianças se dividem em grupos, criam cantinhos de faz de conta. Brincam de mamãe e filho. Outras preferem assistir desenhos na TV. Outras crianças brincam de casinha, de cozinhar.
- A professora me relata que no início desse ano, a escola havia recebido doações de diversos brinquedos de uma loja do Shopping (Rihappy), a maioria de controle remoto. Porém, boa parte dos brinquedos já estavam quebrados devido as crianças ter quebrados.
- Depois de um tempo a maioria preferiu assistir ao filme “O que será de nozes” que a professora havia colocado para os que já estavam assistindo.
- Porém, logo retornaram para o cantinho que eles tinham criado. Uma das meninas pega dois pedaços de MDF e faz um “notebook”.
- Esta sala de brinquedos é bem espaçosa, onde as crianças se sentem à vontade para criar usarem sua imaginação, fantasia e criatividade.
- A professora pede para guardarem os brinquedos para esperarem os pais na sala de aula.

4º Dia: 18 de setembro de 2017 (Tarde).

- Depois de uns meses sem poder realizar minha pesquisa, retorno neste dia para dá continuidade a ela. Me direciono a direção, porém não havia ninguém lá. Aguardei a chegada de algum responsável. Depois de um tempo a coordenadora chega e me direciono a ela para avisá-la que voltaria novamente para finalizar minha pesquisa. Ela me direciona até a turma e me relata que há outra professora, pois a professora titular da turma está de licença.
- Ao chegar na sala a coordenadora me apresenta a professora substituta, que também dá aula pela manhã na turma do maternal. Ela me recebe muito bem e me deixou à vontade.
- As crianças me reconhecem e começam a gritar o meu nome, ficando um pouco agitadas com a minha presença.
- A professora estava sentada no chão junto com as crianças em roda contando uma história. Uma crianças estavam atentadas, outras estavam dispersas andando pela sala.
- Devido as crianças ter ficarem muito agitadas, a professora desiste de terminar sua história.
- Então a professora pede para as crianças sentarem nas cadeiras. Ela forma uma meia lua com as mesas e cadeiras.
- Os móveis da sala se encontravam em outro lugar do que no início das minhas observações. O armário que antes ficava próximo à janela do fundo da sala, agora estava próxima a janela da chegada. As mesas e cadeiras estavam encostadas na parede, tornando o centro da sala bem vazio. Outra coisa que pude observar é que a mesa onde ficava a professora, não se encontrava mais na sala.
- A professora entrega para as crianças papel A4 e pedem para elas copiarem da lousa o que ela iria escrever.
- Ela escreve algumas regras a serem cumpridas. Enquanto ela escrevia, algumas crianças gritavam e batiam na mesa. A professora tentava chamar a atenção dele sobre as regras, no qual ela estava escrevendo na lousa: Falar baixo, sair só com permissão, fazer silêncio no momento das atividades, respeitar a professora e os coleguinhas. Porém, as crianças ainda continuaram agitadas sem dar atenção no que a professora estava falando.

- Ao ver toda agitação, a professora me diz que por esse motivo gosta mais do maternal.
- Logo depois as crianças saem para o lanche.
- Como de costume, as crianças assim que terminam de lanchar, brincam pelo pátio, nos brinquedos, correm, pulam, se movimentam.
- Durante o recreio a professora me pergunta se meu trabalho era sobre o brincar na educação infantil. Disse que sim, e em seguida ela me relata que seu TCC também tinha sido sobre esse tema, pois acha muito interessante e importante o apoio a brincadeira na sala de aula.
- Ao retornar para a sala as crianças continuam agitadas e começam a correr pela sala e uma delas acaba derrubando a cadeira.
- A meia lua que a professora tinha formado, já estava desfeita. As crianças aos pouco foram se ajuntando no centro da sala.
- A professora sempre anda no meio das crianças e senta junto delas, demonstrando ser bem amorosa e carinhosa com elas. Conversa com as crianças.
- Depois que eles terminaram de copiar, a professora pede para que elas desenhassem o que elas fazem de bom na casa delas (uma ação de bem).
- Nas paredes da sala haviam várias atividades de pintura feita pelas crianças.
- Uma menina chamada Emile estava brincando com umas tampinhas de garrafa pet. Como estava sozinha, me juntei a ela e perguntei se podia brincar com ela, acenou a cabeça dizendo sim. Perguntei para ela o que estava montando, e ela disse que estava montando um castelo. Depois montamos uma pirâmide. Depois outras crianças se aproximam e começam a montar pirâmide também, e depois, juntos montamos uma pirâmide bem alta com todas as tampinhas.
- Com um tempo um deles sugeriu brincar de dama, porém não havia nenhuma dama, mesmo assim, eles dividiram as tampinhas e na imaginação do que tinha sugerido, a dama era a própria mesa. Cada um colocava uma tampinha e eles mesmo foram criando outra maneira de jogar dama. Alguns tiveram dificuldade em entender o jogo, mas outros jogavam como adultos, seriamente. Depois eles pediram para eu desenhar o tabuleiro da dama numa folha. Então desenhei e por um bom tempo eles jogaram a tal dama.
- Enquanto isso, outras crianças brincavam de fazendinha. Com potinhos de iogurte e monta-monta eles montaram uma fazenda e colocavam os cavalos e bois de brinquedos.

- Um das meninas brincavam de faz-de-conta de hospital. Duas pegavam a menina “acidentada” e levavam para o hospital (um cercado de mesas) deitava a paciente em cima das cadeiras e aplicava injeção.
- A professora deixa então as crianças livres para brincarem, e acha interessante o modo como elas imaginam e criam as brincadeiras.
- Depois de um tempo as crianças saem para o 2º lanche.
- A professora me diz que um dia ela faz brincadeira dirigida e no outro brincadeiras livres.
- Ao retornar para a sala, as crianças continuam com as suas brincadeiras. A professora coloca um vídeo no notebook e algumas crianças ficam assistindo. Outras brincam de casinha, formando a casa com as mesas.

5º Dia: 19 de setembro de 2017 (Tarde).

- Ao chegar na sala todas as crianças estavam sentadas no chão em roda com a professora, eles assistiam um vídeo no notebook ficando atentos.
- Logo depois eles saem para o lanche e depois brincam pelo pátio. O período que eles ficam no pátio é de 15 a 20 minutos.
- Ao retornar para sala a professora chama a outra turma do Jardim II para ensaiarem uma música para apresentarem na sexta feira. No entanto, a professora apenas coloca os vídeos com as músicas para escolher junto com a outra professora.
- Algumas crianças não dão importância aos vídeos e começam a correr e saindo da sala constantemente. A professora chama a atenção deles, mas eles ignoram. Ela demonstra não se importar muito das crianças agirem dessa maneira.
- Uma criança que sempre agita a sala causando confusão com os colegas é a Safira. É uma menina com o temperamento muito forte e consegue influenciar outros coleguinhas com seu poder de liderança. Nas brincadeiras, ela sempre conduz tudo e os outros só obedecem. Apresenta também um grau elevado de agressividade, pois não gosta quando é contrariada.
- A professora por muitas vezes não consegue resolver alguns conflitos que ocorre entre as crianças. Pois tem um temperamento fleumático, ela é uma pessoa apática e muito tranquila, quase não se importa quando as crianças estão agitadas.

- Enquanto a maioria assiste os vídeos, outras crianças pegam folha do armário e lápis de cor para desenharem, ficando dispersas à atividade proposta pela professora.
- Depois que terminam de assistir, as crianças da outra turma vão para sua sala.
- A professora pede para as crianças desenharem sobre o vídeo que estavam assistindo, que falava sobre a princesa. Então os meninos desenharam um príncipe e as meninas a princesa.
- A professora deixa os vídeos com as músicas tocando enquanto as crianças desenhavam. Neste momento elas ficaram calmas, todas centradas na sua atividade.
- Depois que as crianças terminam a atividade, a professora realiza uma brincadeira direcionada, a brincadeira das cadeiras. As crianças demonstram empolgação e alegria. Ajudam a professora organizar as cadeiras. É uma brincadeira que o número de cadeiras deve ser um a menos que o número dos participantes. Nela as crianças aprendem a ganhar e a perder.
- Depois de um tempo as crianças saem para o lanche.
- Durante o recreio, a professora faz brincadeiras direcionadas. Primeiro faz uma com o túnel, em que as crianças tinham que passar pelo túnel e depois passar por cima dele o mais rápido possível. Crianças de outras turmas se juntam para poder brincar também, então a professora faz uma fila para ir um de cada vez.
- A professora demonstra prazer ao brincar com as crianças, pois sempre está entre elas e incentivando-as.
- Depois brincam em um suporte, onde ficam penduradas até chegarem na ponta. As crianças gostaram muito, querendo sempre superar o colega anterior.
- Em seguida a professora pede para elas fazerem uma fila lado a lado, ela conta de 1 a 3 e eles correm até o pilar do pátio e depois voltam. Repetem umas 3 vezes. Depois de um tempo, retornam para a sala.
- A professora afasta as mesas e cadeiras encostando-as na parede, deixando assim a sala livre. Sentam em roda e brincam de “andoletá”. Em todas as brincadeiras a professora brinca com as crianças. Depois deixa elas brincarem sozinhas. As crianças se socializam e aprendem a ganhar e perder.
- Em alguns momentos acontecem conflitos entre eles, mas muitas vezes a professora não consegue resolve-los a tempo, muitas vezes ignora ficando passiva nessas situações. Sempre que chama a atenção das crianças, muitas coisas já aconteceram,

como um bate no outro. As crianças brigam constantemente. E a Safira na maioria das vezes é quem provoca as conflitos da turma.

6º Dia: 20 de setembro de 2017 (Tarde).

- Cheguei na sala e a professora estava realizando uma atividade de dobradura com as crianças. A maioria sentadas no chão em roda, outras brincavam pela sala. Um menino estava com um espada e brincava de luta com outros meninos.
- As crianças que estavam em roda, faziam barquinho de papel que um dos colegas estava ensinando a fazer.
- As crianças saem para o lanche.
- Ao retornar para a sala a professora coloca um vídeo no notebook e algumas crianças ficam atentas assistindo. Outras brincam de correr pela sala.
- Como as cadeiras e mesas ficam encostadas na parede, a sala fica bem vazia, facilitando as crianças movimentarem livremente.
- Alguns meninos ficam próximo de mim e sempre conversam comigo sobre o que estão fazendo. Ao conversar com eles, pergunto do que gostam de brincar. Hugo, de 6 anos, responde que gosta de esconde-esconde, e que prefere brincar na escola, pois diz que em casa tem que fazer comida, então lhe pergunto se ele faz, mas respondeu que não. Disse ainda que brinca de carrinho com o pai.
- A professora coloca um tecido azul no chão para contar a história do pescador. O tecido azul representava o mar, depois ela coloca alguns objetos em cima do tecido para representar a poluição. Enquanto ela colocava, ela ia perguntando às crianças quem polui o mar/rio. Um responde dizendo que são os humanos, então ela pergunta quem são os humanos e ele responde que somos nós. Em seguida ela pergunta se ele polui o rio, e ele disse que não que só toma banho.
- A professora começa então a contar a história, usa um chapéu de palha para representar o pescador. No decorrer da história ela chama algumas crianças para ajudá-la a limpar o rio, as crianças seriam os barqueiros e usavam os barquinhos de papel para representar.

- Depois de limpar o rio, a professora partiria para a parte no qual colocaria os peixinhos de papel para poderem pescar. Porém, as crianças começaram a ficar agitadas e desfazendo o cenário. Pegavam o tecido e entravam debaixo dele. A professora tentou arrumar várias vezes pedindo para eles sentarem, mas as crianças corriam pela sala, pisavam no tecido, sendo totalmente indisciplinados.
- A professora então desiste de finalizar a atividade e pede para elas sentarem na cadeira pois iriam fazer tarefa, pois não colaboram na atividade. Então ela escreve na lousa o texto “O peixinho bonito” para eles copiarem no caderno.
- Neste momento eles se acalmam mais.
- Logo eles saem para o lanche.
- Ao retornar a professora entrega para eles massinhas de modelar para as crianças brincarem.
- Algumas crianças jogavam a massinha no chão, pisavam, não tendo assim cuidado com os materiais.
- Em muitos momentos no qual era pra ser brincadeiras agradáveis, devido a agressividade de algumas crianças, as atividades acabam sendo desagradáveis, pois constantemente há conflitos entre eles, impossibilitando uma boa relação entre os mesmos.

7º Dia: 21 de setembro de 2017 (Tarde).

- Cheguei na sala e as crianças estavam sentadas realizando uma atividade de desenho nas mesas. Elas estavam calmas e concentradas na sua atividade.
- A professora me diz que pediu pra eles desenharem o que eles mais gostam de fazer na escola. Depois ela irá fazer um piquenique com eles.
- Um deles havia terminado seu desenho e pegou uns rolos de papelão e colocou nos pés, nos braços e na cabeça, parecendo um robô. Ele anda pela sala chamando a atenção dos demais coleguinhas, eles riem e depois quiseram imitá-lo. Isso mostra o quanto as crianças são criativas.
- As crianças saem para o lanche.
- Na hora do recreio os meninos gostam muito de brincar de polícia e ladrão.
- Ao retornar para a sala, a professora pede para as crianças sentarem, pois irão fazer um atividade.

- Ela leva um bom tempo para realizar a atividade, pois as crianças estão agitadas e muitas vezes ela fica “adulando” as crianças para prestarem a atenção nela.
- Então ela fala que hoje é o dia da árvore e pergunta para elas o que a árvore nos oferece, pegando assim, os conhecimentos prévios das crianças.
- Ela ouve atentamente cada criança. Enquanto isso, ela entrega uma folha A4 para elas desenharem uma árvore. As crianças amassam os papeis, fazem avião, jogam no chão, não realizando a atividade proposta.
- As crianças desperdiçam muito os materiais, quebram giz de cera e constantemente pegam papel A4 no armário só para riscar e jogar no chão. Alguns realmente tem prazer em desenhar, outros dá para perceber que é apenas por “capricho”.
- Ao responderem a pergunta, a professora não se aprofunda no assunto, podendo abordar a partir das respostas dos alunos outras coisas.
- A professora dá massinha de modelar para eles fazerem uma árvore. Eles fazem do modo deles. O que se destacou nessa atividade foi o Hiago, que se concentrou verdadeiramente ao fazer sua árvore de massinha.
- Depois disso a professora pede para as crianças sentarem no chão, pois irá organizar a sala para o piquenique. Ela coloca um tecido azul no chão e corta uma maçã e uma pera na quantidade das crianças, um potinho de iogurte, água, leite condensado, biscoito de água e sal. Ela cria um ambiente aconchegante, enquanto as crianças ficavam sentadas no chão esperando ansiosas a professora chama-las. Enquanto isso, a professora ia conversando com as crianças.
- Ela filma as crianças chamando todas pelo nome, eles fazem pose e sorriem felizes pelo piquenique.
- A professora começa então chamar uma por uma para o piquenique. As crianças experimentam biscoito com iogurte e acham uma delícia, ficando maravilhadas. A professora pergunta se eles já havia provado antes, e eles responderam que não. Sendo assim, sua primeira experiência com combinação de simples alimentos que eles comem no dia a dia.
- A professora deixa os mais desobediente por último para verem que quem não obedece não participa das coisas boas. Eles ficam pensativos, então a professora pergunta aos que ela já havia chamado, o que ela devia fazer com aqueles que não obedeceram ela. Então eles respondem para eles pedirem desculpa para a professora e depois para ela deixar eles participarem do piquenique. Achei esse momento muito

rico, pois a professora com pequenas coisas criou um ambiente aconchegante, possibilitando as crianças provarem coisas que nunca provaram. Através disso a professora também ensinou a como se portar na mesa quando somos convidados para comer em outros lugares. Todas as crianças pegam seu lanche e felizes interagem um com o outro amigavelmente.

8º Dia: 22 de setembro de 2017 (Tarde).

- Neste dia aproveitei que a professora estava ensaiando com as crianças para apresentarem mais tarde no pátio, para tirar fotos dos espaços que a escola possui para a realização de atividades lúdicas.
- Neste dia também realizei a entrevista com a professora.

Observações no Núcleo de Educação Infantil “Mundo Encantado”.

1º Dia: 19 de Junho de 2017 (Manhã)

- Cheguei na escola e aguardei o direcionamento da diretora para a devida sala/turma que eu iria observar.
- Enquanto isso, as crianças iam chegando e aguardando a professora chegar. Depois de um tempo a diretora pede para as crianças irem para a sala e me chama para poder entrar. É uma sala de jardim II, como havia lhe pedido.
- A diretora conversa com a turma, avisando que a professora chegaria mais tarde, pois teve que ir ao médico. Então a diretora permanece com a turma até a chegada da professora.
- As crianças conversam entre si sobre brincarem de alguma coisa, a diretora interrompe e pergunta se elas sabiam de alguma musiquinha, porém elas não respondem e a diretora começa a cantar uma música, mas a turma não a conhecia e por isso não a acompanha.
- Depois ela lê a rotina que estava escrita num cartaz colada na lousa com as crianças. A diretora se admira por saberem todas de cor.
- Depois de um tempo, a professora chega. Me olha com estranheza por não ter sido avisada que eu estaria na turma dela. Em seguida a diretora nos apresenta e avisa que

eu estaria ali para fazer uma pesquisa. Explico para ela que minha pesquisa seria sobre o espaço do brincar. A professora me recebe bem e me deixa à vontade.

- Então ela recolhe os cadernos dos alunos e organiza a sala. Depois me explica como funciona a rotina das crianças e diz que eles não tem espaço para brincar, mas que todos os dias eles brincam na sala depois de fazerem a tarefa.
- Ela entrega para os brinquedos para eles e deixa-os brincar por um momento. Depois de um tempo, as crianças são chamadas para o jejum. Elas vão e retornam assim que terminam.
- Algumas crianças são bem retraídas.
- O espaço é um pouco pequeno por conta das mesas retangular e cadeiras.
- A professora pede para as crianças sentarem na rodinha. Eles fazem a rodinha perto da porta, todos ficam bem apertados, pois é um espaço bem pequeno.
- A professora conversa com as crianças sobre o final de semana deles e cada um ia relatando um pouco do que fez. As respostas ficam entre, “brinquei em casa”, “fui para igreja e brinquei”, “fui pra roça com meu avô”. No entanto, a maioria relata que brincaram e foram para igreja.
- As crianças e a professora cantam e dançam a música “O Senhor tem muitos filhos”, depois retornam para a cadeira.
- A professora faz a chamadinha, o calendário, as formas geométricas, palavras mágicas, o tempo e as cores. Depois ela dá início a um bingo e me relata que é um jogo lúdico que ela fez para trabalhar números e letras. O jogo é feito com fichas de papelão com letras escritas a pincel e para marcar é usado tampinhas de garrafas pet.
- Algumas crianças ajudam distribuindo as fichas e as tampinhas para os colegas. Neste dia ela trabalha as letras.
- As crianças demonstram entusiasmo e ficam atentas para a letra que a professora irá mostrar. Depois de jogarem, as crianças recolhem o jogo e entrega à professora, logo em seguida ela distribui os brinquedos para as crianças.
- As crianças de espalham pelos cantos da sala. Outras ficam na mesa brincando com o monta-monta e tampinhas de garrafa pet.
- A professora me diz que todos os brinquedos foi ela quem compra com o próprio dinheiro.
- As crianças brincam com o monta—monta e outras desenham. Eles conversam entre si, e solucionam alguns conflitos.

- Alguns meninos montam um “carro” no monta-monta. Montam carro, barco e me mostram.
- Enquanto isso, a professora corrige e passa/escreve atividade para casa no caderno das crianças.
- A professora relata que as crianças não tem um espaço próprio para brincar. No pátio ele não podem correr e nem brincarem, para evitar de alguma criança se machucar. Explica que eles vão lanche e depois retornam para sala para fazerem atividade.
- A professora continua dizendo que tem o momento certo para eles brincarem. Tem hora da tarefa e só depois eles brincam. Diz que deixa as crianças livres para brincarem e aproveita para corrigir os cadernos e passar tarefa para casa.
- O espaço da sala é bem limitado, mas as crianças brincam nos espaços livres da sala.
- Depois de um tempo, a professora pede para guardarem os brinquedos para esperarem a hora do lanche. Então ela leva as crianças para lavarem as mãos para lanche.
- As crianças retornam para a sala e começam a brincar entre si. Ficam debaixo da mesa, rolam no chão, correm e escorregam.
- Depois a professora chega e entrega a escova com o creme dental para eles escovarem os dentes.
- Depois disso, elas retornam para a sala e a professora entrega o caderno para as crianças fazerem a atividade copiada do quadro. A atividade era um acróstico da palavra BANDEIRA.
- Após terminarem a tarefa, a professora leva as crianças para o pátio ensaiar a dança para a quadrilha.
- Depois do ensaio as crianças esperam seus pais irem buscá-los.

2º Dia: 20 de junho de 2017 (Manhã)

- Cheguei a escola por volta das 7h35min. Ao entrar na sala, a professora já se encontrava com umas 7 crianças.
- Alguns meninos numa mesa ficam sentados quietos, ou as vezes mexendo no capacete da professora que estava sobre a mesa.
- Algumas meninas brincam com os lápis de cor. Contavam e colocavam dentro do potinho, e assim fizeram por várias vezes, até guardarem tudo numa caixa.
- Enquanto isso as demais crianças chegavam e se assentavam.

- A sala dispõe apenas de uma lâmpada funcionando, tornando a sala um pouco escura. Também dispõe de uma central de ar, que por sua vez não climatiza como deveria, sendo necessário ligar o ventilador de pé que há na sala.
- Dois meninos brincam com a mochila, balançando pra lá e pra cá. Outras crianças brincam entre si, outras conversam.
- Um grupo de crianças se reuniram em uma mesa para observar a colega pitando/desenhando no caderno.
- Enquanto isso, a professora resolve alguns assuntos da festa junina que ocorrerá no final de semana.
- As crianças são chamadas para o dejejum.
- Alguns meninos retornam a sala e ficam brincando e conversando, entram debaixo da mesa. Outros pegam o alfabeto móvel e tentam formar palavras.
- Depois os outros meninos que brincavam debaixo da mesa pegam o alfabeto para também formarem palavras.
- Um menino usa o pote que estava o alfabeto e coloca na cabeça como se fosse um soldado e começa a marchar.
- A professora pede para guardarem o alfabeto e fala para as crianças organizarem a sala e irem para a rodinha.
- Em roda, eles conversam sobre o final de semana, oram e cantam. Depois fazem a rotina (calendário, tempo, chamadinha, etc.).
- A professora entrega o bingo dos números para as crianças jogarem. Eles gostam muito, ficam atentos e ajudam uns aos outros.
- Ao terminarem, a professora colocou em cima do tatame as letras móveis para formarem a palavra BANDEIRA.
- A professora me diz que o único problema é a falta de espaço para as crianças brincarem, correrem, pularem, mas confessa que acha melhor assim, pois as crianças acabam se machucando.
- Alguns meninos pegam as tampinhas e outros o monta-monta.
- A professora deixa as crianças livres para brincarem. Elas começam a jogar as tampinhas nos colegas e a professora pega a vassoura para varrer as tampas. E nos espaços livres elas continuam brincando sem objetos. Brincaram de roda.
- Depois de um tempo, as crianças saem para lavar as mãos e lanchar.


- Enquanto as crianças lancham, observo uma professora da outra turma do jardim II, ela fala com autoridade para as crianças pegarem o lanche e irem para a sala. Algumas sentam no refeitório e as vezes brincam umas com as outras. Ao ver isso, a professora briga com eles e fala para elas lancharem logo. As crianças ficam meio oprimidas, sem poder se mexer no momento do lanche e depois retornam logo para sala.
- Depois do lanche, a professora entrega a escova para as crianças escovarem os dentes e retornarem para a sala para fazerem a tarefa.

3º Dia: 26 de junho de 2017 (Manhã)

- As crianças chegam na sala e cada uma vai para o seu lugar de sempre. Não conversam entre si, apenas se olhando. A sala fica em um total silêncio. Enquanto isso a professora separa os cadernos para passar atividade.
- 8h as crianças saem par o dejejum.
- Três crianças brincam com um carro-robô que um deles trouxe de casa e conversam entre si.
- Após retornarem, a professora faz a rodinha com as crianças. Conversam sobre o final de semana, que por sua vez foi a festa junina da escola. A professora pergunta se eles gostaram da festa e o que comeram. A maioria das crianças são tímidas ao darem as resposta. A professora então instiga-as e ouve cada um. Depois que terminaram, a professora apresenta outro objeto da festa junina que é o BALÃO. Pergunta as crianças se elas conhecem. Algumas disseram que sim e que já viram nos filmes.
- A interação entre as crianças-professora é muito boa. A professora demonstra afetividade para com eles.
- Ela entrega as fichas do bingo de letras. Uma menina ajuda a distribuir as fichas e outra as tampinhas. Após terminarem o jogo, a professora recolhe as fichas e entrega o caderno de cada criança. Elas retiram da lousa a música do “Cai, cai balão”. Acompanham cada palavra com entusiasmo e atenção. Depois de escreverem, as crianças cantam junto com a professora.
- A professora desenha a figura do balão para cada criança pintar numa folha branca. Elas gostam muito de pintar e desenhar.

- Ao terminar a tarefa, os meninos vão correndo pegar os brinquedos na caixa de papelão. Eles pegam o monta-monta e a professora estimula eles a compartilharem os brinquedos uns com os outros.
- Na brincadeira as crianças aprendem valores, a partilhar os objetos, a interagirem uns com os outros.
- Algumas meninas pegam as tampinhas de garrafas pet.
- As crianças deixam os brinquedos e saem para lanche e depois retornam para a sala.
- Ao conversar com duas meninas, Sara e Nicolly, ambas 5 anos, pergunto a elas se gostam de brincar na escola, e elas respondem que sim. Perguntei ainda se elas preferem brincar na sala ou lá fora. As duas respondem que preferem lá fora. Perguntei por quê e Sara responde porque tem mais espaço, porém Nicolly diz que a professora não deixa brincar lá fora. Sara fala que na hora do lanche ela aproveita para brincar, só que não pode pular e nem correr. Na sala, Sara fala que gosta de brincar com os brinquedos de menina (cozinha e salão de beleza). Então elas pegam os brinquedos para brincar de faz-de-conta. Nicolly brinca de salão, e me faz de sua cliente, ela penteia meu cabelo e finge escová-lo. Quando pergunto do que elas brincam em casa, Nicolly responde que brinca com sua irmã de mãe e filha. Sara responde que brinca de várias coisas, de boneca, monta-monta.
- Enquanto isso, as demais crianças brincavam livremente umas com o monta-monta, outras com as tampinhas.
- Hoje foi um dia tranquilo, as crianças puderam brincar livremente, apesar do pouco espaço da sala de aula, que tem para brincar, as crianças usam sua criatividade e imaginação para transformarem o espaço do seu modo. Possuem uma boa relação uns com os outros.

4º Dia: 27 de junho de 2017 (Manhã)

- Enquanto a professora corrige o caderno, as crianças conversam entre si, mantendo uma boa relação. Elas conversam, sorriem e brincam. A professora faz a rodinha e conversa com as crianças sobre as férias que estão chegando. Depois perguntou às crianças se dormiram bem, daí uma delas respondeu que não, porque seu coração estava doendo, batendo muito. Assim, a professora aproveita a situação e pergunta a turma se eles sabem como é o coração, eles fizeram o sinal com as mão formando o  o

coração (). A professora então foi até a secretaria pegar o corpo humano móvel e explicou como é o nosso coração e cada criança pega e vê como realmente é o coração do ser humano. Daí todos ficaram curiosos para conhecer todos os outros órgãos.

- As crianças saíram para o pátio para assistirem uma palestra da equipe da Cosanpa sobre o lixo e a água.
- Depois retornaram para a sala e jogaram o bingo dos números. Depois a professora permitiu que as crianças brincassem na sala.
- Em uma conversa com uma criança chamada Marcos, 5 anos, pergunto se gosta de brincar na escola ou em casa, ele me responde que na escola não, e em casa fica assistindo. Marcos é uma criança tímida, não se relaciona com as outras crianças. Ao perguntar se ele gosta de brincar com o monta-monta, balançou a cabeça em sinal que sim, então sugeri para que ele se juntasse com os colegas que estavam brincando com o monta-monta, ele aceitou e juntos montaram várias coisas. Ele montou uma “lagartixa” e o colega uma “espada”. Eles conversam sobre o que estavam montando.
- Percebi que falta um pouco de estímulo da professora para que ele interaja com outras crianças, pois é nítido a sua quietude.
- Neste dia, Marcos brincou e começou a estar perto dos coleguinhas.
- Neste dia também conversei com o Álvaro, 5 anos, uma criança muito esperta e comunicativa. Ao ser interrogado do que gosta de brincar, ele responde de monta-monta, esconde-esconde. Disse que prefere brincar na sala. Em casa brinca com o irmãozinho de 1 ano e brinca na rua. Mas prefere mesmo brincar na escola, porque brinca com os coleguinhas.
- Apesar do pouco espaço que a escola proporciona às crianças, é possível perceber que elas gostam muito de brincar na sala e de vir para escola, pois é neste lugar que elas brincam com os coleguinhas e interagem com o outro.

5º Dia: 11 de setembro de 2017 (Manhã)

- Depois de uns meses sem poder ir à escola, retorno neste dia. Chego na escola e me direciono a diretora que estava sentada próximo ao pátio. Nos cumprimentamos e lhe falei que tinha retornado para terminar minha pesquisa de campo. Ela diz para eu ficar à vontade, então me direciono para a sala do jardim II.

- A professora estava em roda com as crianças. Ela estava falando com as crianças para deixarem a preguiça em casa e ir para a escola. Entrei e ela me recebeu muito bem e fui recepcionada pelas crianças com um lindo “Bom dia”.
- A professora me relata que sexta-feira passada vieram apenas quatro crianças, e por isso estava chamando a atenção dele para não faltarem.
- Depois ela fala para as crianças que hoje irão aprender sobre as letras e as sílabas e mostra para eles um jogo que ela mesma confeccionou com potinhos de iogurte, papelão e letras em bastão.
- Ela tira letra por letra da sacola e mostra para as crianças e elas iam dizendo qual letra era. Explicou como seria o jogo: ela vira todas as letras para baixo e ele teriam que virar a letra e falar o nome dela. Depois ela guarda o jogo para brincarem depois.
- A professora continua perguntando para as crianças como foi o final de semana delas. A maioria respondeu que brincaram ou foram para praça.
- A professora faz a chamadinha, a oração e ao terminar, ela pega o globo terrestre e mostra para as crianças onde fica o Brasil. Depois se levanta e vai até a lousa na qual tinha uma bandeira do Brasil colada. Ela pergunta o que significa cada cor da bandeira. As crianças respondem: verde: mato, árvore, pássaro; amarelo: ouro; azul: céu; e as estrelas dizem as cidades. A professora corrige dizendo que são os estados. Um aluno se destaca ao falar que a estrela separada é o Pará. A professora elogia.
- Depois ela pega um cartaz com figuras/páginas retiradas de um livro que conta todos os estados brasileiros, e faz uma “viagem” pelos estados explicando o que tem em cada um deles mostrando as imagens. As crianças ficam atentas a explicação, todas curiosas pelas imagens. Ao terminar, a professora deixa as crianças olharem mais de perto as figuras. Ela explica que irão estudar sobre o Brasil e a natureza. Pega dois cartazes, um com imagens do meio ambiente limpo e outro com o meio ambiente poluído.
- A professora começa a trabalhar os encontros silábicos das consoantes F, P, R, B, M, T, C, L e S. Escreve na lousa a palavra BRASIL e depois apaga as letras R e L para mostrar as sílabas BA e SI. Depois entrega o caderno para as crianças fazerem o nome na tarefa. A professora desenha na lousa as figuras da tarefa (Boi, Bala, Balão, bola, banana, bule, bebê, cobra e bolo) para responder com as crianças. Era uma tarefa de completar as palavras com as sílabas da família da letra B.

- Um aluno, Marcos, que estava sentado perto de mim não estava fazendo a tarefa, então resolvi ajuda-lo, mas notei que ele tinha um pouco de dificuldade. A professora veio em minha direção e relata que ele não sabe nada, é muito difícil, falta muito e por isso não consegue acompanhar as outras crianças. Então ela começa a escrever na tarefa as letras que ele tinha que completar nas palavras.
- Ela relata que não pode trabalhar esse tipo de atividade com eles, pois são de nível de alfabetização, e se a SEMED (Secretaria Municipal de Educação) souber é reclamação na certa, mas mesmo assim disse que é teimosa e trabalha as sílabas com seus alunos.
- Depois ela briga com o Marcos para fazer a atividade. Ele faz do jeito dele, mas a professora apaga várias vezes, para ele refazer estava fazendo “errado”.
- Por um momento, enquanto a professora conversava comigo, o Marcos começou a brincar com o lápis e a ela briga dizendo “você não é mais bebê pra tá brincando”.
- Enquanto isso, aqueles que iam terminando a tarefa, colocava o caderno em cima da mesa da professora e iam pegando os brinquedos. Os meninos pegam o monta-monta e carrinhos como de costume. As meninas pegam as panelinhas e o salão de beleza. Depois eles saem para lanche.
- Quando terminam o lanche, algumas crianças de outra turma fazem uma roda e começam a rodar. Brincam do “Bom barquinho” e do “Serra, serra Serrador” elas começam a fazer barulho e a professora repreende e manda todos irem para a sala.
- Depois do lanche, as crianças vão escovar os dentes e retornam para a sala.
- A professora entrega para aquele que não vieram na aula passada uma tarefa. Os que já haviam feito ficam brincando com o monta-monta.
- É nítido que os meninos gostam muito do monta-monta (ou talvez por terem poucas opções de brinquedos) porque podem montar o que quiserem como robôs, pista de carrinhos, avião, espada, etc.
- No entanto, como sempre, Marcos brinca sozinho debaixo da mesa com um carrinho.

6º Dia: 12 de setembro de 2017 (Manhã).

- Cheguei na sala e as crianças estavam todas sentadas. A professora me recebeu com um “Bom dia” juntamente com as crianças.
- Como havia uma caixa de som no lugar onde a professora faz a rodinha com as crianças, ela faz a rodinha com as crianças sentadas na cadeira mesmo, as que estavam

de costa para ela, virou a cadeira. A professora conversa com as crianças perguntando se elas dormiram bem. A maioria respondeu dizendo que sim.

- A professora é bem comunicativa com seus alunos, sempre pronta para ouvi-los, suas histórias, facilitando o relacionamento entre ela e as crianças. As crianças gostam muito de contar coisas que acontecem no seu dia a dia, na sua família. A professora corta a criança quando são assuntos mais íntimos, como por exemplo, uma criança relata que sua mãe mandou seu pai ir embora porque não estava comprando comida para casa, e a criança imita o jeito que a mãe falou com seu pai.
- A professora faz a rotina (fichas com os nomes, calendário, formas geométricas, palavras mágicas, tempo e cores).
- Após de fazer a rotina com as crianças, a vice diretora chega na sala para ensaiar a música “Casa” de Vinícius de Moraes, no qual cada turma está trabalhando uma música do autor. Então, aproveitei o momento em que a vice-diretora estaria com as crianças para fazer a entrevista com a professora. Assim sendo, fomos para o pátio, onde lá havia uma turma do maternal no qual a professora estava trabalhando a lateralidade com as crianças através de brincadeiras direcionadas.
- No entanto não nos importamos de realizar a entrevista ali.
- Pedi a permissão da professora para poder gravar a entrevista e ela me deixou à vontade. Assim, realizamos a entrevista tendo uma conversa muito boa, a professora demonstrou sinceridade ao responder as perguntas, colocando sempre seu ponto de vista, deixando transparente sua metodologia.
- Ao retornar para a sala, a professora pega o globo terrestre e faz perguntas às crianças sobre o tema que estão estudando. Porém, as crianças ficam dispersas e conversam, sendo necessário a professora chamar várias vezes a atenção. As crianças então volta a atenção para a professora e elas conversam sobre o tema. Logo em seguida as crianças saem para o lanche.
- Durante o lanche as crianças conversam e sorriem, quando terminam, algumas brincam de roda até a professora chamar para a sala.
- Ao retornarem para a sala, a professora continua sua aula sobre a “Água”. Pergunta para as crianças o que elas fazem com a água. As respostas foram: tomar banho, lavar louças, lavar roupas, limpar a casa, escovar os dentes, lavar os manequins, molhar as plantas e beber.

- Depois ela trabalha o encontro silábico GU. A professora coloca no chão o alfabeto móvel e chama de duas crianças para montar a palavra ÁGUA. Enquanto isso, ela deixa as outras crianças brincarem. Elas brincam com os carrinhos, monta-monta, panelinhas, salão de beleza e desenhar.
- Como nos outros dias, as meninas me fazem de “cliente” no seu salão. As que brincam com as panelinhas, fazem suco, café, almoço, bolo para me servir.

7º Dia: 13 de setembro de 2017 (Manhã).

- Cheguei na sala e as crianças estavam sem a presença da professora. Algumas crianças corriam pela sala, outras brincavam com os lápis de cor, e umas meninas de se maquiarem com um batom que uma aluna tinha levado.
- A professora chega na sala e pede para as crianças fazerem a rodinha. Ela começa perguntando o que elas lembravam da aula anterior. Eles responderam que foi sobre a água. Então a professora relembra/retoma o que tinha falado antes o que fazemos com a água e como não desperdiça-la.
- Ao terminar, a professora pergunta se todos dormiram bem, umas disseram que sim, outras disseram que não pois estavam tossindo. Depois disso, a professora faz a oração com as crianças e depois pede para elas sentarem nas cadeiras e faz a rotina, chamando uma criança para fazer o calendário e as demais coisas.
- Em seguida a professora entrega os cadernos das crianças para fazerem a atividade. A professora escreve no quadro algumas das utilidades da água para eles copiarem no caderno. Assim que terminam a atividade, as crianças pegam os brinquedos. Como sempre, os meninos brincam com o monta-monta e os carrinhos, e as meninas com as panelinhas e o salão de beleza.
- Luiz Fernando me chama e fala “Olha tia, eu tô fazendo um robô” e depois ele desmonta e falou “Agora vou fazer um *tatô* (trator)”. É muito nítido nos meninos o quanto eles gostam de robôs, pois sempre que pegam o monta-monta eles dizem montar robôs e faz comentários dos desenhos/filmes animados que eles assistem e falam muito sobre os “Transformers” e da força que cada robô têm.
- Os meninos sempre brincam na mesa, enquanto as meninas brincam na maioria das vezes no chão nos cantos da sala. Outras desenham e pintam.

- Uma criança pega o tatame que estava na sala e o levanta encostando entre uma mesa e uma cadeira, formando uma parede da casa e brincam de mamãe e filhinha.
- Em seguida as crianças saem para o lanche.
- Ao retornar a professora pede para as crianças guardarem os brinquedos, pois irão fazer a atividade. Ela entrega uma folha de A4 para elas desenharem situações em que usam a água.

8º Dia: 14 de setembro de 2017 (Manhã).

- Cheguei na sala e a professora já estava em roda com as crianças conversando sobre o tema água. Depois, como de praxe, elas pergunta se as crianças dormiram bem. Ao terminar a rodinha, a professora espalha as fichas dos nomes das crianças para elas irem reconhecendo e colocando na chamadinha. Quando vê algumas meninas brincando na mesa, ela lembra uns dos combinados que é “Brincar em momentos determinados”.
- Em vários momentos a professora exclama que “não é hora de brincar”.
- A professora faz a rotina e após trabalha a família silábica GU que está presente na palavra ÁGUA.
- Em seguida ela entrega as cartelas do bingo das letras e ao terminar entrega as cartelas do bingo dos números. As crianças sempre demonstram empolgação e ficam a tentas na letra e número que a professora mostra.
- A professora pede para as crianças brincarem, enquanto ela ia chamando de dupla para jogar o jogo da memória do alfabeto.
- A professora me explica que o objetivo desse jogo é fazer com que a criança memorize as letras e a quantidade que ela conseguiu memorizar.
- Cada criança uma de cada vez vira um e fala o nome da letra, e se ela não souber mostra para a outra criança, se essa acertar o ponto é dela, caso nenhuma acerte o ponto é da professora. Ao terminar de virar todos os potinhos, a professora pergunta quem tem mais, assim eles visualizam a quantidade e depois cada um conta as letras que acertaram. Ganha aquela que acertar mais letras.
- As meninas se destacaram acertando mais quantidade de letras.
- As crianças saem para o lanche. E aproveitei para tirar algumas fotos do espaço da sala de aula e depois do espaço do pátio.

APÊNDICE B: TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

ENTREVISTA: **PROFESSORA A.**

NEI “MUNDO ENCANTADO”.

1- Idade

34 anos

2- Instituição em que se formou como docente

UEPA em Belém.

3- Quanto tempo você tem na profissão?

Assim... de formada eu tenho desde de 2006. Então... tem 6 anos que eu tô formada mesmo, mas de sala de aula eu estagio desde os 21 anos. Então tem 14 anos.

4- Quanto tempo trabalha nesta escola?

Desde de 2011, 6 anos né?! 6 anos fez agora.

5- Quanto tempo você atua na Educação Infantil?

Na educação infantil... assim, eu voltei pra educação infantil na realidade né! É... desde de 2015 que eu voltei, é o 3º ano... tem 3 anos. Mas eu comecei com educação infantil lá pros meus 20 anos eu comecei estagiando em alfabetização, jardim... ai depois eu fiquei com as turmas de 1ª a 4ª série mas dando aula de inglês, eu dava aula de inglês na realidade... ai depois que eu passei no concurso que eu voltei mesmo a ser professora regente né!

6- Qual a sua concepção do educar?

Assim, educar pra mim não é só aprender a ler e escrever, o educar ele perpassa mais do que isso, porque o educar você ensina também valores, entendeu?! Porque o professor ele não é quem ensina, ele é o pensamento dele, ele são as atitudes deles, então o educar está muito mais do que simplesmente aprender a ler e a escrever. Ele traz essa transmissão de valores, de pensamentos, de tá debatendo situações com as crianças, é legal ou não é legal, eu pelo menos procuro ter uma conversa muito aberta e franca com meus alunos, sabe?!

Quando eu vejo que já falou demais da conta da casa deles aí eu dou uma cortada, entendeu?! [...] eu de trabalhar esse lado com meus alunos assim, da solidariedade, da oração, meu alunos com meus alunos eu oro com eles meu santo anjo que eles já sabem, então eu gosto dessa parte porque também ensina valor, você tem que dá esse apoio ao aluno a conviver com as outras crianças, a repartir, a ser solidária, entendeu?! Por isso que eu falo que educar não é só ler e escrever, o educar ele perpassa [...] formar a pessoa, porque a pessoa não é só cabeça, a pessoa também é emoção, então é minha concepção de educar pra mim né!

7- E sobre o brincar?

A concepção de brincar é assim, eu sou assim, eu compro brinquedos pros meus alunos e deixo eles brincarem assim a vontade né! Claro que tem as brincadeiras que são dirigidas que a gente faz em sala de aula, por exemplo, aquela que eu tava explicando pra ti ontem, aquilo é uma brincadeira dirigida, né! Que o aluno vai pegar as letras né, e vai ver se ele sabe, se ele não sabe o outro souber, o outro conta pro outro, aí tem o bingo, tem a ... tem o bingo das letras, tem o bingo dos números, mas aí tem essas brincadeiras didáticas que a gente faz dirigidas que tem algum cunho, e tem aquelas brincadeiras soltas que eles brincam com o monta-monta, eles brincam com as tampinhas, com os brinquedos, então, ali eles as vezes simulam situações que traz das casas deles né, assim, eu já descobri muita coisa através dos desenhos das crianças né. Eu já aprendi com um tempo a tentar desvendar o que eles querem no desenho, né. [...] teve uma situação numa aluna, da tarde, era dia dos pais né, e eu acho muito complicado hoje em dia quando eu vou trabalhar isso com os alunos, eu sinto que eu piso em ovos, porque tem muito aluno que não tem pai, eu mora com o avô, que nunca nem viu o pai, que é pai desconhecido, então são situações delicadas de tá trabalhando né. Aí eu pedi assim, gente desenha o seu pai ou a sua família ou alguma coisa que represente o seu pai, aí teve essa aluna né, que ela desenhou, ela a mãe dela, ela e o pai dela afastado com uma cara não muito contente, aí eu perguntei: vem cá, que isso? Minha casa. E isso? A cozinha. E esses dois? É o papai e a mamãe. E por que tu não tá perto do teu pai e da tua mãe? Não é porque a mamãe foi conversar com o papai. E por que tua cara não tá muito bacana? Não, porque eu não gosto, eu tô irritada com o papai, porque eu não gosto dele porque ele não gosta de mim. Uma criança de 5 anos, que só num desenho a gente começa a descobrir... então é o relacionamento, pra o professor que se propõe a isso, porque é muito fácil mandar pintar, pegar o desenho e dá parabéns e pronto. Então eu tô trabalhando mais essa questão dos desenhos.

8- Como você tem trabalhado a questão do brincar?

O brincar, é mais a questão assim, assim solta, porque na realidade eu tô criando mais didáticas, é... pra assim, didática mais voltadas por ensino mesmo né, da questão do bingo e tem a questão do negócio, e eu tô confeccionando peixinhos que eu vou montar a pescaria né [...] eu vou cortar em forma de peixe, e vou pregar os números e vou, eu já tenho uma caixa grandona que eles estavam brincando que vai ser o mar, aí vou pegar o papel crepom cortar tudo pra ser o mar, né. Vou confeccionar os peixes já, a vara, e fazerem eles pescarem os peixinhos, e é mais uma ferramenta de aprendizagem dos números. Porque eu sei que fica muito monótono certas coisas, que tem vezes que nem eu aguento mais ensinar, por exemplo ir todo dia pra aquele calendário ali fazer os meninos contar, aí eu já aquilo, até pra mim já tá monótono. Então assim, a gente cria estratégias que envolve o brincar da criança junto com o aprendizado. Assim como eu falei pra você, as brincadeiras livres eu deixo eles brincarem tudo mais, aí as vezes eu até observo quando eu não tô muito ocupada fazendo alguma coisa né, eu até observo, eu paro, sem eles perceberem pra observar o que eles estão conversando, que as vezes eles estão conversando coisas da casa deles, situações que acontecem na família através da brincadeira aí eu paro pra olhar né. Mas no mais, assim... eu deixo eles ficarem a vontade, eles pegam o monta-monta, brincam com o monta-monta, eles brincam dos brinquedos que tem lá que eu compro, muitos pedem 'não tinha, eu quero desenhar', então assim, é meio que o lazer deles é esse, porque aqui como só tem televisão na sala do maternal então a gente nem mexe, que seria interessante também essa questão da diversidade de trazer vídeos para eles assistirem, de ter um dia de vídeo, porque geralmente na educação infantil em escolas eles tem né o dia do lúdico, o dia do brinquedo, o dia disso, daquilo outro, os meus alunos não, eles brincam todo dia só que eles sabem o momento de brincar, eles sabem que depois da tarefa 'tá eu posso pegar o brinquedo?' pode, porque como eu falei pra uma mãe [...] eles brincam todo dia, porque ele tem que saber que o brinquedo tá aqui, mas que ele não pode brincar agora entendeu?! Ele tem que saber controlar o desejo dele [...] então é esse é a questão que eu quero assim, cortar no meu aluno.

9- De que forma isso faz parte do seu planejamento?

É... em situações assim que eu vejo que dá pra unir aquela matéria ao brincar dirigido no caso né, como eu falei pra você o brincar pra eles é todo dia, porque assim não tem como a gente ter uma turma de educação infantil com as quatro horas tu dando aula, eles não dão

conta, eles não tem concentração entendeu?! As tarefas tem que super-rápidas, lúdicas que chame a atenção deles entendeu?! Então eles não concentram, e assim, quando tu pode unir uma atividade com o brincar ela se torna assim muito proveitosa porque a criança aprende brincando, aí isso daí através de pesquisas, você vê, eu procuro muitas vezes na internet por exemplo: essa semana eu vou tá trabalhando o tema 'água', porque a gente, sugeriram pra gente tá trabalhando a sustentabilidade, então eu vou trabalhar a água, a questão da poluição e tudo mais do meio ambiente, água e depois eu vou partir pro lixo né, pra coleta seletiva, mostrar algumas coisas da reciclagem, a gente tem meio que um roteiro, que a coordenadora pediu pra gente pra seguir, aí eu peguei e tô seguindo né. [...] pra mim a brincadeira é livre, eu não gosto de impor pros meus alunos não.

10- E de que modo você considera o apoio à presença do brincar na sala de aula e na escola?

Gente o brincar é super importante, eu acho que o brincar, a gente também tem que fantasiar, a vida também é feita de sonho. Eu acho que a criança quando ela brinca, ela tá representando o mundo, situações que ela vive entendeu? E assim, a vontade de ser alguma coisa, ah tô brincando de ser médico, tô brincando de motorista, de cabelereiro, de engenheiro, então são coisas que elas admiram, são coisas que sei lá, vão ser um dia quem sabe. Então assim, o brincar é importante porque ele representa a fantasia, a criança se expressa né, ou de forma bem ou de forma não tão bem, mas a criança se expressa no brincar. Claro que tem certo tipo de brincadeira que não dá né, quando é de correr de tá correndo pela sala também... não é muito legal não, eu não gosto dessas brincadeiras não, é tanto que logo eu dou uns berros e eles param de correr.

11- Você percebe que a coordenação, a gestão e os demais professores apoiam o brincar ou na sua opinião, precisaria de mais incentivo?

Assim, dentro da educação infantil, até na educação infantil ela tem as hierarquias delas né, tem o maternal, tem o jardim I que é o de 4 anos e tem o jardim II que é o de 5 anos. O povo lá, os maiores sem ser os daqui, quando a SEMED... quando a gente vai fazer formação 'ah que tem que brincar, porque não sei o que', gente o brincar é importante sim, mas a criança tá saindo e tem 5 anos, então a gente é cobrado pelos 5 anos, porque quando eles chegarem na alfabetização, o outro professor, a outra escola vai exigir como é que os alunos mão conhecem os números, como é que esse aluno não relaciona quantidade ao número, como é que eles não conhecem as vogais, as consoantes e não sei o que... então você sofre

uma pressão, então aqui, é aquilo que eu falei pra você, aquele cartaz que tem da família silábicas se alguém visse, se elas viessem aqui elas iam dar uma olhada não muito boa, as grandonas de lá, as coordenadoras da educação infantil, ela diz que aquilo não é assim, porque esse é o método tradicional e não pode, não sei o que... então assim, o discurso dela, a gente ver que não dá só pra brincar, até as crianças mesmo, já estão tão acostumadas com uma rotina, elas já vem pra escola 'tia o papai comprou esse lápis, a borracha porque eu vou escrever, o lápis, o caderno porque eu vou escrever', então o dia que elas não escrevem 'por que não estudamos hoje?' 'por que não fizemos tarefa hoje?', 'Mas meu filho você fez a tarefa só que você não escreveu, você fez a tarefa, você não montou a palavra hoje? Você não fez tal coisa?... então tudo isso faz parte, porque pra eles, a criança tem concepção de quadro e caderno, entendeu? Então assim, é... tem professores que eles trabalham muito mais o lúdico como por exemplo ali (havia uma turma do maternal no pátio no qual a professora através da brincadeira estava trabalhando noções de espaço-lateralidade), são aluno de 3 anos ela trabalha muito o lúdico com os alunos dela, aqui é uma aula que eles não vão precisar pegar e escrever no caderno né, assim que nem os 5 anos que já tem uma certa obrigação de saber alguma coisa. Eles não, eles estão vendo a questão do AEIOU, de diferenciar letra de número né, letras de formas geométricas, aqui a questão da lateralidade, dentro e fora entendeu? Trabalhar a coordenação motora deles também, então nós da educação infantil, a gente brinca com nossos alunos sim, mas assim com menos frequência né, pelo menos eu, da minha parte, eu Taís... eu brinco com menos frequência, por que? Porque a gente acaba tendo que dá por essa pressão velada, que tem, a gente acaba tendo que dá conteúdos, entendeu? Porque também os pais exigem, a professora que presta é aquela que usa caderno e lápis, que passa atividade, que mandou o dever de casa, entendeu? Então por isso, eu Taís acabo tirando do meu próprio bolso pra suprir isso daí, entendeu? Porque o pai vai ver o caderno. Como eu mando o caderno na sexta, então tem criança que tem só um caderno, então o pai tá a pá de tudo que a gente faz na semana, de segunda a tia Taís deu isso, terça deu aquilo, quarta deu aquilo, então ela tá trabalhando isso. O pai que vai olhar o caderno vai saber o que eu tô trabalhando, entendeu? Então assim, e se você for só assim... brincar, brincar, não digo brincar pra deixar as crianças soltas, mas o brincar dirigido como a tia aqui o pai não entende, 'ah porque o meu filho só sabe pra brincar', até a própria criança não entende no brincar dela ela tá aprendendo, 'ah mãe hoje eu só brinquei', o pai gosta de hoje dia de ver tarefa, caderno, e eu já fui meio que criticada por eu ser tradicional, 'ah Taís tem que perder essa mania de querer alfabetizar os meninos e tudo mais, e não sei o que', antes eu era mais, agora o pessoal já sabe meu ponto de vista, que é o meu nome, o nome da

escola que tá em jogo, então o que eu puder avançar meus alunos eu vou avançar, entendeu? Claro que a gente tem encontrar o meio termo de tá inserindo uma coisa mais lúdica, mais didática também nesse aprendizado.

Quando você começa com a educação infantil, porque aqui ninguém tinha experiência na educação infantil, porque essa escola sempre foi uma escola de ensino fundamental, então quando você ver uma escola nova, eu digo assim, a nossa escola é nova de educação infantil assim, os pequenininhos, então eles querem ditar como você, querem fazer tipo uma cartilha de como deve proceder, e como você não tem experiência tu acaba aceitando aqueles 10 mandamentos dele entendeu? Ai não, depois você, tem... já se sente segura, você já passou da primeira fase, já passou pela segunda, então assim, hoje em dia eu vejo o meu 5 anos ele tá assim... ele não tá melhor... porque eu não tinha muita experiência né, das outras, então as coisas meio que ia é.. andando. A gente vai fazendo as nossas pesquisas, mas meio que andando, mas hoje eu já me sinto mais segura para defender meus pontos de vistas, entendeu? A gente teve essa reunião no começo do ano, eu falei pra diretora 'é um seguinte, eu vou continuar dando sim tarefas no caderno, eles vão escrever, tirar do quadro, eu vou continuar porque meu nome e da escola está em jogo', porque a outra professora lá ela já quer pegar o menino pronto. Quem é que não quer pegar um aluno que não vai muito trabalho com ele, porque numa quantidade de 30 alunos, 40 alunos, se você pegar pelo menos ali dos 30, dos 40 uns 20 que já saiba muita coisa, já te adiantou a tua vida, porque tu sabe que quebrar cabeça com o restante, que é a minha situação e o meu desespero com o Marcos. O Marcos tá ruim, da turma, tu viu o tempo eu perdi com aquele menino ontem, mais de 10 minutos, só com ele entendeu? Porque o menino falta muito, não tem o apoio da casa, que deveria ter, porque não é porque você não tem muito estudo que você não pode ajudar o seu filho, entendeu? Eu vi na ficha que o pai é analfabeto, tudo bem, mas a mãe sabe ler, então não ajuda porque não quer, entendeu? Ai é muito complicado.

12- Na sua opinião, que fatores fazem com que haja pouco tempo (ou se perca tempo em trabalhar o brincar em sala) e espaço para brincadeiras na escola?

Olha, aqui geralmente, a escola de educação infantil de rico (risos). Enfim, tem escolas assim, mesmo da rede pública que elas tem um prédio maior, elas tem um playground, alguma outra coisa para a criança brincar né, então as crianças vão pro parquinho né, correm e tudo mais. Aqui como você pode ver tudo tem que ser improvisado pela professora. Aqui não tem um playground, aqui não tem é... uma aula para a criança ter o lazer dela né, pra brincar mesmo de fato. Então tipo assim, pra os meus alunos ficar correndo e acabar

atrapalhando os outros professoras, eu tenho esse recurso de comprar os brinquedos que ele gostam, por exemplo: a cada três meses eu compro brinquedo. Monta-monta, eles adoram o monta-monta... tá acabando? Eu já compro de novo. Então eles gostam de brincar de tampa, de carrinho, eu já comprei uns carrinhos que eles gostam, pra compensar. Aqui eu já trouxe eles pra cá pra fazer de corre cutia né, teve uma oportunidade, no primeiro semestre... mas a gente é meio prejudicado porque a escola não tem muita estrutura entendeu? Não tem estrutura, tem que fazer tudo na sala de aula aí é chato.

13- É satisfatório brincar com as crianças?

É cansativo (risos). É por isso que é já dei uma parada de tá trazendo eles pra brincar de corre cutia porque eu me lascava depois (risos)... assim... é legal, mas a criança ela te exige muito e as vezes sabe... você tem que se preservar, porque se tu cansar muito de manhã, tu já não rende mais, então assim, você tem que se poupar, entendeu? Mas eu brincava, eu gostava de brincar com meus alunos, eu trazia bola, quando eu tinha os alunos maiores, quando aqui era fundamental, eu trazia, a gente brincava de queima, a gente brincava de futebol, então eu trazia eles pra cá e a gente brincava, eu brincava com eles, entendeu? Eu brincava, mas assim, é satisfatório? É, mas é cansativo, demais.

14- Como você percebe que as crianças participam ou se sentem nas brincadeiras e/ou quando são desenvolvidas atividades lúdicas?

A brincadeira, quando ela... como ela tá aí, tem que ser muito planejada pra criança ver o sentido da brincadeira, porque você não pode chegar e falar vamos brincar disso, primeiro você tem que preparar a criança, promover situações, é por isso é importante o planejamento e sequência didática. Eu trabalho muito com a sequência didática, entendeu? Por exemplo, semana passada a gente trabalhou, setembro a gente trabalhou o Brasil, então parte do planeta Terra, partir dos países, no caso o Brasil, e no fim o Pará né, e agora eu tô indo para a questão ambiental do Brasil. Eu comecei né, eu fiz aquele cartaz com eles, eu fiz o meu, depois eu pedi pra que eles fizessem os deles né, a gente, eu até mostrei pra você. Então eu tô trabalhando assim água, então qual vai ser o momento de alguma coisa lúdica envolvendo a água, entendeu? Então tudo tem ser uma sequência, para que a criança ela visualize aquela brincadeira como uma construção de aprendizagem, não só o brincar pelo brincar, porque a brincadeira, tem brincadeiras que é brincar por brincar, mas tem brincadeiras que ela tem que ter um cunho educativo, um fim educativo, né.

15- A escola conta com o apoio e a valorização dos pais em relação às atividades lúdicas?

Eu só vi isso ano passado. Porque ano passado a gente trabalhou um projeto chamado sustentabilidade, então a gente fez um momento com os pais, que os pais vinham confeccionar brinquedo junto com as crianças, a gente promoveu oficinas, então cada sala ficou uma oficina. Na minha sala uma oficina de alguma coisa... então cada sala, ela... os pais, foi falado do tema sustentabilidade, o projeto teve gente que não sabia sobre sustentabilidade, a gente fez palestra, tinha umas imagens e depois cada pai assim, dos pouquíssimos que vieram, cada pai escolheu uma sala pra confeccionar alguma coisa. A gente já deixou previamente pronto, e explicou qual quantidade eles iriam fazer. Assim... foi nesse sentido que teve, que eu vi do pai tá participando de alguma oficina de confecção de alguma coisa com as crianças.

16- De que forma você percebe que há ou não esse apoio, quais são as atitudes ou comportamentos em relação a presença dos trabalhos com o lúdico na escola?

Assim, isso depende, eu... acredito que essa relação de pais na escola ela vai muito do professor, entendeu? Se a professora, se ela procura se dá bem com os pais, ela tem os pais pra ela, mas se ela olha com cara feia, ela não tem os pais pra ela, você pode até fazer o convite, mas os pais não vem, não colaboram. Então assim, essa questão vai muito como o professor leva a turma, tudo como o professor... os conceitos que ele tem pra turma dele, os conceitos que a criança tá tendo, porque a criança... a gente conquista o pai através da criança. A criança que é apegada com o professor, que fala bem do professor, que quer tá vindo para a escola, as atitudes que o professor faz com o filho, então isso também chama o pai entendeu?[...] então se os pais confiam no teu trabalho, por mais que você faça o lúdica, os pais entendem que aquele lúdico é uma questão didática, entendeu?

17- Qual você considera que seja o papel do professor entre a criança-brincar e a criança-ambiente/espço?

Eu acho assim, que o professor tem que criar um espaço lúdico na sala dele, como eu falei, tem brincadeiras que é o brincar pelo brincar, mas tem brincadeiras que elas devem ser dirigidas, o professor ele tem que propiciar esses momentos pra criança, né. Quando for brincar por brincar como eu faço com eles, eu dou o brinquedo e tudo mais, eles pegam e brinca, mas tem o momento que as crianças vão brincar mas são dirigida é... um fim de ensino mesmo, de aprendizagem, de algum conteúdo que você esteja ensinando, pra isso você

tem que montar aquela sequência né, eu tenho que montar isso, isso e isso pra chegar naquilo. Não é chegar brincando, aquela brincadeira tem que fazer sentido, porque eu tô fazendo essa atividade? tem que fazer sentido pra mim.

18- A escola possui um espaço para brincadeiras?

Não. Porque aqui não tem playground, não tem uma caixinha de areia pra criança brincar, então você tem que criar esse ambiente na sua sala de aula... trazer recursos como a professora [...] então assim, aqui a professora, isso daqui é dela, a corda é dela entendeu? Tudo aqui é dela, então ela traz os alunos dela, eu acho lindo 3 aninhos né. [...] então se o professor quiser fazer alguma coisa assim, tem que trazer as coisas da casa dele, e montar as coisas porque em muitas oportunidades a escola não tem, aqui já teve mais, mas aí as coisas foram se perdendo.

19- Você considera esse espaço adequado ou inadequado para o brincar? E porquê?

Gente, eu acho que o espaço inadequado porque aqui o menino vai correr, vai tropeçar em alguma coisa, tem menino que a gente sabe que quer correr por cima das cadeiras, por cima das mesas. Então o brincar pra criança era só brincar... e com objetos assim eles podem se machucar... se os alunos, não forem conversado antes 'olha não é pra ir pra ali, pra não machucar o outro' aí pode se machucar'. O problema da nossa escola é esse, por não ter um espaço assim mesmo, adequado pra as crianças brincar.

20- Como é aproveitado esse espaço?

É lanche... brincadeira, como ela tá fazendo aqui, é o jeito que você tá vendo como ela faz. Improvisado.

21- Que tipo de atividades são desenvolvidas nesse espaço?

Assim é... é igual ela, como ela tem uma turma de 3 anos, então eles não aguentam e ela tem que trazer pra cá e colocar atividade assim... lúdicas.

É brincadeiras dirigidas, isso daqui é uma brincadeira dirigida, porque se deixar eles correm por cima da mesa, então são brincadeiras dirigidas de cunho educativo, ali ela tá com um objetivo a ser alcançado e depois disso ela vai fazer um relatório dali, quem participou, quem não participou, quem alcançou o objetivo, quem não alcançou, entendeu?

22- Você encontra algum tipo de dificuldade para aproveitar esse espaço? Quais?

Ah já teve situações que a outra professora tava e aí eu queria dividir o espaço e a professora zangou, por causa do espaço daí ela foi embora, entendeu? É nesse sentido assim, as elas não avisam pra outra que vai usar, aí as vezes confunde ter duas professora. [...] por isso eu quase não tô trazendo.

23- Você considera que ensinar através das brincadeiras é uma boa opção?

Sim, como eu falei, como ela tá fazendo aí tem um cunho educativo, ali as crianças estão aprendendo lateralidade através de brincadeiras, estão trabalhando a questão da expressão corporal, estão trabalhando a questão da psicomotora, entendeu? Então, ali, quando é feita assim desse jeito que ela tá fazendo então pra eles é super importante, até porque como eu falei pra você criança tem que usar várias... é por turma, tem turmas, eu já tive turmas de 5 anos que os meninos assim eram muito bebês, não eram maduras e eu considera as minhas turmas de 5 anos bem maduras, tanto os da manhã quanto os da tarde, eles são bem maduros... tem um ou outro que é mais assim devagar, porque tem a questão familiar, tem questão de frequência da escola, questão de que ambientes a criança frequenta, entendeu? Mas eu considero os meus alunos bem maduros, eles sabem de tudo.

24- As crianças tem mais facilidade para aprender através das brincadeiras ou você acha que não há grande diferença?

Ah com certeza a criança aprende brincando sim, desde também que o professor saiba planejar, porque tem muita gente que improvisa, gente nada que improvisa dá muito certo, tudo tem que fazer parte do planejamento, como eu falei pra você, eu gosto de trabalhar com sequência didática porque assim, você vem trabalhando aqui até chegar na brincadeira, entendeu? A brincadeira ela tem que tá nesse sentido ela tem que tá inserida no contexto do que você tá trabalhando, porque só brincar por brincar não tem sentido pra ninguém, nem pra professora.

25- Durante a sua formação para ser professora você teve disciplinas ou conteúdo que discutissem a questão da ludicidade e do brincar?

Sim a gente tem, inclusive meu TCC foi nessa área.

26- Você recorda quais os principais temas tratados nessas disciplinas?

Amiga recordar é uma coisa de... da década de 2000 (risos) difícil (risos). Não, tinha assim, é... tipo uma matéria de recreação, não sei se vocês tem aqui, deve ter também, que faz parte da grade curricular, tive de recreação que até era uma professora de educação física, que ela dava aula pra gente, que ela trabalhava a questão da psicomotricidade, que tipo de atividade vai ajudar o que, pra quê, qual o objetivo, é mais ou menos isso.

27- Você considera importante para sua formação participar de cursos, oficinas e outras iniciativas que possibilitem você desenvolver mais essa área da ludicidade?

Hoje em dia é... a gente, quando a gente tem a nossa formação, do risco e rabisco é... a educação infantil tem essas formações né, a cada dois meses tem a do risco e rabisco. Então elas ensinam até coisas que tu já faz né, elas dão assim algumas coisas... oh, como a gente pode ensinar quantidade... assim, elas dão umas dicas e tudo mais, porque assim... Tallyta, isso vai muito do professor, tem professor que tem aquilo mas não faz, é totalmente tradicional, que tá muito tempo na educação, que tá cansado, mas tem professor que é supre aberto, que faz umas coisas assim bem legais mesmo, muito boas, então isso varia de professor pra professor, tem professor que até faz curso, mas que não faz na sala de aula, entendeu? Eu assim.. eu faço, mas... eu não vou dizer que é tanto tanto tanto né, mas eu to assim.. eu to tentando, as vezes, cada ano que passa a gente vai aprendendo, vai se habituando mais com as séries, e a gente vai tentando estratégias novas, por exemplo esse ano eu tô fazendo coisas que eu não fiz ano passado né. Teve assim, em termo de ensino, a questão de ludicidade, como eu faço pro meu aluno aprender, porque assim, todo dia eu trabalho o alfabeto, né, através do bingo, através da letra final e inicial, quando eu vou escrever no quadro eu digo as letras tudinho, eu vou escrever 'água', tem a, letra g, letra u, letra a, eu trabalho, aí eu falei 'Meu Deus ainda tem menino que num tá aprendendo Jesus!' aí eu já bolei esse negocinho bem aí, esse bem aí. Aí outra coisa, as formas geométricas, eu já trouxe um negocinho que eu comprei que lembra as formas geométricas, trabalhei de novo com eles as formas geométricas através da bandeira, eu mandei uma atividade pra casa deles pra eles verem o que na casa deles tem forma de triângulo, de quadrado, círculo, de retângulo, né, assim... pra eles visualizar aonde ele tá olhando, 'olha isso ali é assim' pra ele visualizar, parar de ver só aquilo no caderno e olhar o concreto, aí eu já trouxe algumas coisas, uma caixa de casa, eu passei esses dias na escola 'e isso daqui, esse quadro, essa porta, e esse negócio', foi no dia que eu passei pela escola pra mostrar as formas geométricas que tinham na escola pra ver se deslancha. Então assim, isso varia de professor pra professor, tem professor que tem preguiça, tem professor que se sente cansado, tem

professor que... enfim. É uma soma de fatores que não dá pra julgar muito, as vezes a gente julga, mas com o passar dos anos a gente entende que até a nossa saúde ela não nos ajuda, eu por exemplo, hoje em dia, 34 anos mas eu, se eu usar muito a voz eu já fico cansada, já fico rouca, eu já tô ficando doente com mais frequência do que antes, então a gente acaba assim, se resguardando também, por causa da saúde, não que a gente não vai fazer, quando dá pra fazer a gente faz, mas todo tempo assim como é a proposta que esses pensadores aí, o Piaget, o Vigotski, e tantos outros aí né, que a gente tem na nossa graduação, infelizmente não dá, ainda mais quando você trabalha com duas turmas. Você tem que se adaptando conforme o seu corpo.

ENTREVISTA PROFESSORA B.

NEI “AQUARELA”.

1- Idade

30 anos

2- Instituição em que se formou como docente

UFPA-Marabá

3- Quanto tempo você tem na profissão?

Desde de 2006, tem uns 11 anos ou mais.

4- Quanto tempo trabalha nesta escola?

Vai fazer um ano, entre agora esse ano.

5- Quanto tempo você atua na Educação Infantil?

De 2015 pra cá, tem dois anos, tô aprendendo ainda.

6- Qual a sua concepção do educar?

Ah, a educação é a base de tudo né, então nós professores tem uma missão muito importante na vida das nossas crianças, que é formar cidadãos críticos né?! pra sociedade. E hoje esse papel do professor na educação dos alunos ele se torna muito mais que isso, porque muitas das vezes a gente tem que educar mesmo de fato essas crianças, porque em

casa não tem isso. Então a educação, na minha concepção ela tem sido mais do que isso, entendeu?! De formar cidadãos críticos, formar mesmo pra vida na sociedade né?!

7- E sobre o brincar?

Olha o brincar ele é, já li muitos artigos assim falando, fala que o brincar é fundamental na formação, da mente da criança, na interação, no aprendizado também, é... o brincar é, ele faz parte da infância, então é por isso que a educação infantil é mais ludicidade, porque não existe educação infantil sem o brincar né?!

8- Como você tem trabalhado a questão do brincar?

Eu tenho procurado assim levar dinâmicas pra sala de aula, em alguns momentos eu me frustrro porque eu não sei se é devido a turminha que é um pouco levada, porque eu tô em duas turmas e eu vejo que eu tenho um rendimento maior na turma da manhã do que na turma da tarde, mas assim eu não desisto, eu procuro seguir os horários, no dia do brinquedo eu deixo eles brincar, mas é isso.

9- De que forma isso faz parte do seu planejamento?

Eu sempre coloco no planejamento, até porque tem a rotina né, pra ser seguida, então pelo menos uma ou duas vezes na semana eles tem, tem que ter esse momento né?! Principalmente no recreio, no recreio eu deixo eles sempre livres, deixo brincar a vontade, eu sempre friso “olha cuidado na hora de correr pra não se machucar”, mas eu deixo, as vezes eu deixo jogos pra eles brincarem na sala, porque como eu tô em duas escolas, e eu te falo assim mais também pela outra, na de manhã que eu trabalho, lá tem jogos, aí eu deixo eles brincando, no pátio também tem um espacinho, aí depois que eles lancham eu deixo eles na mesa com jogos, tem alguns brinquedos, eles brincam e tem na sala também, aí eu deixo eles livres sabe, pra criarem as suas brincadeiras, no recreio é assim. Já no Olavo, o dia do brinquedo é na sexta-feira que eles vão pra sala, e tem na nossa sala que tem alguns brinquedos né?! Aí eles... aí eu deixo também eles naquele soton que tem na sala, tiro um dia pra eles ficarem lá brincando.

10- E de que modo você considera o apoio à presença do brincar na sala de aula e na escola?

Na sala de aula, eu acho importante assim, mas em alguns momentos é preciso né?! Eu vejo que é necessário fazer algumas atividades, não lúdicas também. Então o apoio do

brincar é muito importante. Eu sei que as crianças adoram, então a chance delas se interessar mais é maior né?! Então o apoio com certeza é maior.

11- Você percebe que a coordenação, a gestão e os demais professores apoiam o brincar ou na sua opinião, precisaria de mais incentivo?

Não, lá eles apoiam 100% (risos). Eles puxam até a minha orelha quando eu tento ser... (Risos) [...] Lá é em todo momento o lúdico.

12- Na sua opinião, que fatores fazem com que haja pouco tempo (ou se perca tempo em trabalhar o brincar em sala) e espaço para brincadeiras na escola?

Assim, é engraçado que eu trabalho em duas escolas, e as duas são concepção diferentes, enquanto uma eu tenho que me desdobrar em 100 pra mim passar o dia inteiro brincando, desde a entrada até a saída, e na outra já não tem muito isso, então já teve até situações na outra quando trouxe os jogos e os alunos brincavam no recreio, a coordenação falava que tinha que arrumar que não era pra brincar, porque estavam bagunçando, as crianças estavam brincando com as bonecas e as vezes desarrumavam, então é duas concepções diferentes, enquanto uma tem que ter mais tempo só pra isso, pra brincadeiras, a outra já é demais. Então tem que saber dividir né?! Eu sei que o lúdico é muito importante no aprendizado das crianças, mas de uma certa maneira a gente também é cobrado né?! Enquanto professor a gente é cobrado, ou então tem que ser trabalhado isso no ensino fundamental, de que a educação infantil não é pra alfabetizar, é só ludicidade, porque de uma certa maneira a gente, nós professores fica naquela preocupação, como é que eles vão achar quando vir as fichinhas do aluno e ver que a professora tal que foi a professora desse aluno, que ele só sabe brincar, que ele não quer sentar pra fazer as tarefas porque ele foi ensinado assim, na educação infantil, então o professor do ensino fundamental vai ter essa dificuldade, então precisa também ser trabalhado isso no ensino fundamental, porque se não termina criando uma rivalidade né?! Uma certa rivalidade, porque é como se o professor da educação infantil ele fosse um péssimo professor, ele não sabe ensinar, ele não sabe alfabetizar, e do ensino fundamental é as vítimas por receber esse aluno cru entre aspas, e esse professor vai ter que ter toda a função de alfabetizar esse aluno né?! Então assim, tem que... eu não sei te explicar, essa é uma pergunta que ela (risos) é difícil, é um dilema.

13- É satisfatório brincar com as crianças?

Sim, até eu brinco junto (Risos), a gente tem nosso momento de infância junto com eles, relembra né, os nossos momento.

14- Como você percebe que as crianças participam ou se sentem nas brincadeiras e/ou quando são desenvolvidas atividades lúdicas?

Ah elas ficam muito entusiasmadas, elas ficam muito envolvidas, a gente vê o brilho no olhar delas. O lúdico, ele não tem como ser desligado né, da vida deles, das crianças.

15- A escola conta com o apoio e a valorização dos pais em relação às atividades lúdicas?

Conta sim.

16- De que forma você percebe que há ou não esse apoio, quais são as atitudes ou comportamentos em relação a presença dos trabalhos com o lúdico na escola?

Assim, de uma certa maneira eles tem o apoio, mas de vez em quando tem um ou dois pais que criticam né, que acham que o filho tem que tá lá só pra estudar, brincar nem pensar né, mas assim eu percebo que a maioria dos pais hoje eles já entendem né, que a função da educação infantil ela não é ensinar ler e escrever né, então assim, em alguns momentos eu percebo que tem pais que eles incentivam quando a gente pede um livro de historinha, eles levam, um brinquedo eles levam também, eles doam. Então a gente percebe o apoio dos pais nesses momentos.

17- Qual você considera que seja o papel do professor entre a criança-brincar e a criança-ambiente/espço?

O professor tem que ser esse elo né, porque se ele não propõe esse momento, então não vai existir esse elo entre o professor, o aluno, o brincar e o espaço né. Então o professor tem que propor esse espaço, esse momento pro aluno, mesmo que a escola não tenha nenhuma estrutura, mas o professor tem que proporcionar esses momentos né, levando um tapete, põe na sala de aula, coloca os brinquedos, coloca a sala em roda, propõe uma dinâmica, uma brincadeira com os alunos né.

18- A escola possui um espaço para brincadeiras?

Sim (Risos).

19- Você considera esse espaço adequado ou inadequado para o brincar? E porquê?

É adequado. Ah porque a escola já foi feita com esse objetivo, tanto é que essa escola é uma escola modelo né, assim, entre todas as outras que existe no município, ela é uma escola do sonho assim, que muitas pessoas que não conhecem nem pensam que tá em Marabá. Então ela tem o cantinho do... todas as salas, tem o pátio justamente pra isso. Dentro de uma sala tem outra sala pra eles descansarem, né. A escola tem colchonetes, tem banheiro, pia, fraldário, então a escola foi feita mesmo né, justamente pra isso.

Eu acho assim, que o que tá faltando é formação mesmo pra nós professores entendeu?! Já que a escola nos propõe né, nós temos uma diretora, uma coordenadora que é totalmente a favor disso né, são envolvidas né, tá a educação infantil tá na veia (Risos) né, então eu acho que tá faltando agora pegar esses professores né, eu me incluo nesses professores, eu sei que eu preciso aprender muito também assim... melhorar mais né, mas assim, abrir a nossa mente né com evento, formações, oficinas, pra que a gente também se envolva né, a fundo nesse mundo infantil né, que é a ludicidade, que a gente já sabe que é importante pra formação da criança né, pra relação dela, a interação social, emocional, então o lúdico ele é fundamental assim... e é importante demais na formação da criança, então nós professores também precisamos disso né, porque se não nada vai adiantar ter um espaço se o professor não souber utilizar, trabalhar e lidar com esses espaços.

(Essa formação deve partir da SEMED ou da coordenação?)

Da SEMED, e da escola também. Se a SEMED não propõe, eu acredito que a coordenação também... não só cobrar “olha você tem que se desprender mais da alfabetização, você tem que procurar ser assim” mas como né? Como eu vou se não me colocar no caminho, não me conduzir, como é que eu vou chegar a perfeição né, chegar como eles querem né? Então se a SEMED que é o principal não tá propondo, a escola também tem que se dispor né, esses momentos.

20- Como é aproveitado esse espaço?

100% viu.

21- Que tipo de atividades são desenvolvidas nesse espaço?

Tem o pátio, no pátio eles tem um dia que eles podem ir pro pátio né, é um momento que não é no horário do recreio né, a gente leva os alunos, aí nesse momento a gente faz atividade de recorte e colagem, dobradura, depois a gente pula pra brincadeiras livres, deixa

eles a vontade pra escolher a brincadeira que eles quiserem, brincadeiras também direcionadas né. Tem a caixa de areia que eles vão também, tem o banho de mangueira né, eu nunca fiz esse da mangueira, os outros eu já fiz, mas o da mangueira eu vou fazer agora quando eu retornar, eles adoram (Risos).

22- Você encontra algum tipo de dificuldade para aproveitar esse espaço? Quais?

Sim, um é a disciplina né, dos alunos, eu acho que não é nem assim porque eu não gosto de trabalhar a ludicidade né, é pelas crianças mesmo, pela minha turma que em alguns momentos eles dificultam né, a realização das atividades que terminam me frustrando né, que as vezes eu prefiro né, ou eu deixo eles criarem a brincadeira deles, porque quando eu crio em algumas situação são poucos que querem né, então eu deixo eles mais a vontade, a maioria das brincadeiras que eu realizo “o que você quer?” aí eu deixo eles escolher seus brinquedos. “Ah tia eu quero esse daqui”, aí então vai brincar com esse, aí eu deixo eles mais livres, que daí flui né.

23- Você considera que ensinar através das brincadeiras é uma boa opção?

Sim, a gente, nós professore tem que pôr em mente a criança aprende brincando né, elas também aprendem, é uma boa opção sim.

24- As crianças tem mais facilidade para aprender através das brincadeiras ou você acha que não há grande diferença?

Tem sim, ela tem mais facilidade.

25- Durante a sua formação para ser professora você teve disciplinas ou conteúdo que discutissem a questão da ludicidade e do brincar?

Sim.

26- Você recorda quais os principais temas tratados nessas disciplinas?

Eu lembro que a gente tinha oficinas de brinquedos... mas não foi assim tão... foi uma disciplina mais teórica, não teve tanta prática. Os temas eram brinquedos, jogos pedagógicos, foi mais sobre jogos.

27- Você considera importante para sua formação participar de cursos, oficinas e outras iniciativas que possibilitem você desenvolver mais essa área da ludicidade?

Sim, com certeza. A formação é fundamental né, o professor sempre tem que tá buscando né, essa formação, a gente nunca tá pronto né. Sempre tem uma novidade. Isso tá mais enraizado hoje, quando eu estudei na época eu já via TCCs falando sobre a ludicidade, então até hoje é um tema assim batido, mas como hoje tá se voltando mais pra educação infantil, se trabalhar mais, porque só se falava né, da ludicidade, até porque as escolas não tinham suporte e hoje ela tem suporte e o que tá faltando agora é o professor voltar de novo lá, pegar as leituras que já se foram feitas né, em relação a isso, ler de novo, praticar novamente e tentar ir pra prática, pra ver se melhora mais.

ENTREVISTA: PROFESSORA SUBSTITUTA C.

NEI “AQUARELA”.

1- Idade

37 anos

2- Instituição em que se formou como docente

FAIARA

3- Quanto tempo você tem na profissão?

9 anos.

4- Quanto tempo trabalha nesta escola?

3 anos.

5- Quanto tempo você atua na Educação Infantil?

5 anos.

6- Qual a sua concepção do educar?

Educação Infantil é o educar e o cuidar né? Só que na educação infantil a gente mais cuida do que educa (risos), mas a gente faz os dois, os dois estão em conjunto. O educar tem que vir com o cuidar né? Minha concepção é essa.

7- E sobre o brincar?

Tem gente que acha que o brincar é só por brincar, não, mas no brincar a gente percebe muitas coisas que a gente não percebe na hora das atividades, a interação com os coleguinhas, o modo dele se expressar, eu gosto muito de trabalhar com o brincar eu acho que tu já percebeu né? Porque através do brincar eu identifico muita coisa melhor do que na aula, na aula não dá pra gente passa um atividade ali, a gente vai observar o que? Na hora do brincar não, é a hora da gente tá se envolvendo e vai vendo mais coisa e ‘Meu Deus’ olha como é?! O brincar não é só brincar, deixar aquela criança jogada ali pra brincar mesmo só pra passar o tempo, não, a gente tá em cima observando, cada pegada de brinquedo, cada olhar. Porque tem gente que não tem essa concepção e não vê num tem, acha que a criança quando tá brincando não tem nenhuma importância. Só com o tempo que a gente vai amadurecendo, vai percebendo.

8- Como você tem trabalhado a questão do brincar?

Eu gosto mais de trabalhar o brincar com o lúdico, com dinâmicas. E também com premiação num tem?! Incentiva mais, fica mais prazerosa.

9- De que forma isso faz parte do seu planejamento?

O brincar eu sempre coloco no meu planejamento sempre como uma forma da criança não só brincar por brincar, mas o brincar prazerosamente. Sentir assim, que na escola não tem aquele olhar assim só ‘ah eu vou pra escola porque eu tenho que estudar, eu tenho a minha tarefa’. Não. Lá também é um ambiente de lazer, onde eu posso brincar com meus colegas, fazer amizade e por aí adiante. No meu planejamento ele tá incluso, não tiro ele por nada (risos).

10- E de que modo você considera o apoio à presença do brincar na sala de aula e na escola?

Tem gente que acha, tem gente não, vou falar a minha opinião. Pelo menos na minha opinião o apoio do brincar é quando a criança tá muito nervosa num tem?! Tem criança que tá muito agitada, muito nervosa que a gente coloca, agora é o momento do brincar aí eles já se acamam né? Fica até mais calmo. Eu acho que o brincar é um apoio bom, porque é tipo calmante. Não se tu percebeu, eles sempre gostam muito de ir pra sala do brinquedo. Eles pergunta ‘Tia hoje é o dia de ir pra sala do brinquedo?’ aí eu falo não.

O brincar é um apoio deles ter mais gosto, prazer né, bem espontânea a estudar.

11- Você percebe que a coordenação, a gestão e os demais professores apoiam o brincar ou na sua opinião, precisaria de mais incentivo?

Acho que todo mundo que entra na educação infantil com um tempo vai passando apoia. Apoia com certeza. Só quem não tá dentro que não apoia. Os professores trabalham sim, com certeza. Os que não trabalha procura a trabalhar num tem?! De uma forma que o brincar tem que tá inserido no meio das crianças, da sala de aula mesmo.

12- Na sua opinião, que fatores fazem com que haja pouco tempo (ou se perca tempo em trabalhar o brincar em sala) e espaço para brincadeiras na escola?

Não é perca de tempo não, acho muito importante o brincar né?! Ele nunca vai ser uma perca de tempo, porque a gente sempre vai precisar fazer isso pra poder fazer os alunos se sentirem na educação infantil. Como uma criança vem pra escola e a gente não vai nem mostrar como é o brincar, como o brincar é prazeroso. Não é só colocar o menino ali e se virar lá né, mas tem que tá intervindo lá né?! Mostrando como é ‘olha como é legal assim’.

13- É satisfatório brincar com as crianças?

Com certeza. Em todo canto que eu vou, ontem mesmo eu fui para um aniversário aí chegou assim ‘Tia ainda bem que a senhora chegou, a senhora trouxe uma brincadeira legal pra nós?’ aí eu falei ‘Meu Deus do céu, será que eu já tenho cara de brincar’ (risos) aí eu respondi ‘eu acho que eu trouxe uma, a gente já vai brincar’ e eles disseram ‘ah por isso que a gente gosta da senhora, a senhora sempre tem uma novidade’. (Risos)

14- Como você percebe que as crianças participam ou se sentem nas brincadeiras e/ou quando são desenvolvidas atividades lúdicas?

Quando a gente brinca e depois eles ‘tinha vamos brincar daquela brincadeira’ ‘mas eu não me lembro mais’ aí eles falam ‘aquela que a senhora fez assim’ (risos) aí a gente vai brincando e fala ‘ah, você gostou da brincadeira né?’, ‘gostei’, ‘então me mostra aqui como é, me mostra o que você aprendeu’.

15- A escola conta com o apoio e a valorização dos pais em relação às atividades lúdicas?

Conta sim, tem vez eles fazem até dinâmica pros pais assim, mostrando o que é o brincar mesmo né, na educação infantil, porque tem pai que fala que o menino só vai pra escola pra

brincar, vai aprender nada. Eu já ouvi muito. Ai muitas vezes a gente vai faz dinâmica de brincar ai o pai vai vendo o filho dele vai aprendendo através disso, com o brincar.

16- De que forma você percebe que há ou não esse apoio, quais são as atitudes ou comportamentos em relação a presença dos trabalhos com o lúdico na escola?

Como tem agora, a gente tá trabalhado com a diversidade né, aí a gente convida a família, pega alguns objetos pra fazer alguma dinâmica. Acho que é isso (risos).

17- Qual você considera que seja o papel do professor entre a criança-brincar e a criança-ambiente/espço?

Não soube responder a pergunta, mas comentou tentando responder que o papel do professor seria de fiscal.

18- A escola possui um espaço para brincadeiras?

Possui sim, bastante né. Já trabalhei em escola que o espaço era bem pequenininho, mas a gente ainda tinha nosso cantinho do brincar. Ainda fazia brincadeira.

19- Você considera esse espaço adequado ou inadequado para o brincar? E porquê?

É adequado sim, esse espaço é bom demais oh [...] Aqui a gente tá no paraíso.

20- Como é aproveitado esse espaço?

Gosta muito de fazer brincadeiras. Ela só não utilizou o solário para o piquenique porque a professora da outra turma estava usando e também por causa do sol que estava muito quente. Mas argumentou que gosta muito de sair da rotina da sala de aula, e fazer uma aula diferenciada no pátio, no solário.

21- Que tipo de atividades são desenvolvidas nesse espaço?

Piquenique, até banho de mangueira com os meninos, a gente faz atividade com tinta guache, atividade assim.

22- Você encontra algum tipo de dificuldade para aproveitar esse espaço? Quais?

Não. O espaço aqui é bem espaçoso, dá pra gente brincar a vontade oh! Acho o espaço bem rico mesmo, dá pra gente fazer o que quiser.

23- Você considera que ensinar através das brincadeiras é uma boa opção?

Com certeza, é mais prazerosa né? Eu gosto.

24- As crianças tem mais facilidade para aprender através das brincadeiras ou você acha que não há grande diferença?

Tem mais facilidade. A gente percebe assim num tem?! Tem uma facilidade enorme. Muitas vezes a gente bola uma brincadeira pra fazer com os meninos ai eles 'olha dá pra brincar assim também' eles mesmos, então tem facilidade sim.

25- Durante a sua formação para ser professora você teve disciplinas ou conteúdo que discutissem a questão da ludicidade e do brincar?

Tive bastante.

26- Você recorda quais os principais temas tratados nessas disciplinas?

Na tentativa de responder, relatou que essas disciplinas trabalhavam o lúdico dentro do brincar. Aprendeu como ensinar através do lúdico.

27- Você considera importante para sua formação participar de cursos, oficinas e outras iniciativas que possibilitem você desenvolver mais essa área da ludicidade?

Com certeza, cada participação é uma aprendizagem. Eu gosto muito de aprender, a fazer o aluno a criar assim, fazer brinquedo num tem?! Uma coisa pra eles mesmos.